REVISTA DE ARTE E TURISMO

PANORAMA

NUMERO ESPECIAL DO NORTE

AS LAMPADAS QUE PORTUGAL INTEIRO

PHILIPS

CONHECE, USA, PREFERE E COMPRA

arte popular nortenha

por

Cardoso Marta

A necessidade de, em épocas remotíssimas, as populações se bastarem a si-próprias, construindo as suas habitações e manipulando os utensílios de que precisavam, foi porventura, em matéria de arte, a maior fonte criadora.

Ingénua, mas espontânea e sincera, por isso mesmo mais bela, ajuda-nos a penetrar a psique dos povos, e entender o seu instinto decorativo, modificado pelo meio, clima, costumes e até convicções políticas e religiosas. Simples e rude, tradicional, à margem de qualquer ensino ou escola, ela veio pelos tempos fora, transfundindo em si o sentido de embelezar a vida, inato no navegador fenício, no agrícola celta e romano, no artífice arábico, no nórdico aventureiro, que tudo amalgamado e confundido veio a traduzir-se, entre nós, nas maravilhas que saem da mão calosa do homem da montanha, do campo ou do mar.

Razão tinha Franchot quando escreveu que Portugal se podia gabar de ter algumas das mais ricas e pitorescas criações do génio popular que topar se podem em tôda a Europa. E, no entanto, o viajante luxemburguês cursara, em repetidas viagens, a Suíça aliciante, o Tirol, de tão variada indumentária, as regiões ribeirinhas da costa oriental do Adriático, as cativantes Roménia e Húngria, a misteriosa Rússia, e visitara a fascinante Constantinopla de desvairadas

(Continua)

Publicidade PANORAMA
1903
EM 1903 A BRASILEIRA, NO
PÔRTO, INICIAVA A CAM
PANHA DO CAFÉ. E PARA
HABITUAR O PÚBLICO
OFERECEU-O DURANTE 14
ANOS GRATUITAMENTE
* * * * * * * *
HOJE, PASSADOS 38 ANOS,
A BRASILEIRA CONTINUA
A MANTER A SUA CAMPA-
NHA A FAVOR DO CAFÉ,
VENDENDO-O CRU, TORRA-
DO, MOIDO E À CHÁVENA
O melhor café é o da Brasileira
HOJE
O melhor café é o da Brasileira
A BRASILEIRA
PÔRTO · 61, RUA SÁ DA BANDEIRA, 91 · PÔRTO

gentes, países em que o povo, em conjunto de criações artísticas, anda na vanguarda dos mais.

Com efeito, Portugal exibe aos olhos embruxados de quem nos visita uma riqueza etno-folclórica espantosa e não falta quem, oralmente, ou pelo livro e jornal a louve, nem os que, de regresso ao seu país, pejem as bagagens com traios regionais e objectos de tôda a ordem — louças, côlchas, tapeçarias, bordados e até peças de mobiliário.

Mas é designadamente em terras de Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes e Beira-Douro, que mais realçam e luzem estes predicados étnicos. Dê-se o viajante ao prazer de dar uma assaltada até lá e, se não conhece os sítios, a paisagem inspirativa, a casa, o indumento, as usanças, o folclore riquíssimo, por fôrça voltará encantado. E então, se tiver ensejo de ver uma feira, uma romaria, uma ronda, qualquer festa aldeã, em suma, o encantamento será total, empolgado como fica por tudo isto, que irresistivelmente atrai e absorve.

A casa rústica nortenha já de per si é um adorável pequeno museu de coisas belas. Na cozinha, o lar, o mobiliário com as simpáticas arcas de «escano», os bancos, as cantareiras enfeitadas de papel recortado, onde as loiças de Barcelos nos encantam pelas linhas e decoração, nos seus tons vermelho ou amarelo lácteo e as de Bisalhães ou Vilar-de-Nantes pela côr negra realçada por curiosas decorações florais ou simplesmente de ornatos geométricos sàbiamente combinados; as alcôvas, com sua cama de armar, vestida de lençóis arrendados de linho ou estôpa, onde sobressaem as lindas cobertas dos teares de Urros ou de Terroso, ainda não industrializadas; a candeia amiga, de lata, ferro ou latão, sodalícia das horas amargas e felizes; as teigas, açafates e balaios, para pão ou frutas, de palha ou vime entrançado e pintalgado de côres alegres; e à porta, à janela ou nas largas varandas soalhentas, em tardes mais desocupadas da tarefa rural, ou à lareira nos longos serões de inverno, a mulher fiando, como nos tempos heróicos da Grécia nas graciosas rocas de cana ou de madeira entalhada e pintada, que por todo o Norte se topam, desde os aros do Pôrto à extrema fronteiriça de Bragança.

Se o excursionista percorrer a tira de costa setentrional, seguro estou de que ficará seduzido com os ritos, crendices e costumeiras da gente do mar. Mas aqui, a melhor recordação será a dos barcos que navegam as águas costeiras, de que o catálogo da Exposição de Arte Popular do S. P. N. diz: «... barcos humildes — e ao mesmo tempo de tanta galhardia! — que o povo criou para as suas fainas obscuras... Aí tendes, nessa linda ovante de cascos, velames e mastros, os mais representativos da sua classe: o rabêlo do Douro, que desce o rio atordado de pipas; o «cortiço» de Aver-o-Mar, de uma simplicidade bárbara de jangada...».

Se, visitada a orla atlântica, enveredar para o interior, cruzando montes e vales, atente, que são muito para ver-se, nos carros de bois, descendentes directos do «plaustro» romano, e, talvez mais longe, das comunidades primitivas, os quais, estradas fora, à ida matinal para o labor dos campos, ou à tardinha, no regresso aos lares, fazem ouvir duas ou três notas arrastadas duma melopeia, que nas almas propensas ao sonho, instila suave melancolia. É sôbre o cachaço encoirado dos barrosões longicórneos atrelados a estes carros, que avulta a sedutora peça de madeira entalhada que é o jugo enfeitado com torcidos, gregas, cruzes e albarradas de arcaico e caprichoso debuxo.

E não raro pende, de algum fueiro, a linda corna para azeitonas, de chifre, como o seu nome inculca, com desenhos incisos de imprevista fantasia.

E, como nestas, a cada passo tereis o ensejo de ver como o povo, instintivamente, procura tornar agradável, embelecendo-o, o ambiente em que vive, e os objectos de que se serve: o cabo de uma faca, ou de uma foice, um fuso, um «pontão» de arcaz, um assoprador, uma cabaça de vinho, um «arrôcho» de emmòlhar, um pau ferrado de varrer feiras...

Agora, por feiras. Entremos numa. Aqui e além, no intervalo das barracas de comes-e-bebes, de tiro ao alvo ou de monstruosidades teratológicas, alastram no chão as loiças de variada procedência, aspecto e decoração, carreadas de olarias minhotas até às dos confins bragançanos. Desdobram-se, em vasto estendal, as mantas, cobertas e côlchas de algodão, lã, seda, linho ou trapo entrançado, sóbrias ou afogadas de tintas, harmoniosas ou desvairadas, serênas ou berrantes, mas sempre de bizarro lavor e incomparável beleza de côr, que mãos obscuras teceram em Terroso, em Ribeira-de-Pena, em Bucos, em Guimarãis, em Urros... Mais adiante, as serguilhas e mandís de Barroso, de trama grossa e originalíssimos padrões; os aventais variegados, os liteiros, rodapés e panos de mesa e até os «listrões» poveiros, com que os pescadores regalam as conversadas.

Rompendo entre a chusma, vemos, alvejando em largos taboleiros, a rendaria de bilros de Vila-do-Conde e de Viana, a azul e vermelho sôbre linho branco, os bordados de Guimarãis e Santa Marta, e, com enternecida surpresa, êsses adoráveis lenços de namorados, onde a agulha, guiada por amorosas mãos femininas, escreveu, a ponto-de-cruz ou matiz, quadras e legendas ingénuas ilustradas por corações asseteados, aves e flores. Em lençóis esticados, multiplicam-se os característicos cravos de papel e penas, onde tremuluz o brilho do palhão multicor.

Agora, é um grupo que discute acalorado. Que estranho vestuário lhes envolve o corpo? Êste, das serranias de Montalegre ou dos costados do Marão, enverga uma espécie de capa feita de palha em camadas, sobrepostas. É a «coroça», impermeável às bátegas e aos frios polares da região. Aquele traja um vasto gabão castanho escuro, de romeiras e largas tiras golpeadas: é a capa-de-honras dos dias grandes, que lhe dá um vago ar de sacerdote de algum sombrio rito ibé-

(Continua)

O CAFÉ PARA O BOM APRECIADOR
CAFÉ COLONIAL
AROMÁTICO
AGRADÁVEL
SABOROSO

rico ou druída. Mas logo, noutro grupo que à sombra de um plátano bebe copinhos de licor e trinca uns bolos de curioso geito zoormórfico, em feitio de aves, peixes, lagartos e até de forma humana, vemos a jaqueta curta e cinta do campónio minhoto, a arco-irisada indumentária das mulheres de Viana, em contraste com a das serranias transmontanas, mais grosseira e sombria, até ao distrito de Bragança, onde elas andam de casaquinho curto, sáia de saragoça campaniforme e lenço amarrado à cabeça, a modos de touca.

No litoral, o vestuário é mais leve, mas nem por isso menos afeiçoado às mudanças bruscas do tempo e ao tráfego do mar. O dos pescadores de Viana e o trajo branco dos sargaceiros da Apúlia são os mais típicos da orla atlântica do norte.

Nalguma que outra festa, surgem os trajos estravagantes das antiqüíssimas danças dos ferreiros, em Penafiel, rei David em Braga e dos pauliteiros em Miranda-do-Douro, que Lisboa já viu embasbacada, pelo menos duas vezes.

Ali em baixo cruzam-se os silvos de apitos. Alguma desordem? Não. Trata-se apenas do mostruário do bonecame de Barcelos e Prado, em geral provido de um assobio na base, que o rapazio assopra desalmado. E digo-lhes que vale a pena conversar em silêncio com essas figurinhas, em aparência inocentes, de barro branco pintalgado de azul, vermelho e amarelo os da primeira origem, de barro vidrado os da segunda, variado mundo onde, a-par-de fantasias indiscritíveis e grupos de sentido erótico, tão do gôsto popular, se alinham representantes de tôdas as profissões e até gente sem profissão... Viajando como pudermos por entre os montões de melão e melancia, algumas já esfaqueadas, como ventres abertos a mostrar as entranhas sangrentas, encontramos os jugueiros, e os roqueiros, os feirantes de mobília rústica, os de chinelas bordadas de Viana e Guimarãis, os adelos e os ourives ambulantes de Travassos e Gondomar, que acampam abarracados, exibindo os grossos grilhões reluzentes, e os volumosos corações, arrecadas, brincos e cruzes de Malta, de filigrana, velho labor caseiro hoje quási industrializado, campo coruscante onde fica prêso o olhar cúpido da maçoila minhota, como seus atavios preferidos.

A romaria ou arraial minio-duriense dos trasmontanos é, por assim dizer, um complemento da feira e, às vezes, mesmo, encontram-se as duas. A mais, só a nota religiosa da festa da igreja, obrigada a missa cantada, sermão e procissão. Tudo aqui se conjuga para dar quadro estonteante e luminoso, festa muito nossa, de fisionomia muito própria, inconfundível com as dos outros países. Celebradas, na sua maioria, na época estival, sob um sol estival, que queima e poderosamente alumia o ambiente, a romaria é, ao lado da religiosa, uma festa pagã, ampla e multiforme exibição da arte rústica.

Dentro do templo, por detraz da cortina escarlate do guarda-vento, com sua custódia bordada ao centro, algum irmão ou seu mandatário vende estampas do santo festejado, rosários e verónicas. E cá fora, às vezes arrumados aos muros da igreja, os cerieiros esperam os promessistas, que de longe acorrem, às vezes bizarramente vestidos, no cumprimento de um voto, e, segundo êle foi, ali adquirem uma vela efeitada, uma perna, um nariz, uma orelha ou uns seios de cêra, que vão depôr no altar do santo intercessor.

Para vir à romaria, sai de casa o mulherio com o melhor do seu «asseio» e cuidadosamente vestido «de composto». Êle é o casaquinho justo, êle a graciosa algibeira trabalhada, êle a meia bordada e a chinelinha de pontos, que infelizmente vão trocando pelo corriqueiro sapatinho das senhoras citadinas. E a completar a garridice do trajo, uma cascata de oiro escorre-lhe do pescôço sôbre o arqueado dos seios. O indumento masculino é mais sóbrio, ainda que nalguns pontos, como por exemplo à volta de Guimarãis, o homem, por via de regra, menos conservador que a sua companheira, se afinca mais à tradição — jaqueta curta, camisa bordada ou pregueada, cinta, sapatos de bezêrro, cravo atrás da orelhas, e registo no chapéu.

A cada passo topamos os parzinhos namorisqueiros; e são a melhor prova da afeição o lencinho bordado que se entreofertam, e a famosa «cantarinha das prendas», com que as cachopas tentam instalar-se no coração dos seus «mais-que-tudo». São de barro vermelho, rebrilhando de mica, de uma guapice rebuscada, com duas asas, têsto e pucarinha, e enfeitados com flores, aves, pombos e cabeças leoninas. As raparigas levam nas às barracas de «segredinhos», onde a rapaziada amoruda concorre depois a disputá-las.

Anima-se a romaria. Roufenha um harmónio ou um realejo, zangarreiam violas e cavaquinhos, ou atroa os ares uma filarmónica. Começam os bailaricos. Formam-se pares. E a festa prolonga-se pela tarde fora, até que, noite cerrada, renques de foguetes girandolam e começam a esfusiar as rodas a crepitar os bonecos de fogo preso — o bate-sola remendão, o deita-gatos, o sacrista e a beata, o magala e a sopeira, série de tipos truanescos que mais chocam a imaginativa do fogueteiro provinciano.

Queimado o último foguete, engulido o último copo, fechada a última barraca, todos recolhem em grupos, estrada fora, sob a cariciosa benção do luar ou das estrêlas, bendizendo as horas bem passadas, que lhes fizeram esquecer, ao menos por êsse dia, a rudíssima luta da vida. E se tu, viajor interessado e conversável, te encontras ali nesse momento, tendo feito, através do Norte português, a viajem sentimental em que observaste, conheceste e entendeste o nosso bom povo, nos seus júbilos e nas suas máguas, na sua vida pública e familiar, nas suas fainas do dia-a-dia, nos louçanios da sua arte adorável, ficarás, se és português, orgulhoso de o ser, se de alheias gentes, amando, admirando e bendizendo a doce e boa terra de Portugal.

LISBOA, R. GARRETT, 28-30 - R. AUGUSTA, 138-140 * PÔRTO, ARMAZÉNS CAPELA - R. DAS CARMELITAS,
A Pompadour
UMA cinta "Pompadour"
confeccionada com todos os
requisitos técnicos e esté-
ticos, é um escultor invi-
sível, que nos bailes, nas
ruas, nos teatros e na inti-
midade, burila constante-
mente a sua feliz possuidora
Publicidade Panorama

O Salão Nobre do Grande Casino

ESPINHO, *animadíssima zona de jôgo e de turismo, não deve sómente aos encantos da paisagem e do clima a preferência que lhe dão tantos milhares de portugueses e estrangeiros. Deve-a, tambem, ao facto de possuir um* **GRANDE CASINO** *e um* **PALÁCIO HOTEL** *cujas modernas e luxuosas instalações satisfazem as exigências dos mais civilizados turistas.*

O "Hall" do Palácio Hotel

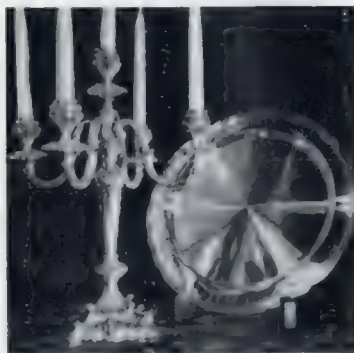
VA

PYREX
Estamos na época dos presentes. Mas os tempos estão difíceis e é preciso pensar na utilidade do que se compra. Distinga os seus amigos com uma oferta de qualidade: Os vidros «Pyrex», inalteráveis e inquebráveis, que duram eternamente e perpetuam as suas amisades.
Vidros «Pyrex», para culinária, resistentes ao calor, próprios para o forno. Pratos cobertos. Travessas. Caçarolas. Taças para doce. Fôrmas para pudins. Chaleiras, bules e cafeteiras, etc.
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

Aqui se aconselha...

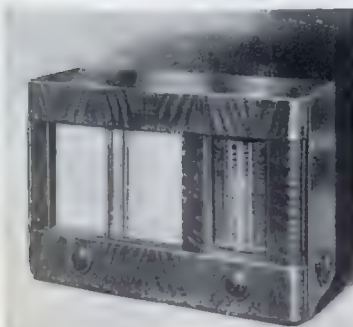
NÃO tenha dúvidas! — Só poderá exigir à sua dactilógrafa que trabalhe com rapidez e perfeição se lhe der uma boa máquina. Compre uma *Remington, modêlo 17*, (silenciosa e com várias inovações) e obterá os seus trabalhos com mais rendimento e melhor execução. REMINGTON PORTUGUESA, LDA., Rua da Misericórdia, 20, 1.º, telefones 2 1802 e 2 1803, Lisboa. Rua de Sá da Bandeira, 69, 2.º Esq., telefone 1276, Pôrto.

PALMARES é a marca portuguesa de chapéus para homem que, sem dúvida alguma, desde há bastante tempo se impôs à preferência das pessoas de bom gôsto. PALMARES continua afirmando a qualidade e a elegância dos seus chapéus. O modêlo mescla cinzento agora apresentado — o que se vê na foto — mostra a verdade destas afirmações. O chapéu PALMARES vende-se na Camisaria e Chapelaria Phebus, Lda., na R. do Ouro, 285-289, em Lisboa.

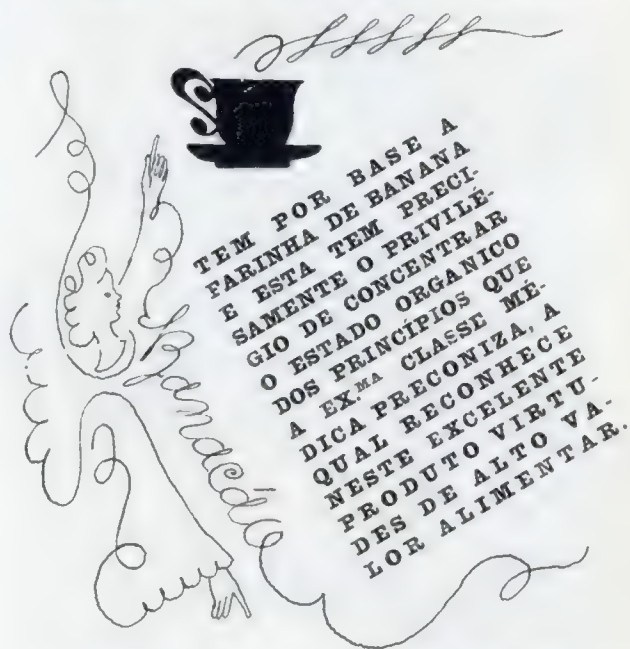
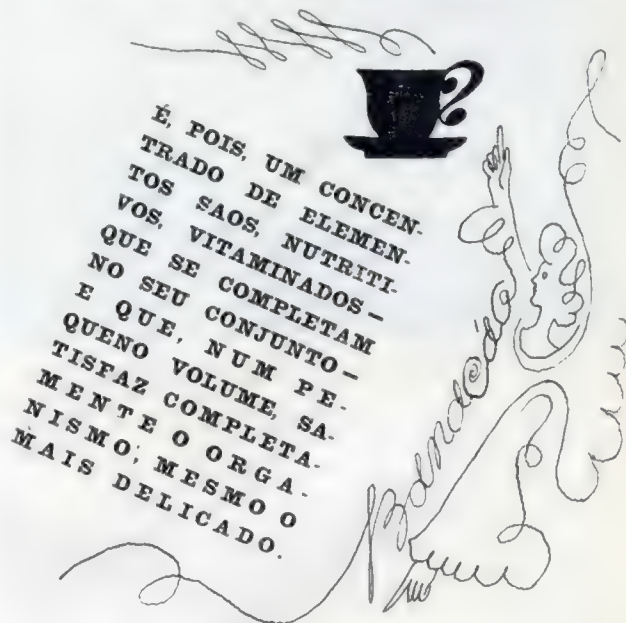
SHEAFFERS, é, na América, a caneta de tinta permanente n.º 1. A PAPELARIA VASCONCELOS apresenta a foto dum lindo estojo desta marca, ainda pouco conhecida em Portugal, e de que é revendedora. Mas, a mesma casa, na Rua da Prata, 270, Lisboa, também vende canetas doutras marcas: além das afamadas SHEAFFERS, possui variado sortido de Waterman's, Parker, Eversharp e Montblanc. — Telefone 2 2370.

CHEGADO o Natal, é sempre preocupação a escôlha de um brinde a oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247 em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

que leia, veja e compre

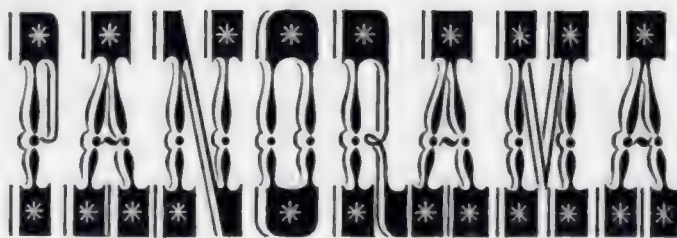
UMA das maiores preocupações das boas donas de casa é a economia da luz eléctrica. Mas essas preocupações não têm já razão de existir. As lâmpadas *Tungsram-Krypton* acabaram de vez com elas, pela extraordinária economia de consumo. Interrogue alguém que tenha o bom senso de usá-las, e verá que lhe responde prontamente: A lâmpada *Tungsram-Krypton*, porque gasta menos, dando uma luz intensa e brilhante, deve ser a preferida na sua casa.

POR que estamos atravessando a época das chuvas e do frio, não deve deixar de prevenir-se com uma esplêndida GABARDINE PARIS. — E não esqueça que pode encontrar um bom e utilíssimo presente para oferecer nesta quadra festiva, entre o variado sortido em luvas, camisas, «cache-cols», gravatas, peúgas, lenços, colarinhos de goma, abotoaduras, etc., à venda na conhecida GRAVATARIA PARIS, na Rua do Ouro, 172, em Lisboa.

ÊSTE Rádio é um ORION, 42-144, a maravilha da indústria europeia. É um super-heteródino de 4 válvulas Tungsram e capta em três escalas: ondas curtas, médias e longas. Tem compensação automática de «fading», a par doutras novidades técnicas que bastante o valorizam. O RÁDIO ORION apresenta um conjunto feliz de perfeição técnica e riqueza de som. Peça uma demonstração à Radiófila, Lda., Rua Nova do Almada, 80, 2.° em Lisboa.

A RELOJOARIA MAURY — Rua Aurea, 202, em Lisboa, — apresenta, nesta foto, a última novidade de relojoaria que é, também, lindo e útil presente de Natal: o CALENDOGRAF, que lhe diz o dia do mês e o dia da semana, horas, minutos e segundos. Êste relógio é um modêlo MOVADO, marca já considerada por tôda a gente, de incontestável fama mundial. A RELOJOARIA MAURY tem, também, o maior sortido em relojoaria.

BANACÁO

BANACÁO

BANACÁO
É SAUDE PARA TODOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DA ROSA, 277, 2.º - TEL. 2 9311 - LISBOA

ANO 1941

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO MENSAL DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NUMEROS 5 e 6 ★ DEDICADOS AO NORTE ★ VOLUME 1.º

CAPA: GRAVURA DO PORTO, ARRANJO DE BERNARDO MARQUES.—DESENHOS DE CARLOS BOTELHO, DORDIO GOMES, BERNARDO MARQUES, EMMERICO NUNES, MARIA KEIL, PAULO FERREIRA E TOM. — FOTOGRAFIAS DE ALVAO, ENG.º ANTONIO FERRUGENTO GONÇALVES, ANTONIO MENDES, ANTONIO PARRO, BELEZA, CARLOS RIBEIRO, FRANCISCO SANCHES, ENG.º G. BARREIROS, HORACIO NOVAES, J. TEIXEIRA, JOSE AUGUSTO, JOSE MESQUITA, MARIO NOVAES, MARQUES DE ABREU, OLIVEIRA ALVES, SALAZAR DINIZ, TAVARES DA FONSECA E TOM

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 15$00, 12 números 30$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 17$50, 12 números 35$00 — Estrangeiro, 6 números 20$00, 12 números 40$00

PREÇO: 7$50

J. C. Alvarez L.da

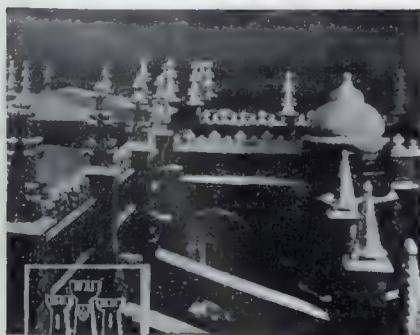
BRAGA

PÔRTO

GUIMARÃIS

LAMEGO

VILA REAL

VIANA DO CASTELO

BRAGANÇA

GUARDA

VISEU

PARECEM-NOS DE TAL MODO EVIDENTES AS RAZÕES POR QUE DEDICAMOS AO NORTE DO PAÍS ÊSTE PRIMEIRO NÚMERO ESPECIAL DE **PANORAMA** *QUE NOS ABSTEMOS DE EXPLICÁ-LAS. ESSA MESMA EVIDÊNCIA PRESSUPÕE A PUBLICAÇÃO DE OUTROS NÚMEROS CONSAGRADOS, A SEU TEMPO, ÀS PROVÍNCIAS DO CENTRO E DO SUL.*

ASSUNTO VASTÍSSIMO, NÃO PODÍAMOS TER A PRETENSÃO DE ESGOTÁ-LO — SEQUER DE ABRANGÊ-LO TOTALMENTE — EM TÃO RESTRITO VOLUME DE PÁGINAS. HÁ SEMPRE, NAS PANORÂMICAS, PORMENORES FOCADOS NOS PRIMEIROS PLANOS E OUTROS QUE AS LEIS DA PERSPECTIVA REDUZIRAM OU QUE A DISTÂNCIA ESBATEU. ISTO NÃO SIGNIFICA QUE SEJAM AQUELES MAIS IMPORTANTES DO QUE ÊSTES, SENÃO QUE FOI MAIS PERTO DOS PRIMEIROS QUE O OBSERVADOR SE COLOCOU.

POR ISSO NOS LIMITAMOS A DESEJAR QUE ÊSTE NÚMERO SEJA, EM RELAÇÃO AOS LEITORES, PONTO DE REFERÊNCIA *— E, EM RELAÇÃO A NÓS,* PONTO DE PARTIDA *PARA MAIS LARGO E PROFUNDO CONHECIMENTO DA PAISAGEM, DA ARTE, DO FOLCLORE, DAS INDÚSTRIAS E DOS ELEMENTOS DE ATRACÇÃO TURÍSTICA DAS NOSSAS TÃO BELAS REGIÕES NORTENHAS.*

PÔRTO DE LEIXÕES

por

Rogério Mendes

Devem estar ainda na memória de tôda a gente as vicissitudes por que passou o projecto, já antigo, de adaptação do pôrto de abrigo de Leixões a pôrto comercial. A-pesar-do empenho da cidade do Pôrto e de todo o Norte nessa obra, das inúmeras promessas e tentativas de realização, o problema só foi resolvido pelo Estado Novo. Esta é, portanto, uma das primeiras grandes obras do Ressurgimento Nacional, a que fica particularmente ligado o nome do senhor Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Eng.º Duarte Pacheco. Dirige actualmente o Pôrto de Leixões, conjuntamente ao do Douro, o Eng.º Rodrigo Guimarães, a cuja amabilidade devemos os elementos para a elaboração dêste artigo.

A criação do pôrto comercial envolvia três grandes trabalhos: a construção de uma doca, a abertura de um canal de acesso e a protecção de todo o pôrto e, especialmente, dos locais de acostagem contra a agitação exterior, que atinge, em ocasiões de temporal, uma violência incalculável. Êsses trabalhos estão hoje, pràticamente, concluídos. A Doca do pôrto de Leixões há um ano que presta serviços à navegação e ao comércio e, a-pesar-da enorme quebra do movimento marítimo, a tonelagem de mercadoria movimentada aumenta de mês para mês, vindo de 16.000 toneladas em Janeiro dêste ano, a 52.000 em Setembro.

A navegação mostra preferência nítida pelas facilidades que o novo pôrto oferece; na ausência, por assim dizer completa, dos antigos visitantes ingleses, alemãis, escandina-

Os guindastes de uma das docas. — Trecho da Doca n.º 1. — Panorâmica do Pôrto de Leixões

OBRA GRANDIOSA DO RESSURGIMENTO NACIONAL

vos, etc., as unidades da frota mercante nacional aparecem em número cada vez maior e o público do Pôrto pode vêr acostados aos cais de Leixões muitos navios portugueses que nem de nome conhecia.

O interêsse que tem para a importante região industrial e comercial do Norte, êste novo organismo, pode avaliar-se, lembrando que, em tempos normais, o conjunto dos portos do Douro e Leixões movimentava, anualmente, na importação e na exportação, um total de apròximadamente um milhão de toneladas das mais diversas mercadorias.

A distribuïção da tonelagem pelos dois portos fazia-se na proporção de 4 partes para o Douro e 1 parte para Leixões. No Douro não existem instalações modernas de carga e descarga, e em Leixões quási todo o movimento se fazia no pequeno cais acostável do molhe sul, recentemente prolongado.

Com a abertura da Doca — e a avaliar pelo que se verificou nos primeiros dez meses dêste ano — essa proporção inverteu-se a favor de Leixões, como primeiro sinal da preferência que a navegação mostra por êste moderno pôrto de comércio com entrada fácil a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer estado da maré, dispondo de ancoradouros seguros e bem abrigados, e de uma magnífica doca comercial.

Trabalha-se, ainda, no apetrechamento dos seus terraplenos, através de tôdas as dificuldades de aquisição do material que não é fabricado no País.

Tal é o caso, por exemplo, dos guindastes cuja construção vai ser confiada à indústria nacional, por ter sido impossível obtê-los das casas construtoras estrangeiras.

No entanto, utilizando os paus de carga dos navios e maior número de homens para arrumação da mercadoria, tem-se conseguido descarregar e arrumar por navio até 1.700 toneladas diárias, o que deve ser considerado como um excelente resultado.

Uma parte importante do movimento da Doca é constituída por cereais provenientes da América, destinados ao abastecimento da Suíça.

A redução do tráfego marítimo, devido à guerra, faz-se sentir fortemente, como é natural, nos portos do Douro e Leixões. A-pesar disso a conclusão a tirar, no fim dêste primeiro ano de trabalho, com as novas instalações do Pôrto de Leixões, é a de que a solução é boa, e justifica as previsões mais optimistas sôbre o futuro movimento do pôrto.

Alguns aspectos que documentam a grandeza e a importância do Pôrto de Leixões

PÔRTO

Antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade

por ANTÓNIO CRUZ

Pelourinho do Terreiro D. Afonso Henriques

ASSIM a tratavam, em suas Cartas, os reis de Portugal. E estas são as palavras que andam gravadas no listel das suas armas.

Antiga... Tão antiga que sua origem se perde na noite dos tempos! Não importa remontar sua história à criação do mundo, pois não é nosso propósito imitar aqui o primeiro cronista da *Monarquia Lusitana*. Todavia, é de aconselhar o registo dêste documento de antigüidade: dos tempos pré-históricos, algo tem aparecido na região, nomeadamente da cultura asturiense. Depois, transportando-nos para a era cristã — para os *nossos dias* — registe-se também o aparecimento duma ara votiva consagrada aos *lares marinhos*, aos deuses protectores dos que andavam sôbre as ondas do mar. E fala-nos êsse pequeno mas valioso e incomparável monumento — exemplar único na Península, até hoje — dum Pôrto distante, coevo do domínio romano, com seus naturais e moradores já devotados ao tráfico por via marinha, ao comércio com terras distantes, ao trabalho, em suma... E o velho burgo medievo, aninhado por detrás da cêrca de muralhas! Raro encanto é evocar, ainda hoje, o seu viver, recolhido e alacre a um tempo: e a evocação pode fazer-se perante os recantos pitorescos do velho morro da Cividade e do velho morro da Sé, calcurriando suas encostas, — onde tudo são moradias típicas muito encostadas umas às outras, ao jeito de amigos velhos que fazem confidências, pequenos nichos com imagens ingénuas, padrões inegualáveis da Fé, debruados por flores pobresinhas, um que outro portal gótico numa viela, certo pano de muralha, testemunho de feitos valorosos, muito escondido num pátio, restos dum painel de azulejo, confidente de mil queixumes, com uma lâmpada singela a esparrinhar sombras... E é esta a *antiga cidade*.

Muito nobre e sempre leal foi ela no decorrer dos séculos: nobre pelos feitos dos seus naturais, leal por tôdas as suas acções. Põe-se a gente a lembrar suas páginas de glória e logo nos acode um sem-número de lances em que foi posta à prova a nobreza e lealdade do Pôrto: quer em 1147, exortando, através da palavra convincente do Bispo D. Pedro Pitões, os cruzados do norte, que demandaram a barra do Douro e íam a caminho do Oriente, a prestarem seu auxílio a D. Afonso I para a conquista de Lisboa e ainda concorrèndo também, sob o comando do seu Prelado, para que fôsse alcançada tal vitória contra

Um ângulo inédito do cláustro da Sé do Pôrto. — Aspectos de urbanismo moderno: um bairro de Casas Económicas; a escola.

Fotos de António Mendes e Tom

o infiel; quer em 1415, armando e socorrendo com todo o sustento preciso a armada garrida, aparelhada sob as vistas e comando do Infante D. Henrique, e que se portou com tanta galhardia na conquista de Ceuta; quer auxiliando por os modos mais diversos, com dinheiro, com mantimentos e com o saber e experiência de seus naturais, a epopeia das descobertas; quer em 1580, nas vésperas da usurpação, colaborando com D. António I, rei infeliz que reinou breves dias, nas lutas pela manutenção da independência; quer durante o domínio filipino, concorrendo para o socôrro a levar às nossas conquistas do ultramar, ameaçadas pelo estrangeiro; quer na Restauração e na guerra da Aclamação, lutando pela Pátria; quer em 1808, soltando o primeiro grito de revolta contra o invasor; quer em 1809, quer em 1810, quer em 1820, — sempre que se tornou preciso restituir Portugal aos portugueses. E hoje, nesta hora de ressurgimento, onde está a terra do país que tenha colaborado com maior lealdade e entusiasmo na obra que Salazar empreendeu levar a cabo? E é esta, por tais motivos, a *muito nobre e sempre leal* cidade do Pôrto.

E sempre foi *invicta:* que ninguém tente desvirtuar as altas qualidades de seus naturais, de todo apegados ao trabalho que dignifica, labutando de sol a sol, — e, por isso mesmo, em extremo afeiçoados à sua terra e ciosos dos seus direitos e velhos privilégios. Há quem os classifique de liberais, com certo jeito de mau nome. Pois liberais êles são, em boa verdade, mas liberais na melhor acepção do têrmo: ninguém como êles quere a liberdade da terra portuguesa e por ela sabe lutar, ninguém como êles usa da maior liberalidade quando im-

Foto e gravura de Marques de Abreu

N. S. DE VANDOMA (SÉ DO PORTO)

plas, de praças bem delineadas, de bairros arejados e cheios de sol. O seu município, de tão ricas tradições, ausculta-lhes os anseios: e eis que vai a caminho do seu fim o estudo e o plano da urbanização da cidade...

A cidade-nova em tudo será digna do velho burgo. Os dois, de mãos dadas, — o passado aliado ao futuro — hão-de garantir ao Pôrto o seu lugar incontestado de capital do trabalho. O Pôrto será sempre a *antiga, muito nobre, sempre leal e invicta*

«... cidade, onde teve Origem (como é fama) o nome eterno de Portugal.»

porta remediar o infortúnio do próximo. É de ver quantas são as instituïções de assistência por êles mantidas, é de apreciar a soma de seus donativos, todos os anos, sempre que alguém apela para a sua jamais desmentida generosidade.

E outros não há na terra de Portugal que votem maior amor ao berço natal. Êles vivem, como se fôssem suas, tôdas as horas da sua terra. Interessam-se pela sorte do velho burgo, querem-no defendido, valorizado, reïntegrado na sua feição primitiva. Mas não lhes basta o culto do passado: êles, os nobres e leais filhos do Pôrto, querem a sua terra à altura do seu nome, desenvolvida, melhorada, modernizada. E eis que surge uma cidade-nova, alargando-se pelo velho termo, de ruas am-

Fotos de Tom e António Mend

BRAGA

CAPITAL DO MINHO. — *Foi a* Bracara Augusta *dos romanos.* — *É hoje uma grande cidade industrial (ourivesaria e chapéus de feltro), de 414.784 habitantes (senso de 1930).* — *Monumentos principais:* Sé; *igrejas da* Misericórdia, *de* Santa Cruz, *de* São João do Souto *e de* São Frutuoso; capela dos Coimbras; *vários* solares *e* fontes *admiráveis: (Armaud Dayot confessa a deslumbrada surpresa de ter contado mais de sessenta fontes em Braga); Panoramas:* Bom Jesus do Monte *e* Sameiro. — *Hotéis:* Grande Hotel, Aliança *e* Francfort. — *Restaurantes:* Astória, Peninsular *e* Aliança. — *Especialidades:* frigideiras, dôces.

MINHO. Noutros tempos, era esta província englobada na designação genérica de comarca de Entre-Douro-e-Minho. «O rio Minho — diz o professor Amorim Girão no *Esbôço duma Carta Regional de Portugal* — a-pesar-de dividir duas regiões absolutamente semelhantes, foi o extremo limite a que chegaram as nossas conquistas para o Norte, tornando-se, por isso, a linha natural que devia separar-nos, primeiro do reino de Leão, e depois da Espanha unificada».

Conveniências de vária natureza levaram os poderes públicos a separar as duas províncias, não tendo sido estranhos a esta decisão certos elementos diferenciadores — tanto païsagísticos como etnográficos. Diz ainda o professor Girão: «A forma especial de falar é talvez o índice mais perfeito da diversidade de características antropo-geográficas que se nota entre as populações minhotas e durienses».

Dentro dos limites estabelecidos pela actual divisão administrativa, o Minho ficou mais nítido, mais fàcilmente definível. O *alegre Minho,* o *risonho Minho,* o *Minho das romarias e dos viras...* são expressões que têm, agora, um significado mais concreto, mais exacto. Dantes, quando se fazia referência a estas virtudes tão especìficamente minhotas, havia dificuldade em localizá-las no espaço, em enquadrá-las na païsagem.

Que tudo ali é risonho, desde a luz quási metálica à frescura da vegetação e às côres vivas e quentes dos trajos populares — eis um lugar-comum impossível de evitar, sem induzir em êrro quem nunca tivesse visitado o Minho e desejasse saber o que melhor o define.

Se a alegria ou a tristeza de uma païsagem se comunicam a quem, mesmo de passagem, a contempla, com mais forte poder influem na psicologia, na índole dos que nela habitam. Imagine-se, por momentos, os alentejanos a dançar o vira e os minhotos a entoar os dolentes coros do Alentejo... O minhoto, como o alentejano, tem a sua païsagem dentro de si. Naquele, é o verde fresquíssimo da vegetação, o recortado perfil das serras, a graciosidade dos rios, a policromia, a variedade de formas e de aromas; neste, a lonjura das planícies, onde as searas se estendem, ondulando, até à linha do horizonte, ou a terra escalda, núa e revolvida, sob as ardências do sol estival. Daí a espantosa, a abísmica diferença entre os dois temperamentos, flagrantemente expressa nos cancioneiros musicais das duas províncias: optimismo exuberante nas canções e dinamismo nos movimentos coregráficos do povo minhoto; profundidade, melancolia e continência rítmica nos coros e bai-

lados da gente alentejana. Foquemos a nossa memória auditiva nos instrumentos que dominam a algazarra das romarias e das feiras do Minho: — o cavaquinhos, o bombo, os ferrinhos... Aí temos a alma da região, a índole esfusiante e dinâmica dos seus naturais.

A tradição dos costumes mantem a mesma integridade das características folclóricas (veja-se o *Cancioneiro Minhoto,* de Gonçalo Sampaio, recentemente editado) e do estilo de trabalho dos minhotos. Se foi no coração dessa terra fecunda que germinou e floriu a nacionali-

dade portuguesa (¡quantos monumentos nela assinalam, por tôda a parte, heróicos passos da história pátria!) foi também aí que as mais fundas raízes da alma nacional permaneceram, até aos nossos dias, mergulhadas.

O Minho é a nossa infância; e a nossa infância é o que há em nós de mais puro e de mais *vivo.*

Sente-se bem isto no timbre da religiosidade das populações da província, onde é mais acentuada a tendência para a glorificação da vida, do que para a exteriorização pomposa dos sentimentos fúnebres.

Mas que isto não seja entendido como sinal de frivolidade ou de extravasante sensualismo, embora o ritual festivo de algumas diversões populares (principalmente as *Maias*) conservem reminiscências pagãs.

Ainda que a paisagem e a exuberância popular inspirem, pela alucinante variedade e estridente coloração, idéias e sentimentos ligeiros a quem, de passagem, as observem, basta conhecer de mais perto a mulher minhota (na decisão e constância com que labuta nos campos e em casa; na compostura com que se diverte; na gravidade com que ama, gera e educa os filhos) para compreender que é êsse, talvez, o único aparente contraste entre a geomorfologia do Minho e o verdadeiro carácter dos seus naturais.

C. Q.

Desenho de Carlos Botelho

À direita: Uma «esquadra» de rabelos. – Foto Tavares da Fonseca

Quando disse adeus ao Pôrto
Das janelas do navio,
Eram as lágrimas tantas,
Sem chover, crescia o rio.

Tudo o que no mar embarca
À barra do Pôrto vem:
Tudo vejo vir à vela,
Só o meu amor não vem.

(Do cancioneiro popular
do Douro Litoral

ONDE SE JUSTIFICA O SIGNIFICADO DO LINDO NOME DE RIO DOURO

Nasce o Douro perto da serra Cantábrica de Orbion, na Castela Velha; corre pelas terras leonesas e sempre para ocidente, cortando o relevado nordeste peninsular, até encontrar as ondas atlânticas.

Atravessa montes e serras, num esfôrço veemente para achar caminho, razão por que as águas se precipitam, por vezes agitadas e violentas, em fundos vales ou entre alcantiladas escarpas.

Seu leito é pedregoso e desigual, obrigando a corrente a ferver e a espumejar em cachoeiras e saltos sem conta. As águas sombrias e indomáveis mal deixam reflectir em si a linha cimeira dos serros adustos que lhes fazem sentinela.

Nas margens abruptas — altas ondulações terrosas — apenas alveja de longe a longe, fora dos povoados, a pincelada branca de algum casal.

Quebra a serenidade grandiosa daquele quási bíblico silêncio, a benção cristã de um toque de matinas ou trindades, anunciadas, em humilde alegria ou em calmo recolhimento, pelas ermidinhas perdidas nas alturas dos montes.

Por vezes, revoadas de pombas riscam o céu com o sedoso ruflar das suas asas. E uma nota delicada da natureza a contrastar com a áspera majestade da paîsagem.

O Douro é um rio de velhas tradições. Já os nomes clássicos de historiadores e geógrafos gregos e romanos se lhe referem em prosa e verso. Nas letras nacionais, sem número foram aqueles que lhe têm dedicado sua atenção, incluindo Camões, o grande génio da Raça, que por isso lhe chamou o «Douro celebrado».

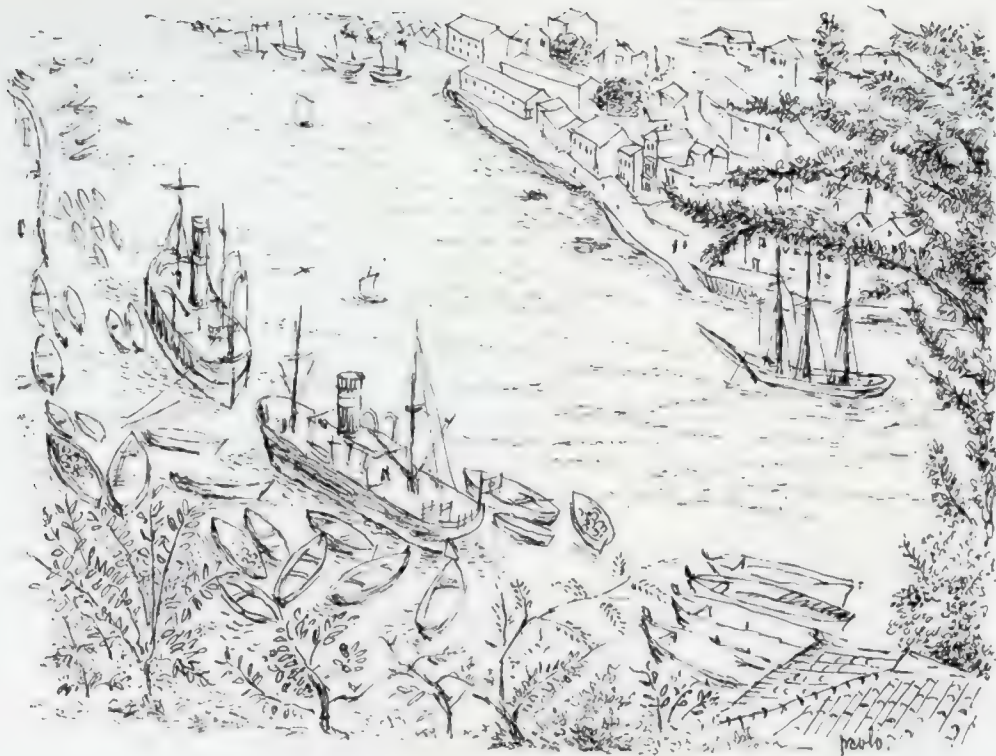
Em tempos idos, foi natural fronteira luso-calaica e, de certa maneira, limite temporário da civilização romana no seu desenvolvimento para o norte.

Bem próximo do seu curso acidentado e até à vista das suas águas, floresceram cidades e povoações de alto nome, há cêrca de vinte séculos! Basta citar «Numância»; a célebre «Presídio»; a discutida «Calle»!

Seu nome anda ligado a algumas das mais velhas lendas da nacionalidade, em constante evocação de alevantados sucessos dos tempos medievos. É folhear, ao acaso, os pergaminhos dos velhos tombos da grei!

Porém, no nosso tempo, a razão que lhe dá alta soberbia é de outra ordem; mas o contributo de valor que desde há três séculos trás ao orgulho nacional não é menor.

Não é impunemente que uma cidade nasce e se desenvolve junto de um curso de água que vem, de tão longe, animado de fôrça criadora. Um barco rabelo. *um cacho de uvas, um sorriso de mulher...*
Três imagens que sintetizam a fotogénica paisagem do Douro, onde a faina do vinho, desde a colheita ao seu transporte pelo rio, é inexcedível de beleza plástica, de pitoresco e de alegria.

Fotos de António Parto
e António Mendes

Tem a glória de cortar uma região excepcionalmente dotada pela Providência de um tão grande número de condições admiráveis, que lhe foi possível dar ao mundo um dos seus melhores vinhos, um daqueles vinhos cuja fama devia igualar a de Falerno dos tempos áureos de Roma.

Essa preciosidade, verdadeiro néctar, quando nos primeiros séculos da nacionalidade já era possìvelmente embarcado com outros vinhos para os portos do norte da Europa, chamava-se «vinho de Portugal»; mais tarde (no século XVII), era o «vinho do Douro» e mais tarde ainda, com o Marquês de Pombal, o «vinho da Companhia» — ou o «vinho fino», perante as suas qualidades fidalgas; e hoje, finalmente, corre todos os continentes, em meio de invejosa concorrência, com o rótulo bem regional de «Vinho do Pôrto».

Produto-maravilha, nascido de um verdadeiro milagre da terra e do clima; «castas» de videiras há séculos aclimatadas sôbre «geios» ou «calços», que escalonam as encostas à semelhança de um estádio «monstro»; terrenos pré-câmbricos e xistosos; no verão, um calor de fornalha; o frio, o vento, o gêlo, a tempestade, no inverno!

Como rio de montanha, o Douro é de navegação difícil. Não o vence qualquer embarcação, nem o governa qualquer «mestre». Um mesmo e único tipo de barco se encontra, através dos séculos, em seu laborioso tráfego e, assim mesmo, à custa de longa e penosa experiência.

Já os antigos diziam, com razão e conhecimento de causa, que era «rio de mau navegar».

A sua corrente alterosa é permanentemente violenta, e só abranda em frente a Melres, já próximo do Pôrto.

O acesso do rio é difícil pelos inesperados perigos que surgem, em constante variação de local e dependente do regime das águas, sendo inúmeros — pois são mais de duas centenas, entre os de mor e menor monta — os «pontos», «rápidos», «cachões» e «galeiras», que se multiplicam pelo seu curso, o que fez dizer ao poeta: «mil pontos, mil quebradas».

Têm nomes com ressaibos de outras idades e que se tornam bárbaros para os ouvidos de quem não conhece a sua mais que sinuosa corrente.

Os bois, no Douro Litoral, transportam, além dos carros, jugos ornamentados lindíssimos. — Em baixo: O empolgante panorama do rio Douro, em Pinhão.

Foto de António Mendes

Inalterável na forma durante séculos e séculos, o deslizar do barco «rabelo» é solene, majestoso no equilíbrio do seu conjunto, com grandeza no aparato rude da sua arquitectura.

O casco, de madeira ordinária, é feito ao jeito das águas sombrias do rio, que mais «ressolham» quando a espadela canta.

A vela, de linho humilde, entrega, confiadamente, os seus destinos aos desígnios de Deus.

O colorido sóbrio e pitoresco do barco, a bizarria dos trajos dos marinheiros, a grandeza da païsagem, tudo se congrega para que no nosso espírito alguma coisa fique marcado, indelèvelmente.

Quando os «rabelos» surgem nalguma curva do rio, descendo a corrente, quer isolados quer acompanhados — as esquadras, como lhes chamam — imperturbáveis na sua marcha quási processional, temos a sensação estranha de estar contemplando uma frota da antiguidade clássica ou dos alvores da idade média, forçando uma passagem, tentando um desembarque, e vem-nos então à mente a história quási lendária do velho burgo portucalense, destacando da névoa do tempo e da memória humana a gloriosa armada dos gascões ou as naves do Rei Ramiro.

ARMANDO DE MATTOS

(Do livro «O BARCO RABELO»)

Desenhos de Paulo Ferreira)

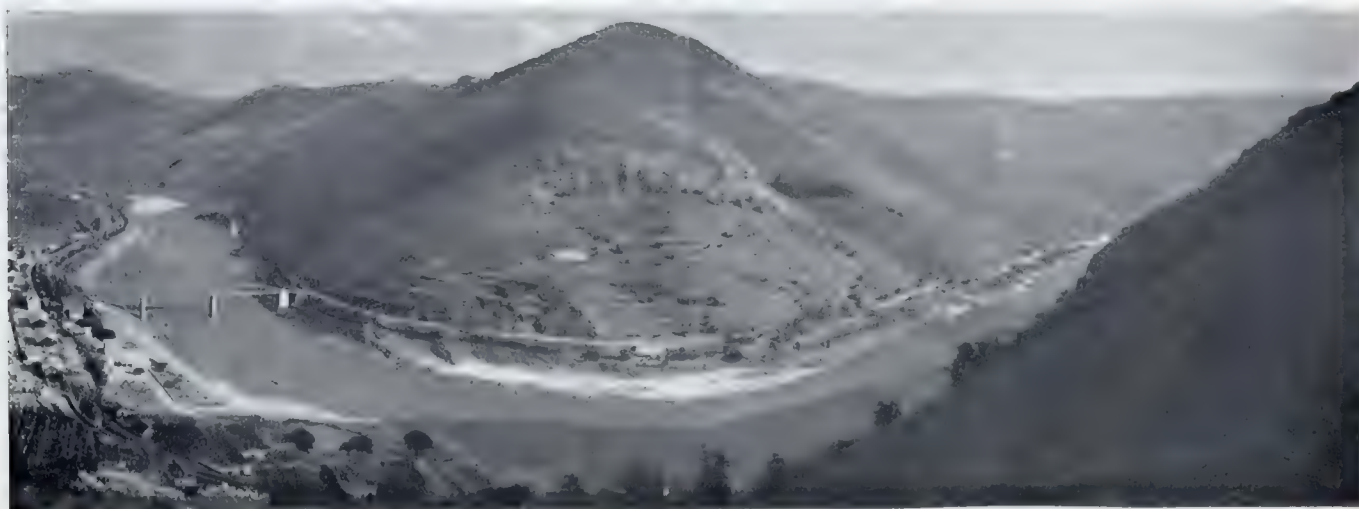



Foto de Mário Novaes

O surpreendente panorama que se contempla do Santuário dos Remédios, em Lamego. No primeiro plano, o obelisco do Largo dos Gigantes, vendo-se a grandiosa escadaria, os pórticos e, ao fundo, a cidade e um trecho imponente do Marão. É êste, sem dúvida, um dos mais belos pontos de vista do norte do País, tão rico de aspectos paisagísticos e monumentais

Foto Alvão

Palácio de Cristal

Nas cidades que possuem expressão própria, nitidamente destacada na paisagem urbana do País — e é o caso do Pôrto — há sempre casas e lugares assim, como o PALÁCIO DE CRISTAL, que é indispensável conhecer. — ¿ Um grande edifício, amplos

e magníficos jardins, como em qualquer parte poderíamos encontrar? É certo. Mas o PALÁCIO DE CRISTAL é inconfundível. Tal como é, no conjunto arquitectónico, na expressão dos seus pormenores, no encanto poético dos seus recantos ajardinados, não seria possível noutra cidade. Por isso, muitos dos mais importantes espectáculos e acontecimentos públicos da capital nortenha se realizam no PALÁCIO DE CRISTAL—donde também se contemplam admiráveis e inesquecíveis panoramas.

Museu Nacional de Soares dos Reis

por José Ribeiro

PRINCIPIADO a construir quási ao fechar do século XVIII, 1795, sôbre o risco do arquitecto Joaquim da Costa Lima Sampaio e por ordem dos dois irmãos Morais e Castro, Manuel e Isidoro — os Carrancas, por alcunha — o edifício onde hoje se encontra instalado o Museu Nacional de Soares dos Reis abrigou, no começo do século passado, algumas das figuras mais representativas dessa época incerta e agitada.

Embora com curta estadia, nêle habitaram, Soult, Wellington, Beresford, o Príncipe de Orange e D. Pedro IV, Regente em nome de sua filha D. Maria da Glória, antes que El-Rei D. Pedro V o adquirisse, por compra, à Baronesa de Nevogilde, D. Carlota Rita Borges de Morais e Castro, para residência da Família Real, quando das suas visitas ao norte do país. Propriedade pessoal dos Reis, fora dos bens vinculares da Casa Real de Bragança, o Palácio dos Carrancas pôde, assim, ser legado, no seu notabilíssimo testamento, pelo último Rei de Portugal à Santa Casa da Misericórdia do Pôrto, e, pelo Govêrno mandado encorporar em 1937 no Património do Estado, mediante compensação a esta benemérita e secular instituïção, com o fim determinado por decreto, de nêle se instalarem convenientemente os dois museus então existentes: o Municipal e o de Soares dos Reis.

Fábrica de elegante traça, de puras linhas arquitectónicas já dentro do «neo-clássico» dominante na época; decorado, interiormente, com sóbria elegância de um seguro bom gôsto, de *sabor* inglês, o Palácio dos Carrancas adaptado a museu, man-

Cecília: *Um dos mais belos quadros de Henrique Pousão (1859-1884).* — Païsagem: *Pastel do pintor francês Jean Pillement (1727-1808)*

Dois notáveis espécimes de pintura portuguesa do séc. XVI: Estudo para o retrato do Príncipe D. Carlos, por Sanches Coelho (1531-1588): — Virgem com o Menino, de Frei Carlos

Um famoso retrato de Margarida de Valois, de François Clouet (1510-1572). — Retrato de homem (guerreiro do séc. XVII) por Columbano (1858-1937)

tem-se quási tal qual era, embora tôda a sua estrutura tenha sido modificada, por forma a torná-lo incombustível, e beneficiado de acôrdo com os mais modernos preceitos museológicos.

Velha aspiração da cidade, a de possuir um museu digno de tal nome, e pela qual tantas vezes pugnaram alguns dos portuenses mais ilustres (lembrem-se especialmente os nomes do Conde de Samodães, Vice-Inspector da Academia Portuense de Belas-Artes, de José de Figueiredo, Dr. Alfredo de Magalhães, Manuel Maria de Oliveira Ramos, Rocha Peixoto, Joaquim de Vasconcelos e Guedes de Oliveira) — o Pôrto possui hoje, de facto, *um Museu,* graças ao esfôrço daqueles que, sem desânimo, sempre lutaram por esta realização que só foi possível, no entanto, quando o Senhor Presidente do Conselho chamou o caso a si e o resolveu. O Museu do Pôrto é, assim, em primeiro lugar obra de Salazar e do Estado Novo, que, a mais de um século de distância, veio tornar numa esplêndida realidade a bem intencionada determinação de D. Pedro IV quando, em pleno cêrco, a 13 de Abril de 1833, inspirado pelo pintor e lente de desenho da Academia de Marinha e Comércio, João Baptista Ribeiro, o melhor discípulo de Sequeira, instituíu o *Museu Portuense* — o primeiro Museu de Arte criado no país — instalando-o provisòriamente no antigo refeitório do convento de Santo António da Cidade.

D. Pedro já não pôde assinar o notável diploma que dotou e regulamentou o museu que havia fundado; o decreto de 12 de Setembro de 1836, subscrito por Passos Manuel, teve a assinatura de D. Maria II. Penosa e apagada, no entanto, por falta de recursos e de real interêsse por parte do Estado foi, desde início, a vida do *Museu Portuense.* Confiado em 1839 à guarda da Academia Portuense de Belas-Artes e em 1911 à do Conselho de Arte e Arqueologia da 3.ª Circunscrição, passou, desde então, a ter por patrono o glorioso Artista Soares dos Reis, continuando quási sempre vedado ao público e sem meios suficientes para o cabal desempenho da sua alta missão cultural. E assim vegetou até que, finalmente, em 24 de Julho de 1932 o Estado Novo o reorganizou, elevando-o à categoria de Museu Nacional e em 11 de Abril de 1933, precisamente um século decorrido sôbre a data da sua criação, se tornou possível patenteá-lo ao público depois de uma cuidadosa selecção e conveniente arrumação das espécies arrecadadas, não obstante a sua exígua dotação e as manifestações deficientes das instalações, sempre provisórias.

Encorporadas, nêle, em 1940, as colecções do Museu Municipal, inicialmente fundado por Obras-de-Arte adquiridas pela Vereação da Câmara Municipal do Pôrto de 1850 ao coleccionador João Allen, o Museu Nacional de Soares dos Reis abriga hoje nas suas modernas galerias e lindas salas, tôdas as colecções de Arte, durante anos e anos armazenadas em péssimas condições no antigo convento de Santo António da Cidade, a par de algumas e valiosas doações que ùltimamente lhe tem sido feitas por particulares.

Assim, graças ao Sr. Presidente do Conselho que tão nobre e belo destino soube dar ao generoso legado de El-Rei D. Manuel; à competência técnica daqueles que realizaram as obras de adaptação e arranjo, e, ainda, à Vereação do Município que, correspondendo ao alto pensamento de Salazar, entregou as suas colecções ao Museu Nacional de Soares dos Reis sem perda do seu direito de propriedade, o Pôrto possui hoje, finalmente, um Museu, a inaugurar em breve, que, servindo e dignificando a Cidade, por igual dignifica e serve a cultura artística portuguesa.

Retrato da Princesa do Brasil D. Carlota Joaquina, por Giuseppi Troni (1739-1810)

VILA REAL

CAPITAL DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO. — *Uma das mais pitorescas cidades de Portugal, fundada por D. Dinis em 1283. — 253.994 habitantes (senso de 1930). — Monumentos principais: igreja gótica de* São Domingos; *igreja dos* Clérigos; *igrejas de* São Paulo, *de* São Pedro *e do convento de* São Francisco; Casa do Arco; Hospital da Misericórdia. — *Panoramas: esplanada em face do* cemitério *e terreiro do* Calvário. — *Hotéis:* Tocaio, Mondego *e* Viajante-Hotel. — *Cafés-restaurantes:* Rebelo *e* Club. — *Doçaria local:* pastéis de toucinho *e de* Santa Clara *ou* viuvinhas.

TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO. Entre os numerosos escritores portugueses que se apaixonaram pelos encantos da nossa paisagem variadíssima, abundam, principalmente, os que, descrevendo-a, sonharam transformar a pena num pincel. Daí a pouca — ou nenhuma — objectividade da maior parte dos descritivos, mais destinados a deslumbrar do que a elucidar o espírito do leitor.

António Arroio, de-certo auxiliado pela natural tendência do seu temperamento crítico e a sua formação cultural — mais científica do que literária — representa, na sua época, uma excepção a esta regra. O artigo *O País Português*, publicado no segundo volume das *Notas sôbre Portugal* (1909) é, neste aspecto, um trabalho modelar, cuja importância só foi excedida, anos depois, com a publicação da grandiosa obra colectiva que Raúl Proença planeou, dirigiu e que, infelizmente, deixou incompleta: o *Guia de Portugal*.

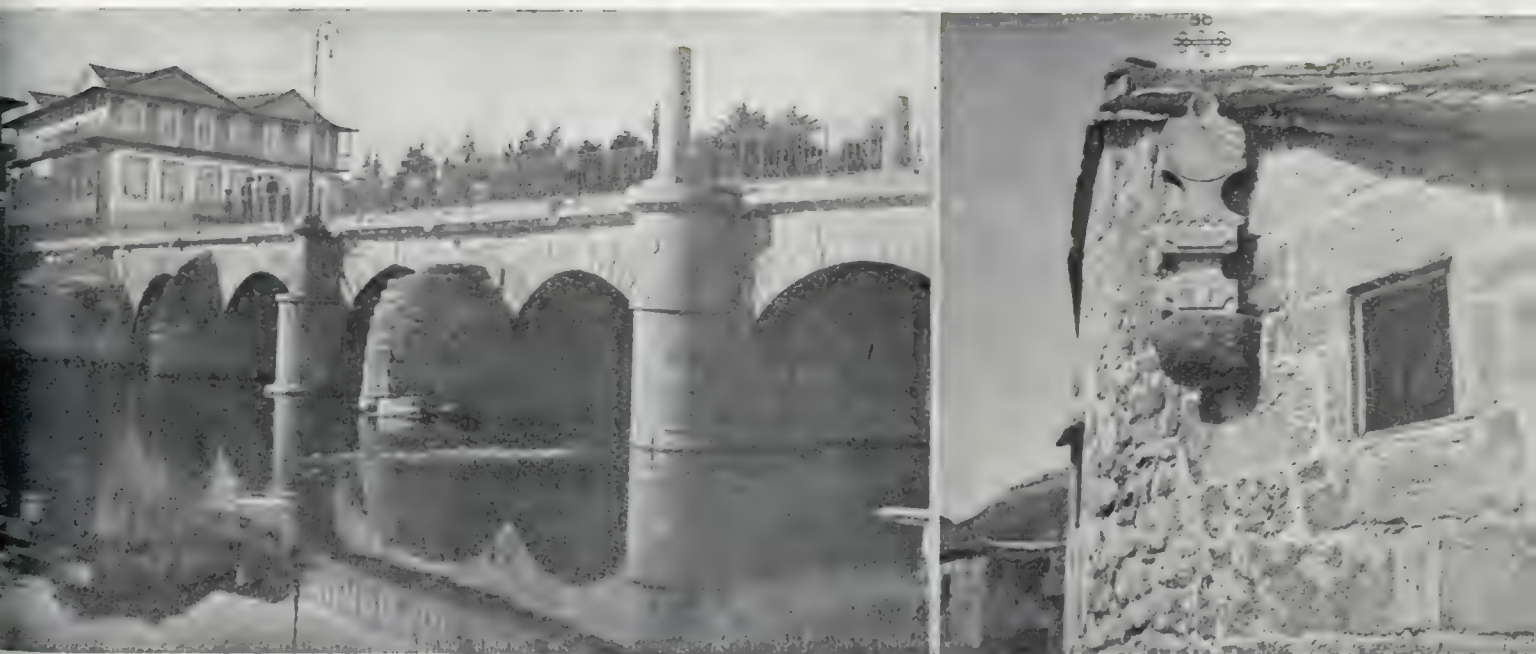
Panorama presta homenagem à memória de António Arroio, transcrevendo parte do capítulo que, no artigo citado, consagrou à província de Trás-os-Montes.

«Pelo Gerez, Serra da Cabreira e Tâmega, o Minho toca em Trás-os-Montes, região de aspecto algo diferente da parte baixa minhota, já pela altitude geral, já pela ausência de brisas marítimas e da grande humidade ali reinante, causas estas de influência considerável na vegetação e em tôdas as formas da vida».

«De Montalegre, terra de fundas pastagens e de gados de grande nomeada, por Chaves, as antigas *Aquae flaviae*, direito a Bragança no extremo norte do país, vai o turista admirar a antiga cidadela, a vila gótica edificada no alto do monte em cuja encosta a cidade desce até à chã onde se alarga. E lá encontrará ainda quási intacta a sua cinta de muralhas, em lanços sucessivos ligados por bastiões, a românica Casa da Câmara, a Tôrre de Menagem com as suas lindas janelas góticas, o Pelourinho, a Porca da Vila e várias casas de habitação, de primitivas formas góticas. De caminho para Mirandela, pisando o solo vistoso e levemente ondulado, quando os altos e copados castanheiros se projectam nobremente sôbre o fundo luminoso do céu poente, sente-se uma impressão nova e de facto impressionante. A natureza adquire aí uma nobreza e serenidade que até então não havíamos encontrado: êsses aspectos de paisagem divergem do resto do país».

«Para baixar à zona do litoral oferecem-se dois caminhos. O primeiro, que acabo de indicar, leva-nos a Mirandela, docemente recos-

tada num espraiamento da margem esquerda do Tua, e seguindo a meia encosta, através de uma zona de penedias e ravinas atormentadamente trágicas, põe-nos lá em baixo, na margem do Douro. O segundo conduz-nos à região do Marão e a Vila Real, uma das terras mais estranhas e grandemente belas de todo o país».

«Vila Real está construída a cavaleiro do Corgo, outro afluente do Douro, num planalto que circunda a funda ravina, de altíssimas e abruptas encostas graníticas, em que o rio se despenha, apertado. O

panorama que do cimo das arribas se apossa de nós é, de facto, maravilhoso. Vales sucessivos, cêrros elevadíssimos cobertos da mais luxuriante vegetação, sucedem-se e entrecruzam-se até ao extremo do horizonte».

«Êsse planalto em que a vila assenta é mais pròpriamente uma faixa de terreno nivelado, encostada à montanha e não muito larga. Num percurso de uma boa légua, em meio de árvores de todos os géneros — carvalhos, salgueiros, castanheiros — e de um terreno fera-

císsimo, segue, linda, a estrada até Mateus, nobre vivenda do século XVII, talvez a mais importante casa portuguesa como edifício, e sem dúvida uma das mais nobilitadas do nosso país».

«Há ainda um terceiro caminho a seguir. Mas êsse é só para *gentes de cavalo*, exige bom calção e corpo para sacrifício. É ir a cavalo de Bragança por Vimioso, o interessante jazigo dos alabastros; daí a Miranda do Douro, onde o especial dialecto não é o menor atractivo da viagem, e, pela lombada superior do Sabor, visitar Moncorvo, os ricos jazigos de minério ferroso, Freixo de Espada-à-Cinta e a sua igreja manuelina, precipitando-se, finalmente, pela rude encosta duriense até à Barca d'Alva, fronteira do país».

NOTA: — Sôbre a região do *Alto Douro*, que na actual divisão administrativa se encontra ligada à de Trás-os-Montes, veja-se o capítulo que lhe é dedicado no *Esbôço duma Carta Regional de Portugal*, do professor Amorim Girão, onde são postos em relêvo os caractères da paisagem, fortemente dominada pela cultura das vinhas.

Desenho de Paulo Ferreira

Solares do Norte

Fotos Mário Novaes

Poucos países podem, como o nosso, orgulhar-se de possuir tão belos espécimes de arquitectura civil dos séculos XVII e XVIII ★ Mas é nas províncias do Norte que abundam os solares, palácios e casas armoriadas de linhas mais harmónicas e de pormenores arquitectónicos mais curiosos ★ Nota-se, infelizmente, certa dificuldade em se obter fotografias publicáveis, sobretudo dos interiores — nos quais se vêem, com frequência, magníficos arranjos em que sobressaem preciosas peças de mobiliário, quadros, esculturas, azulejos, colchas, tapetes e outros objectos decorativos ★ Nesta página reproduzem-se quatro dos mais característicos solares nortenhos. São êles (da esquerda para a direita e de cima para baixo): o de *Bertiandos*, em Ponte de Lima; *Casa dos Biscainhos* e *Solar do Visconde de S. Lázaro*, em Braga; e o solar de *Mateus*, em Vila Real.

MARÃO

por Carlos Queiroz

Tentar descrever o Marão é o mesmo que pretender resumir os *Lusíadas* num soneto ou copiar em miniatura as tábuas de Nuno Gonçalves. Impossível. Vai-se pela estrada de Amarante a Vila Real, olhando, com espanto, a imponente e macia ondulação da montanha — e não se diz palavra.

Apeamo-nos do carro, na esperança de que, parados, o espírito se esclareça e a compreensão se abra para a paisagem. Impossível.

É tudo grande demais, belo demais, impressionante demais. Os adjectivos que saem, quando saem, são superlativos e soam a insignificantes. O melhor é ficar para ali, sem palavras nem gestos, humildes e com a alma tensa, como os ascetas que esperam a graça divina. As horas vão passando, rápidas; as formas, as côres, os cambiantes da luz vão-se infiltrando em nós, brandamente — e tudo quanto está em nós se afasta e lhes dá lugar.

É assim que eu guardo para sempre a lembrança de uma tarde passada na serra, na companhia de Pascoaes. Não há melhor *cicerone* que um poeta. Só èle sabe mostrar o que mais significa, o que mais importa: certa mancha violácea que se insinua na penumbra e galga, como uma onda, o dorso da colina: certa nuvem alvíssima que pousa no sol, como um penso numa ferida; certa expressão dolorosamente humana que adquire o perfil duma rocha ou duma árvore . . . A paisagem só tem significado para os poe-

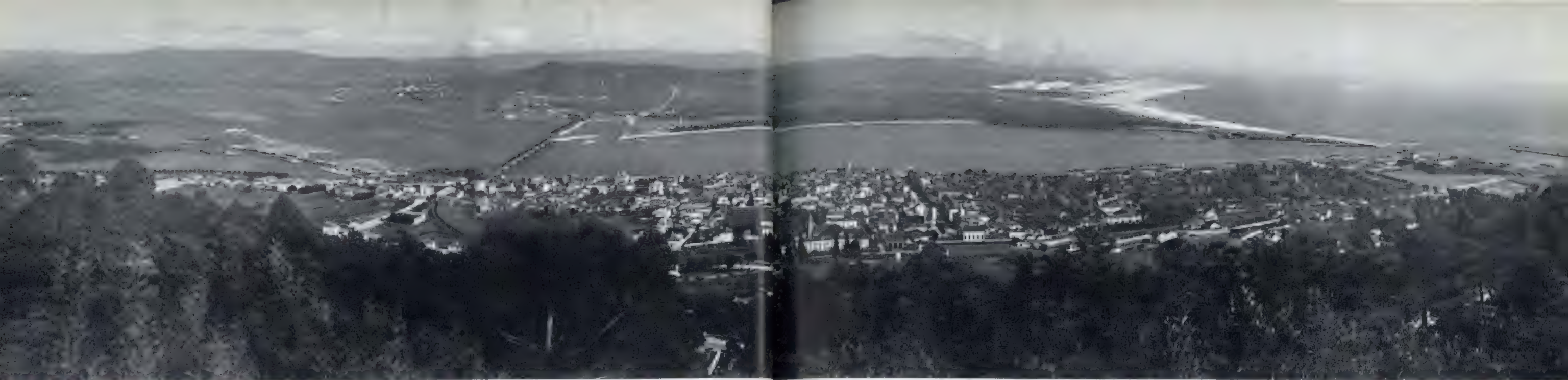
tas. A paisagem não é, mesmo, outra coisa, senão a expressão poética da Natureza. Por isso, só os poetas a entendem; só êles reconhecem nela as dedadas de Deus e as fôrmas em que se moldaram muitas das nossas feições.

Diz Pascoaes, na sua *Arte de ser português:* «Quem atingir as alturas do Marão, o seu píncaro mais elevado (1.400 metros acima do mar) onde está edificada a pequena ermida da Senhora da Serra, avista, para as bandas do nascente, a escura e montanhosa região de Trás-os-Montes; e, para os lados de noroeste e nordeste, a paisagem verdejante e alegre do Minho. Depois, aproximado o olhar, descobre, nesta mesma direcção, as terras visinhas do Tâmega, que participam de Trás-os-Montes pelo acidentado do terreno, e do Minho pelo verde e alegre colorido dos seus vales e pradarias. O doloroso drama transmontano e o bucólico idílio minhoto fundem-se, na região do Tâmega, numa paisagem original que é o próprio busto feito de terra, árvores e fontes, do génio dos lusíadas». Nenhum homem de ciência diria isto, porque isto só é evidente e compreensível aos olhos dos poetas.

No Vale de Campeã parámos, para almoçar. O sol incendiava uma lomba da serra, enquanto noutras, em planos mais distantes, fazia escorrer riachos de ouro, cascatas de topázios, catadupas de violetas.

Nada me deu, nunca, uma sensação tão plena de refúgio, como aquele ninho de cinco ou seis casinhas isoladas, lá em cima, nos píncaros. Um pequeno pastor que passou por nós ensinou-nos que o lugar se chama Cotorinho. Quantas vezes invoco êste nome, quando a cidade me desperta a nostalgia do silêncio! Cotorinho . . . Ficou em mim, para sempre.

Só não me recordo do nome daquelas árvores, de copas rendilhadas e levíssimas, como espuma, à sombra das quais acampámos, para comer. Mas Pascoaes sabe. Como também sabe que o vinho verde do nosso farnel estava bem longe (o que nos fez pena . . .) de ser o melhor da região.

Fotos Beleza

Fotos de Mario Novaes e Tom

Viana do Castelo

«O menino nasceu na terra mais bonita do mundo»!, costumava afirmar aos meus oito anos irrequietos a velha Emília, antiga criada da «república» coimbrã de meu Pai, no fim da vida elevada ao cargo entre todos espinhoso de manter, lá em casa, a compostura das gentes de palmo e meio. E logo à categórica afirmação bairrista surgia especiosa argumentação.

Na verdade, sempre que lá vou, tenho a estranha sensação de que o tempo milagrosamente se deteve. As mil e uma recordações dos vários caminhos percorridos apagam-se de repente nos meus olhos. Nunca vi guerras nem desgraças, nunca escrevi peças de teatro, nunca tive de pedir pão em língua estranha, nunca meu nome andou na letra de fôrma dos jornais, não sou ninguém, ou antes: sou apenas eu.

Depois, à medida que visito, um por um, os queridos lugares de outrora, sinto que o tempo, afinal, não tinha detido a sua marcha impiedosa. Do ano passado para cá, mais olhos amigos se fecharam, menos são as mãos que para as minhas se estendem, num hábito reconfortante que a distância não teve fôrças para quebrar, mas a morte venceu, ao fim e ao cabo...

Tudo isto se passa dentro de mim. Viana permanece a mesma. Pequenina, burguesa e pacata, agachada junto ao rio plácido, Santa Luzia velando-lhe o sono lá de cima, do seu alto altar de pinhos e sobreiros. Sua vida, regrada e fácil, prolonga-se pelo vale magnífico acima, em duas dezenas de aldeolas muito brancas e alastra, devagar, pela ubérrima planície da Areosa e de Afife, berço das mais lindas mulheres de Portugal. E continua, paradoxalmente feliz, a não ter o mínimo ar de cidade. Aldeia, sim, aldeia mais populosa e maior do que essas outras, de onde, à sexta-feira, as raparigas loiras, de olhos claros, perna lesta e ancas musicais descem até ao mercado, luzindo, pela estrada do vale ou pelos caminhos do monte, suas saias vermelhas, seus lenços floridos, seu oiro arrendado, a trazer os ovos caseiros, a fruta doce como um sol, o leite grosso das pachorrentas vacas taurinas, o linho real, cheiroso a tomilho e alfazema do monte. Embalada no seu mar pacífico, protegida pela sua verde cintura de pinhais cismaticos, Viana, terra de tardes lilazes e madrugadas róseas, deixa-se viver devagar ao lado do Lethes fabuloso que dá o esquecimento. E só agora suas ruazinhas estreitas começam a ser insultadas por alguns prédios modernos, sem carácter nem beleza, anónimos, quadrados, massiços, desgraciosos, brutos, símbolo e conseqüência da época triste que nos coube em partilhas.

Mas logo, mal deixamos o coração do velho burgo, o pesadelo se esvai, e a tradicional atmosfera provinciana, cheirosa a maçã camoeza, a fumo de pinho e louro capitoso nos agarra e nos leva para trás, para um tempo em que os homens eram mais lentos na marcha, menos perigosos no ódio, mais fiéis no amor, com pouco se contentavam, e nasciam ou morriam quando a hora soava, sem grandes pressas, nem grandes dores, ignorantes ou esquecidos de imprecações e gritos.

Como os caminhos fatais do destino, tôdas as ruas conduzem, mais tarde ou mais cedo, à larga avenida marginal. E aí, quer os olhos se nos prendam ao pinheiral cerrado do Cais Novo, na outra banda, quer se espraiem rio acima, de novo o lirismo ambiente, fragilidade e fôrça do meu verde Minho, toma conta de nós. Pouco a pouco, numa doce indolência interior, preocupações, desgostos, aspirações, esperanças, começam a afastar-se e a desvanecer-se, como se a leve névoa côr de pérola que sobe o rio se nos insinuasse nas veias e nos amolecesse os nervos como um subtil feitiço. E o tempo vai perdendo aos nossos olhos o seu valor de oiro moído. Sua marcha retarda-se, toma o ritmo pachorrento e fácil dos bois mansarrões,

das águas do rio calmo, do próprio Atlântico preguiçoso que a meio quilómetro lambe as areias brilhantes do Cabedelo, sem fúrias nem violências. Lembranças de vida febril, atropelada e áspera, cicatrizes de batalhas violentas, ódios, raivas, ansiedades, tudo isto dentro de nós se dilui. Regressamos a uma espécie de vida vegetativa, menos consciente, mais simples e fácil. Em resumo: adormentamo-nos. E as horas sucedem-se às horas, os dias sucedem-se aos dias, perante a nossa funda e superior indiferença. Creio estar aqui o encanto mais forte da minha distante cidadezinha branca: resiste, porque não luta.

ARMANDO VIEIRA PINTO

Fábulas e Parábolas de Turismo

★ ★ ★

Fábula do Burro que se meteu a dono duma casa de pasto

... DOUTRA vez, foi um Burro a figura principal do passo que lhes vou contar.

No tempo em que os animais falavam, o Burro, segundo se diz, até (como nunca teve cotovelos) falava pelos joelhos. E porque muito dava à taramela, certamente pouco acertava. E deve ser mesmo por isso que, então e desde então, se principiou a chamar a dito desacertado, asnice ou asneira — do latim «asinus ou «asnus»: o burro. Mas, deixemo-nos destas considerações e vamos à história do meu burro.

Vivia êle, com outros jumentos da sua criação, num vale muito ameno e muito fértil, à beira de alvíssimo rio de água muito mansa.

Disputava êsse rincão, a vários outros da terra então conhecida, honra de ter sido ali, precisamente, que Deus, em tempos remotos, instituíra o Paraíso. Se tal era, ou não verdade, nenhum animalejo, nem mesmo os corvos muito velhos e revelhos, sabiam isso de certeza certa. O que todos, no entanto, sabiam, quando o miravam e admiravam, era que o Vale dos Burros tinha formosura e fartura de sobra para dar e vender. Rodeavam-no montes, que espessos bosques vestiam de veludo verde, e que nevoas e neves doiradas encapuchavam, pelos mais altos píncaros. Os prados, os vergéis e os jardins, vicejavam aos centos por seu torrão, sem lavra ou arroteio, só pelo favor dos ventos espargidores de sementes, e dos suaves orvalhos que as fecundam, e do Sol, e da Lua e das Estrêlas que as amadurecem. A Primavera, ali, nunca findava. E quanto os bichos apetecessem, para sua mantença ou folgança, pronto e a seu alcance o topavam — papança a rôdo, leiras onde espinotear à vontade, e palha fofa onde ressonar e sonhar nas dulcíssimas noites, coalhadas de lumes de luze-cus e de cantigas de rouxinóis. Enfim, se Paraíso não tinha sido, como Paraízo o gozavam os que lá viviam ou por lá passavam.

Passavam por lá, com efeito, muitos animais. Pêgas palreiras tinham levado a outros pontos notícia daquelas edénicas paragens. E logo os bichos que tal souberam, desejaram conhecer tanta beleza e abundância apregoadas. Fizeram-se excursões. Vieram bandos de curiosos. Ao Vale dos Burros, era da moda, já nesse tempo antiqüíssimo, vir, por fins de semana, dar uma volta ou «faire un tour». (Daí, de «tour» é que veio mesmo a famosa palavra «turismo», adoptada outra vez, muitos milhentos de anos depois, em nossos dias...). Ora, como cada vez fôsse maior o número dos visitantes, e às vezes houvesse dificuldades em petiscar petisco saboroso por aquêles sítios, o meu Burro teve de chofre (os Burros tem muito disso) uma idéia genial. Em cova, aberta num esconso do Vale, por lomba de outeiro, donde se disfrutava païsagem de maravilha, instalaria casa de comes e bebes. Acarretaria, para ela, molhos e molhos de pasto — pasto à farta. Seria — e foi — a primeira casa de pasto que houve no mundo («Estalagem do Burro Branco», assim era o seu nome) logo muito nomeada e muito bem afreguesada. Cosinha característica — regionalíssima. Burricalíssima. Eram da casa, especialidades, para o gado bovino e cavalar, que especialmente a freqüentava: um delicioso «spalhetti» que se polvilhava de grão ralado, e umas almôndegas de sêmeas «aux fines herbes», que eram de comer e mugir ou relinchar por mais.

Viu o meu burro, em breve, medrar seu negócio. E enquanto os clientes eram do vale, ou se tratava de excursionistas herbívoros, os jericos, seus criados, claro que não tinham mãos, quero dizer, patas a medir.

O pior, foi quando a região principiou a ser visitada por turistas de outra monta — leões, tigres, panteras e outras feras — que novas de caça farta, pelos bosques vizinhos, chamaram e trouxeram àqueles termos. Eram animais de rugido grosso, temíveis, pagando bem, mas querendo ser, por isso mesmo, muito bem servidos. Apeteciam alentadas postas de carne, tarraçadas de rico sangue fresco, e, à sobremesa, uma mão cheia de ossos de corça ou de vitela, para rilhar em ripanso. Tinham, no fundo, os seus gostos, sua predilecção por comidas que desde pequeninos comeram, tinham (como hoje se diz) a *sua cozinha*.

De modo que na «Estalagem do Burro Branco», perante comida vegetariana — comida de burros — limitavam-se a franzir focinhos e a sair, rugindo. E por seus

rugidos a desacreditavam e com ela o Vale formosíssimo — privilegiada terra de turismo.

O asno do seu dôno, e os outros asnos que o rodeavam e o aconselhavam, não se convenciam, no entanto, de que êsses animais de grande porte e grandes posses, deviam ser cativados, e atraídos, servindo-os à sua gana e jamais à dêles, burros, e atira assim (não com a albarda, que ainda a não tinham) mas com a casa, com a região e com o seu turismo, ao ar. Para êles, teimosos como todos os da sua raça, a única, excelentíssima, exclusiva comida a apresentar — fôsse a cordeiros, fôsse a lobos — era pasto, o bom pasto da casa, as relvas, os grãos, tôda a fina hortaliçada, catita, regionalíssima, daquele Vale tão formoso e famoso! E porque um dia tinham visto, de animais de fora, três porcos bravos, três javalis glutões e lisonjeiros afocinhar sôbre um monte de farejos, e duas macacas muito serigaitas, por falta de bananas, mordiscar pontinhas de alface, grunhindo e chiando falsos regalos, usavam de zurrar:

— Êles pelam-se pela nossa comida! Só comida regional, só comida dêste nosso lindo Vale, em tôdas as listas! É a primeira do Mundo! É aquela, única, de que todo o Mundo gosta.

Com estas e outras burrices, foi-se a casa de pasto vendo aflita, já com muito escassa freguesia, apenas por burros bisonhos, uns vagos ruminantes, madraços e pelintríssimos camelos, freqüentada. E começaram a rarear, também, nessas redondezas, os ricos, nobres turistas de antanho. Em resumo: o turismo, no Vale, agonizava.

Foi então que, à porta da «Estalagem do Burro Branco», na doçura idílica duma tarde, em palra com seu dono — o meu teimoso jumento — um lince, de apuradíssima vista e muito bom senso, lhe disse: — Vocês, por êste, Vale, pensam que a vossa comida tem um grande valor turístico, e estão a serví-la, e a impô-la, quási exclusivamente, a quanto bicho estranho cá vem. Afigura-se, com vosso perdão, êrro e grande. Não há comidas com valor turístico definido — a não ser a salada de lagosta, o bife com batatas, e os ovos fritos, pratos que, segundo me consta, êsse bicho grande e mais novo do que todos nós, o homem, come por tôda a parte, onde os encontra e lhos dão. De resto, a comida tem só o seu autêntico valor no seu aprêço local. E digo isto, pela simples razão de que para cada género, e até para cada espécie de animais — cada género e espécie de pitéus. Se burro come relva e todo se lambe, o leopardo, por certo, nem sequer a cheira e volta-lhe a cauda. Se a velha coruja bebe azeite, não o dê Você à pôpa, que se o debica, vomita. Porque demónio hão-de gostar as focas do Norte, de grelos, e os tubarões de grão de bico?! Certo é que Você, burro, em banquetes e casos literários, come pão de ló; e com fome… cardos come. Excepções. Porque, em geral, cada um come do que gosta, se é o que tem ou lho oferecem. Pois precisamente, por isso, me parece que em pontos de turismo, se esta sua casa de pasto visa atrair turistas — entenda-me bem — não ofereça nela o que é só pasto ou coisa que o valha. Não se deixe iludir por outros burros, nem por porcos bravos ou macacas. Dê ao leão a carne de que leão gosta, e à pêga a lesma com que ela se regala. Dê portanto ao seu freguês o que êle prefere. Sempre que alguém, por algures longe da sua terra, come pratos da sua terra e do seu agrado, está êsse país recomendado. E a ciência é dar em nossa casa, aos nossos hóspedes, não aquilo que nos sabe muito bem, mas quanto sabemos que, por ser de seu paladar, ainda lhes sabe melhor.

E como visse o burro ainda duvidoso:

— Acredite-me! E não seja teimoso. Não seja burro!

Do que, depois de tudo isto, se passou no Vale dos Burros, nada mais soube. O caso passou-se há tantos anos!…

Além disso, estou-lhes a contar uma fábula.

Que as fábulas, às vezes, dão ensinamentos. Excepto — valha a verdade — quando os burros (também têm muito disso) pensam que êles é que são linces e os linces burros.

AUGUSTO PINTO

Desenhos de Emmérico Nunes

Arte popular do norte

Em numerosas localidades nortenhas produzem-se graciosos e decorativos bonecos de barro, como estes, de Barcelos, aqui reproduzidos — tal como se viam na Secção Etnográfica do Centro Regional da Exposição do Mundo Português

PUBLICAMOS, neste número, um artigo do etnógrafo Cardoso Marta, dedicado à arte popular do norte, para o qual chamamos a atenção do leitor.

Nêle são postas em relêvo a enorme variedade de géneros que as províncias nortenhas possuem e a beleza excepcional que o povo imprime a muitos dêles: trajos, ourivesaria, bonecos de barro, jugos, construções, peças de olaria, bordados, rendas, tapetes, etc.

Quanto mais não houvesse para encantar e prender quem visita o Norte do País, bastariam estes elementos — cujo interêsse decorativo merecia ser melhor aproveitado na ornamentação dos interiores das casas portuguesas.

Nos relêvos e rendilhados dos jugos, o povo do Norte demonstra possuir, muitas vezes (como se vê por estas gravuras) extraordinário talento artístico

Fotos de Horácio Novaes e António Mendes

PORTO

CAPITAL DO DOURO LITORAL. — A segunda cidade e segundo pôrto de comércio, cuja origem remonta aos Suevos. — 810.253 habitantes (senso de 1930). — Centro industrial importantíssimo. — Monumentos: (V., nêste n.°, o artigo do Dr. Aarão de Lacerda). — Panoramas: ponte de D. Luiz *e alameda das* Fontainhas. — *Hotéis:* Grande Hotel do Pôrto, Peninsular, Grande Hotel da Batalha, Sul Americano, Aliança, etc. — *Restaurantes:* Escondidinho, Camanho, Chinês, Europa, Montanha, etc. — *Cafés:* Nacional Pálace, Águia de Ouro, Chave de Ouro, Brasileira, etc. — *Numerosas casas de espectáculos.*

DOURO-LITORAL. A mais pequena em terras e a mais densa em almas, de tôdas as províncias portuguesas, é o Douro-Litoral.

Rica pelas produções que lhe dá o húmus fértil, tão fértil que por aqui, há muitos séculos já, se estabeleceram daqueles primeiros monges beneditinos, na meritória tarefa de salvar corações para Deus e da dignificação do trabalho agrícola; cheia de tradições admiráveis da vida de nobre exemplo de muitas gerações passadas, mas que estão sempre presentes na consciência da hora que passa, verdadeira hora de resgate; bem situada para o trânsito mercantil, tanto interno como externo, tanto continental como marítimo; interposto material e moral de outras regiões também portuguesas; autêntica cabeça da lusitanidade, dada a riqueza dos seus valores de espírito e coração; é, tôda ela, um animado cosmorama onde, exuberantemente, se espelha o bater do velho coração do sempre jovem Portugal.

Domina a província a cidade do Pôrto, sua capital natural, portanto, capital geográfica, económica e política, e, de tôda a província, ela recebe também, sem dúvida, o ambiente especial que tem a sua vida citadina.

O Douro-Litoral, geogràficamente de ascendência tão recuada, mais velha do que o estado português, é um amplo e onduloso anfiteatro, que vem desde as alturas do Marão, Montemuro e Gralheira, no sentido do Ocidente até ao Atlântico e, no sentido norte, até às planuras do Minho, no fundo do qual se fixou o Pôrto, que por pouco se avista de todos os recantos da província.

Supõe muita gente que o Douro-Litoral não tem características definidas. Puro engano. Percorram essas pessoas a nossa província, palmilhem as suas estradas — hoje, verdadeiramente notáveis — auscultem a païsagem com os olhos e a gente com o coração, e verão como tudo muda, além dos vales do Ave e do Vizela; como é diferente Boião de Mesão Frio, apenas separadas por uma longa quebra na continuïdade do relêvo em que assentam; como, para trás das montanhas provinciais, começam os grandes planaltos beirões.

É mancha geogràficamente independente, pelo simples exame da païsagem, e històricamente definida, como o atesta o facto do seu perímetro coïncidir, de alguma maneira, com o do «território portucalense».

Zona de «convergência», muito embora zona de «transição», se quiserem, mas com um cunho próprio e inconfundível. Quem melhor o sentiu, ou o soube exteriorizar, foi Antero de Figueiredo.

São dêle os períodos que seguem, respigados das suas «Jornadas em Portugal», onde se retrata flagrantemente o Douro-Litoral, que é «um Minho de campos menos retalhados, de verdura menos fôfa de côr menos uniforme, de claridade menos crua», e onde a «luz, mais grave, valoriza os vários azuis dos montes com suas escarpas quebradas; os verdes delicados das árvores de qualidade; os verdes fortes das copas dos pinheiros, penetrados de sombras; as massas escuras dos seus troncos violáceos; os castanhos-vermelhos das telhas velhas sôbre brancura de fachadas entre terrenos amarelentos e céus azulinos; e os tostados quentes dos taludes de saibro...».

Mais adiante diz ainda que a «fisionomia da païsagem acentua-se. Há carácter. Os outeiros começam a transformar-se em montes;

os vales alargam-se e afundam-se; os horizontes distanciam-se. Serras ao longe».

Isto, quanto à terra. Agora do seu povo e do seu labutar, que dizer?

Aquilo que por aqui não ficou, como o barco rabelo, a mais típica embarcação fluvial portuguesa; o trajo provincial, de que são bons vestígios os núcleos da Feira, Gaia e Maia, onde as mulheres vestem seu casaquinho preto debruado a laços de fita e veludo, rutilante de vidrilhos — o «paletot», como lhe chamam — e chapelinho de olamares, com aba curva; doces populares em estilizações esquemáticas, de primitividade impressionante; as portas da lavoura, onde o carpinteiro rural dá largas à sua arte de motivos tradicionais, de cá, trasborda em

maré alta de personalidade; maravilhas, como: os jugos ornamentados que são os «mais lindos do mundo», no dizer insuspeito do etnógrafo polaco Frankwski; o carácter popular do nosso românico, limpo de grandiosidades, mas pleno de sentimento regional; a flôr das romarias com as três pênas de côres garridas, numa estilização cuja ascendência é curiosíssima e nos pode levar a longínquas civilizações; as casas cobertas de colmo ou lousa; certo tipo de casa-nobre; etc., etc.

Refíro-me às actividades dos habitantes da província.

Sôbre a sua origem étnica, confuso, e, por isso, difícil é o problema e mais ainda a sua síntese. Deslocado seria neste lugar a sua esplanação. Mas podemos, creio eu, dizer que esta província foi um cadinho monstro, onde, sôbre um fundo primitivo de ligures, íberos e

celtas, outros sangues se juntaram, como o daqueles que geralmente se agrupam sob a designação de lusitanos. Não esqueceremos, por mais importante, os contributos romano, germânico e árabe.

Tôdas estas gentes se foram sucedendo e entrechocando na área desta província. Caldearam seu sangue distinto de origem; fundiram suas civilizações, por vezes tão opostas; baralharam seus sentimentos tão diversos. Estes componentes, e muitos séculos de vida árdua mas digna, deram-nos o actual povo da província.

Foi uma estranha alquimia, na verdade, onde a fôrça bruta das armas e o rigor excessivo dos ritos cederam lugar àquilo que de mais superior e respeitável todos êsses elementos para aqui trouxeram.

Alquimia estranha, repito, onde vai buscar seu invulgar brilho uma flôr de perene beleza, a que Deus chamou PORTUGAL.

A. de M.

Desenho de
Dordio Gomes

Às invulgares condições naturais aliam-se, nesta praia, o confôrto e a animação das mais civilizadas estâncias de turismo da Europa

ESPINHO
CENTRO DE ATRACÇÃO DA COSTA VERDE

AFIRMAR que esta ou aquela estância de turismo é a melhor de tôdas, parece-nos, pelo menos, arriscado. Arriscado e anti-turístico, pois tôda a gente está no seu pleno direito de considerar a melhor de tôdas, não essa, mas a que, por qualquer motivo, prefere — e que pode, até (apreciada num ponto de vista genérico) ser uma das piores...

Usou-se muito, entre nós, dêste sistema de propaganda, na verdade inútil, para não dizermos contraproducente. Usou-se e ainda se usa.

É tempo de arripiar caminho, assentando, de uma vez por tôdas, que a melhor propaganda é a que se faz lealmente, com o mínimo de adjectivação e o máximo de objectividade. O turista não é um pacóvio ou um lunático... Pelo contrário: se há quem tenha o sentido das realidades e não se deixe levar por afirmações gratuitas, é êle. Antes de ir, pondera, mede os prós e os contras, e hesita cem vezes antes de se resolver em definitivo.

Isto vem a propósito da praia de Espinho. Se aqui disséssemos que é a melhor praia de Portugal, mentiríamos. E não seria por isso que na próxima época aumentaria a média normal de cêrca de vinte mil veraneantes que anualmente se instalam nesta estância. O que interessa, portanto, é dizer o que nela encontra quem a visita, ou a escolhe para habitar durante os meses de verão.

Praia desafogada, extensíssima e pouco perigosa. Boa salinidade. Óptimo clima: êsse clima de certas zonas do nosso litoral que tanto as crianças como as pessoas de idade suportam saùdàvelmente e que, por isso, os médicos recomendam.

Na avenida, defronte do Palácio Hotel, os veraneantes passeiam

A vila, moderna, de largas ruas traçadas em xadrez (com a curiosa particularidade de serem, quási tôdas, numeradas) é directamente servida por combóios de longo curso, quer nacionais, quer internacionais.

A sua população flutuante é constituída, em grande parte, por estrangeiros, que dão a Espinho uma agradável expressão de cosmopolitismo, sem, contudo, prejudicarem esta outra característica muito sua: a familiaridade do convívio. Na praia, no Casino, na ampla esplanada, nos cafés, por tôda a parte se vêem famílias portuguesas confraternizando, em passeios e diversões, com veraneantes oriundos de variadíssimos países.

Tem um campo de jogos para tôdas as modalidades de desporto; *courts de tennis;* carreira de tiro; um campo misto de aviação (aeroporto); pista para corridas de cavalos; campo de *golf,* e uma extensa lagoa, denominada *Barrinha de Esmoriz* — junto ao campo de aviação de Paranhos — que se presta maravilhosamente para a prática de desportos náuticos: remo, vela, pesca, *water-polo,* etc.

Possui um dos melhores hotéis — o *Palácio Hotel* — e um dos melhores casinos da Península — o *Grande Casino.*

Zona de jôgo e de turismo, Espinho preparou-se o melhor que pôde para atrair e prender os visitantes; os divertimentos e festas são permanentes; ao *dancing* e às variedades do Casino aflui, de tarde e de noite, verdadeira multidão de animados banhistas. A 14 quilómetros do Pôrto, com numerosíssimos combóios, dispõe, ainda, de carreiras constantes de *auto-cars* de luxo.

Mas Espinho é, sobretudo, uma terra sedenta de progresso. «Cria fama e deita-te a dormir», é um ditado desconhecido pelos seus habitantes. Querem sempre mais e melhor, naquele anseio de realizações que timbra as povoações activas e dá incremento às indústrias, às artes e ao comércio. Por isso meteram ombros a duas obras grandiosas: uma *Praça de Touros,* que é a mais elegante, sólida e vasta do País (nela cabem 5.000 espectadores) e uma *Piscina* — cuja construção, posta a concurso pelo Município, tudo faz prever que obedecerá aos mais modernos e perfeitos requisitos da arquitectura do género.

Realizados êstes sonhos, faltará apenas... o maior de todos. Nem mais nem menos do que o maior de todos os desejos da população de Espinho — dos que nela habitam e dos que a freqüentam: uma *estrada de rodagem,* marginal, ligando-a a Vila Nova de Gaia, que finalmente justificaria a feliz designação de *Costa Verde,* dada (por enquanto em teoria) a êsse magnífico e privilegiado trôço do litoral nortenho. Com essa estrada ficaria remediado o grande inconveniente da pouca acessibilidade das belas praias incluídas nessa linha, ao mesmo tempo que se proporcionava aos turistas a revelação de uma paisagem verdadeiramente maravilhosa.

A grandiosa Praça de Touros. — A noite, o Casino atrai tôda a gente

O Secretariado da Propaganda Nacional promoveu em Outubro, com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa, uma «Exposição de Crisântemos» nas montras das lojas da Rua Augusta, cujas ornamentações, de acentuado gôsto artístico, encantaram a população da capital.

Fotos Mario Novaes

Foram atribuídos três prémios, aos seguintes estabelecimentos: Alvarez & C.ª (taça da C. M. L.); «Lord» (taça do S. P. N.) e «Martex» (taça da Luminotécnica).

DE quando em vez, passeando pelo nosso País e entrando em algumas casas, comerciais ou particulares, acontece ficarmos extasiados perante certos pormenores timbrados pelo sentido artístico e requintado gôsto dos seus proprietários.

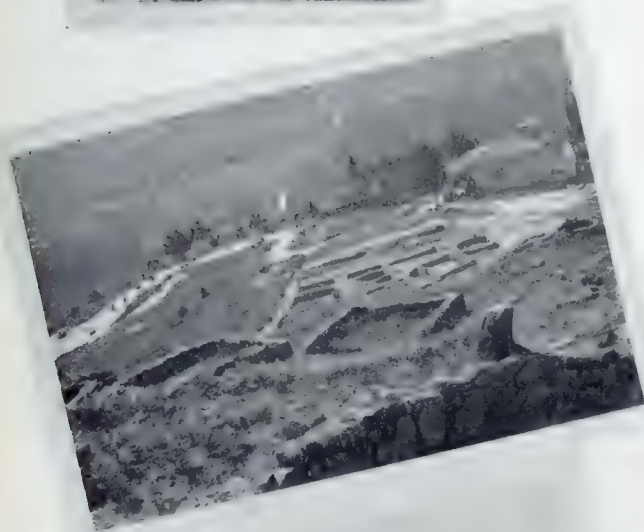
Nesta página se apresentam três exemplos: Ao alto e em baixo, dois recantos da casa de campo do Dr. Francisco de Sá Carneiro, cujos

móveis e objectos, sóbrios e elegantes, denunciam uma louvável inspiração em motivos da arte nacional.

A gravura central mostra-nos um dos quartos do «Escondidinho» — do Pôrto — onde qualquer dos leitores gostaria, por certo, de se instalar.

As decorações dêstes interiores foram realizadas pela organização portuense «Damaneto».

Fotos Alvão

CITÂNIA DE BRITEIROS

Foi descoberta em 1874 pelo arqueólogo Martins Sarmento, numa colina denominada *Mons Citania* (próximo de Guimarãis). Ainda se vêem nela vestígios de numerosas habitações — redondas e quadradas — construídas em pedra, numa disposição idêntica à dos *castros* do N. O. da Península. Na cumeada (336 m.), donde se abrange um belo panorama de montanhas, encontra-se uma capelinha e duas casas circulares, restauradas. O interior da capelinha pode ver-se pela janela. Preciosos objectos da Citânia — como a Pedra Formosa — estão expostos no museu Martins Sarmento, em Guimarãis.

Fotos de Salazar Diniz

GUIMARÃIS

BERÇO DE PORTUGAL

RECENTEMENTE, o consagrado Professor francês René Leriche, ao sair a portada do Museu de Alberto Sampaio, fêz-me esta interessada e misteriosa pregunta:—Mas afinal, como foi que tantos valores artísticos se reuniram dentro de uma cidade relativamente pequena? . . .—Porque temos um longo passado artístico. Em Portugal, só Évora e Coimbra nos superam. De facto, só Évora e Coimbra. O nosso «hors-texte», na representação histórica e artística, são as duas estações arqueológicas do Sabroso e da Citânia de Briteiros, prodigiosamente descobertas e reconstituídas por Martins Sarmento, e que constituíram o ponto de partida dos estudos históricos e económicos da alta mentalidade de Alberto Sampaio. Sem exageros de opinião, Guimarãis pode dizer-se terra única em que a sua documentação vai pelos tempos fora até aos domínios da pré-história, e vem de tão longe até nós com um desdobramento ritmado de marcos que assinalam a sua existência na fixação de tôdas as situações político-históricas de

(Reprodução policromada da Litografia Nacional do Pôrto, do número da «Revista de Guimarãis» comemorativo dos Centenários).

mais de dois mil anos. A conquista romana, influente nas citânias, deixou-lhe, quando menos, sinais indeléveis da sua actividade social, e, sobretudo, um regime novo de acção jurídica, directiva e económica. Na expansão cristã, cabe aos visigodos o espírito de estabelecimento de muitas obras de arquitectura, de que aliás, a tão distante período, ainda nos encantam documentos, vigentes, da edificação religiosa. E foi a Arte latino-bisantina, correspondente na zona peninsular aos árduos tempos da Reconquista, e mantida ainda na obra mestra da Capitular da Colegiada, que encerrou o capítulo imenso da actividade marcante dêste povo antes dos inícios da nossa vida nacional. Aqui estávamos quando Portugal nasceu, como estado político, no seio da nossa terra. No outeiro mais íngreme de Guimarãis — significativamente ás cavaleiras da cidade — arcaboiça, e impõe-se, o Castelo. E uma peça de sistema francês, organizada pelos conhecimentos técnicos e as aspirações políticas do Conde D. Henrique de Borgonha. Obra para aquêle tempo e para depois ... Dentro e em tôrno do Castelo de Guimarãis produziu-se a célebre Batalha de S. Mamede, cujos altos resultados haviam de operar, sob a égide de D. Afonso I, a criação do Estado Português, em síntese de organização política e económica, intrìnsecamente indivisa e gloriosa. O Castelo de Guimarãis cinge, em cadeias de oiro, a expansão românica no concelho, que produz, nos séculos XII e XIII, as obras exemplares da igreja de S. Miguel do Castelo e do Claustro da Colegiada, e se prolonga nas suburbanas de Cerzedelo, Cerzedo, S. Torcato, Salvador do Souto, Candoso, Polvoreira, Pinheiro e Pentieiros . . . Os Regulares de Santo Agostinho superintenderam na maioria dêsses templos, no anexo dos seus Mosteiros. É Portugal que religiosa e económicamente se organiza e se expande. Na classe do ogival todos os nossos principais edifícios são da traça de mestre estrangeiro. Assim, a Colegiada, do projecto do toledano João Garcia; os Paços dos Duques — edifício único, do seu género, na Península — foram delineados pelo normando Antom; e a igreja de S. Francisco — princeza das igrejas franciscanas do país, pela sua elegância, sumptuosidade e arrôjo — é produto técnico a que a Arte francesa não deve ser estranha. A evocação de Aljubarrota, para a Colegiada; a do senhorio da Casa de Bragança, pelo 1.º Duque, para os Paços gigantes da cordilheira da cidade, e a obra de S. Francisco, pelo amor de D. Afonso e a piedade de sua mulher, a 1.ª Duqueza, D. Constança de Noronha — tudo isso são provas do espírito de cultura e de piedade de algumas das grandes personagens que encerraram o ciclo medieval neste país. Depois, ainda, em matéria de riqueza arquitectónica, o manuelino, o renascimento clássico, o barroco e as expressões artísticas dos períodos de D. João V, D. José e D. Maria I — em livro sumptuosamente iluminado e sob o título próprio, que Salazar lhe dera, de Cidade-Museu. De tôda a grandeza das estações pré-romana e luso-romana do Sabroso e de Briteiros, bem como da representação de artes plásticas e decorativas de Guimarãis, são documentário de intenso merecimento os dois museus que a cidade organizou e mantem. Vindo do Sabroso

e da citânia de Briteiros, a ilustre Sociedade de Martins Sarmento exibe o espólio opulento das duas estações milenárias, nas classes da arquitectura e da decoração; uma secção epigráfica, rica de monumentos; os motivos proto-micênicos dos edifícios cultuais e civis; o grande enigma da «Pedra Formosa» e o não menos curioso exemplar do «Ídolo de Pedralva», aquela plena de ornatos e de beleza evocadora; a copiosa secção de cerâmica pré e proto-histórica; o oiro, o bronze, o cobre, os cristais, o silex, a armaria de pedra e o tesouro exaustivo da numismática. Assim, depois da ressurreição das cividades distantes, aqui, no centro do meio cultural, o espólio magnífico do Museu. Outro tanto sucedeu com os elementos das artes maiores e decorativas, enfrentando Guimarãis, corajosamente, o problema de os defender e organizar em casa própria, ou seja dentro do abrigo esbelto do claustro românico da Colegiada. O Museu Regional de Alberto Sampaio é uma das mais notáveis obras do Estado Novo nesta cidade. Não própriamente pelo esfôrço que tem sido praticado na organização e desenvolvimento dêste estabelecimento público, mas sobretudo pela defesa que se intentou do espólio artístico vimaranense e o número de centenas de obras de Arte que se lhe acrescentaram — benefício de seguro préstimo ao engrandecimento do património nacional. Arquivaram-se ali documentos arquitectónicos visigóticos, latino-bisantinos, românicos, ogivais, manuelinos e do renascimento clássico; esculturas, nacionais e estrangeiras, em prata, alabastro, calcário, granito e madeira, criadas desde o século XII ao século XVIII; revelou-se o pintor quinhentista português António Vaz, em três das suas obras admiráveis, e salvaram-se para a Nação dezenas de outros quadros (inclusive um «fresco» monumental) que alcançam do século XV ao século XVII da Escola Portuguesa; recolhemos a mais sumptuosa colecção da ourivesaria nacional e estrangeira, da qual surgem a primeiro plano os exemplares medievais e da Renascença; é exuberante o conjunto dos tecidos portugueses, indo-portugueses, espanhois, flamengos, franceses, italianos, mussulmanos, persas e chins; possuímos quatro grandes obras de couro de Córdova, doiradas e policromadas; e multiplicam-se, ainda, os assuntos no Museu com a representação da estatuária tumular, as obras de talha e do mobiliário sacro e profano, a cerâmica holandesa e nacional, os vidros venezianos e espanhois, os azulejos portugueses e espano-árabes, os pratos de cobre de Nuremberg, a escultura em barro, os tapetes de Arraiolos, a estamparia em sêda e linho, a iluminura, o brazonário, a arte do ferro, os bordados... etc., etc., etc. É esteio seguro, e aliás productivíssimo, das obras regionais de categoria histórica e artística, o opulento documentário do Arquivo Municipal de Guimarãis, em criação fecunda do Estado Novo nesta cidade. Quem suba ao alto da Penha — prodigioso pano-de-fundo do termo de Guimarãis — colhe o conjunto e a síntese desta obra milenária, pois que dela cuidaram, no amor ao estudo e à defesa económica, os vimaranenses de todos os tempos.

ALFREDO GUIMARAIS

Os Presépios Portugueses

por Diogo de Macedo

O motivo sagrado da «Natividade de Jesus» inspirou irmâmente os artistas de todo o Mundo e de todos os tempos, porque a sua extraordinária beleza e o mistério da «Imaculada» fôram tão grandes, que não permitiram liberdades de fantasia aos plásticos, senão na composição dos motivos complementares com que a religiosidade de cada qual os enganalou, os procurou enriquecer e movimentar, desde as arquitecturas pomposas ou singelas, e mesmo aquela de criar montanhas e rios com pitorescos acidentes, representando o Mundo inteiro numa síntese limitada, até aos grupos festivos e adoradores dos pegureiros, dos namorados, das caravanas de devotos, opulentos e humildes, com trajes e costumes arbitrários, todos guiados pela estrêla de luz, que fez convergir tôda a acção do quadro para aquela «lapinha» modesta onde o corpinho nu do Menino-Rei apareceu sôbre as palhas ou fênos do estábulo hospitaleiro. O grupo da «Família Sagrada», apenas com a presença real do boi de bafo quente e dôce, que foi testemunha do mistério, e do burrinho que o conduziu depois na sua fuga para o Egipto, além dos Anjos celestiais irmãos daquêle que anunciou à Virgem a escôlha divina do Espírito Santo, em todos os Presépios é igual, de composição similar, desde o primeiro, reconstituído anos depois no mesmo sítio da gruta, que uma basílica sublimou, até ao renovado por São Francisco — o «Pobrezinho» — , em Gréccio, e nos das magestosas portadas, altares e púlpitos das grandes catedrais, assim como nos relêvos dos sepulcros, nos retábulos dos templos mais modestos, às grandes composições em barro já com carácter especial daquele culto, recolhidas em ermidas, celas convéntuais ou palácios de fidalgos e, finalmente, executados por artistas especializados e mais ou menos com gestos populares.

Mas o certo é que, apesar do motivo inspirador ser igual em todos os séculos, lugares e concepções individuais, com composições orientadas por uma só fé e um igual culto, os Presépios variam na sua expressão artística nacional, segundo a estética das raças, as exigências do pitoresco das épocas e o modo particular da religião dos povos. Os alemães, os inglêses e os russos, não podiam idealizar aquela «verdade espiritual» do mesmo modo que os italianos, os franceses, os espanhóis e os portugueses. O gôsto oriental, e portanto, a sua concepção estética do mistério, não podia ser o mesmo do saxónico, do flamengo ou do latino, ainda que, por imposição da cêna inspiradora e inicial, as influências duns se reconheçam nas personalidades dos outros. Nós, os latinos, pouco nos arredamos da mística e lírica criação do Monge de Assis, que os franciscanos espalharam depois pelos sítios mais ignotos da terra e no coração dos mais modestos devotos. De aí, a confusão fácil de se tomar por italianizadas as individuais reconstituições dos demais povos latinos.

Em Portugal, sobretudo desde que entre nós se fundou o culto isolado do Presépio, o culto artístico e familiar do Natal, com as maquinêtas compostas em vistosos retábulos circundantes com missangas e flores; com redomas a aconchegar num só e íntimo conjunto a cêna da Natalidade e as do motivo amoroso, como lavadeiras, pastores, fontes e idílios de tôda a espécie; com armaretes maiores que se povoaram com cavalgadas admiráveis de composição, descendo montanhas, que castelos roqueiros e moinhos de vento limitam; com grupos de almocreves, matanças de gado, jogos populares, folguedos de namorados, romarias de camponeses, cegos de pedir, tocadores de sanfôna, adufes e gaitas de foles; com agrupamentos de serafins e anjos alados, assim como de outros, músicos, com ricos harmóniuns e órgãos dourados, cítaras, requintas e rabecões; com multidões de gentes do povo à mistura com fidalgos, ajoujados de oferendas, perus, cordeiros, cêstos de ovos, manjares, que vieram adorar o Menino; com os Reis Magos e seu séquito de índios e negros, elefantes, camelos e muares e com cênas várias de «Aparições aos pastores», borborinhos do milagre e outras com a «Vida de Jesus» em pequenino, desde a «Anunciação» e a «Fuga para o Egipto», à «Apresentação no templo» e à «Discussão entre os doutores», além mil e um casos da vida real portuguesa, onde não falta a tropa, os clérigos e os costumes mais típicos do povo, o Presépio português firmou-se uma nacionalidade, com características inconfundíveis, com jeito e fantasia próprias, com gôsto e graça e expressão particularíssimas, diferentes nos pormenores e mesmo nos arranjos dos blocos, de todos quantos reproduziram também os seus costumes.

Há uma falta estranha nos nossos Presépios do século XVIII, com cuja explicação não atinamos: a do mar. Não conhecemos um só que, pintado no fundo — muitos dos armaretes citados tinham pinturas cenográficas com paisagens, muralhas de castelos na bruma que dava distância, e nuvens fantásticas, assinadas por pintores de nome — ou no meio da multidão de grupos ou figurantes, tivesse qualquer lembrança de navegação ou pescadores, faina marítima ou mesmo o tipo singular das peixeiras. Sendo a nossa fortuna de então, oriunda, em grande parte, das colónias e especialmente do Brasil, não apareceu qualquer alusão às causas tradicionais e importantes para nós, da vida e da aventura oceânica, nem tão pouco às classes pescatórias, tão religiosas e pitorescas como quaisquer outras em Portugal. Pelo quê?

Chegado agora o momento do ressurgimento do «Presépio português», que uma campanha de há anos anda provocando, é de esperar que os novos artistas portugueses rehabilitem essas heróicas gentes do mar, com os seus originais costumes, trajes e devoções. É justa essa reverificação e essa introdução nacional duma parte tão bela do nosso folclore, lacuna a salvar e que dará motivos originais na recriação do Presépio, onde a arte, a graça, o espírito popular e religioso, a par da novidade, não faltarão, por certo, ao concurso dos presepes modernos.

¿A tradição de António Ferreira, Machado de Castro, Joaquim José de Barros e Faustino José Rodrigues, grandes presépistas portugueses, renascerá no espírito, na inspiração, na fé e na arte dos moços artistas de agora, que, como aqueles de tão gloriosas famas, poderão igualmente ser criadores de obras monumentais e de composições encantadoras em menor escala, tão dignas das admirações dos vindouros, como foram os coroplastas gregos, autores das famosíssimas Tanagras? Deus o queira e Portugal o saiba premiar!

GEREZ *Païsagem, flora e fauna*

NINGUÉM põe em dúvida que um bom guia é instrumento imprescindível para quem pretenda visitar, turìsticamente, qualquer parcela ou recanto de província, região ou aglomerado urbano. (Trata-se de guia impresso e não de guia humano, bem mais precário na veracidade e precisão das informações, embora, algumas vezes, mais optimista e animado companheiro)...

Preambulamos dêste modo, porque há quem prefira que lhe indiquem o nome do ponto mais elevado de uma serra, a saber que dêsse cume se pode apreciar um panorama de beleza transcendente. Dados concretos, objectivos... Ei-los:

A Serra do Gerez é uma cadeia granítica que se estende, de N. E. a S. O., com o comprimento aproximado de 35 quilómetros e a largura máxima de 18, a

N. E. do Minho e a N. O. de Trás-os-Montes. O seu ponto culminante *(Altar dos Cabrões)* encontra-se a 1.536 metros de altitude. Os cumes do Gerez são muito aguçados e próximos uns dos outros, como sucede com as rochas vulcânicas. Assim, a extrema agudeza das suas arestas graníticas, a aspereza das rochas que revestem ou coroam as suas pontas abruptas, dão à serra as formas mais imprevistas e mais variadas. Por tudo isto e pela sua fauna, a sua flora, as águas que se precipitam em cascatas, a sua poderosa vegetação e, ainda, pelos horizontes magníficos e as belezas que encerra, esta montanha é bem digna do nome que lhe deram: «o paraízo do turista». (V. *Portugal, Madère-Açores,* ed. *Hachette).*

«Nenhum viajante — escreveu Link — percorrerá sem prazer estes sítios encantadores, onde as belezas de um clima quente se aliam à frescura do Norte. O Caldo, o Homem e o Cávado merecem, tanto como o Lima, o nome de Lethes. O encanto que êles espalham nestes lugares faz esquecer as florestas da nossa pátria e, até, as da Inglaterra».

A vegetação da serra reparte-se por três zonas de altitude: na primeira, até 1.200 metros, dominam os carvalhos e os azevinhos; a segunda, de 1.200 a 1.400 metros, está coberta de teixos, de pinheiros do Norte e de bétulas; finalmente, a partir de 1.400 metros, as árvores desaparecem, e apenas o zimbro e outros arbustos enfezados cobrem os mais altos píncaros. Por tôda a parte abundam os fetos, os narcisos, os jacintos e os lírios silvestres — dos quais é espécie única o que tem por nome *Boissieri.*

Também a fauna do Gerez é invulgarmente variada: veados, javalis, lôbos, furões, lontras, martas e texugos; entre as aves, destacam-se a águia real, e uma espécie de perdiz (cinzenta) muito rara em Portugal, conhecida por *charrela.* O encanto turístico do Gerez é completado pelos documentos arqueológicos nela dispersos (pontes romanas, marcos miliários, os restos da estrada da Geira) e também pela etnografia regional, rica de costumes arcaicos e particularmente interessante pelo regime de exploração pastoril.

Resta-nos indicar que a Serra do Gerez pode ser percorrida por três itinerários, quási da mesma extensão, mas de pitoresco desigual: — pela Ponte do Pôrto (partindo de Braga); pela Ponte do Bico e por Pinheiro, seguindo a estrada de Ruivães e Venda Nova. Êste último é o mais recomendável, por ser o trajecto de onde se domina de mais alto o deslumbrante vale do Cávado.

VISEU

CAPITAL DA BEIRA ALTA. — Cidade pitoresca, de 431.473 habitantes (senso de 1930). — Numerosas casas antiqüíssimas, algumas dos séculos XVI, XVII *e* XVIII, *com típicas varandas apoiadas em* cachorros *e interessantes aldravas nas portas. — Monumentos:* Sé, *igrejas da* Ordem Terceira de São Francisco, *do antigo convento de* São Bento *e do* Carmo. — Casa do cimo da vila, Casa do Miradouro *e* Casa das Bocas. — *Museu de* Grão Vasco, *com quadros dos primitivos Jorge Afonso e Vasco Fernandes, e outros de artistas contemporâneos: Columbano, Malhoa, Silva Pôrto, etc. — Hotéis:* Portugal *e* Avenida.

BEIRA ALTA. «... Fica-nos para trás a Beira-Mar, ao rés do oceano. Subimos à Beira Alta, entre serras: o Buçaco, o Caramulo e Montemuro em ascenção do lado da Beira Mar; a Serra da Lousã, da Estrêla, os Montes das Chãs e Serra da Lapa, a separá-la da Beira Baixa pelo Sul e Nascente. Pelas linhas de penetração do Mondêgo-Dão e do Vouga, chega-se ao centro da Beira, a cidade de *Viseu;* os campos em volta, extremamente belos, semeiam-se de casais e esmaltam-se de águas; à volta, mais ou menos longínquos horizontes de serras. Sobe-se ao Norte um pouco mais e topa-se *Lamêgo*, cidade heráldica, cidade museu; vai esbarrar-se com o Douro, sôbre cujo vale fundo a Beira começa a descer; à volta Rezende, Tarouca, Moimenta, Tabuaço, Armamar, num arco-íris de frondes mimosas, que vai apoiar os dois extremos no Douro. Dos altos da contínua sucessão de serras fragosas e de chãos fecundos, nódoa de verdes aqui claros, ali fundamente carregados, além amarelo nos milheirais, à direita mui tenros nas hortas, e esmeraldinos nas vinhas da esquerda...».

«Pelo Norte, entre o Caramulo e a Gralheira, fica o delicioso éden de Lafões, dominado pelo Monte Lafão, proeminência setentrional da Serra do Caramulo; êsse monte levanta dois cabeços impressionantes pelo recorte e imponência, impressão justificativa da crença supersticiosa do povo da região, que lhes atribui lendas de mouros».

«Principiam as tradições mouriscas por estas serranias; os rochedos, formidáveis ou de feição curiosa, as ruínas de antigas eras, sugeriram à fantasia dos habitantes o maravilhoso do mouro; há penedos onde se ouvem teares a trabalhar ou sinos a badalar; há mouras encantadas que dormem ao lado de tesouros escondidos...».

«Por essas serranias acima, as povoações cingem-se nas covas, abrigam-se com os rochedos; sem cal, são soturnas no tom cinzento-sujo do granito patinado; os telhados de palha centeia, curtida pela neve e segura com ripas e pedregulhos, desafiam os ventos; lá dentro acomoda-se tôda a gente, conforme pode; o lume arde na lareira ou no chão natural, e a fumaceira, que denegriu coisas e seres, sai pela única abertura do antro, a porta, por defesa, pequena e estreita. Os homens e as mulheres, velhos e crianças, vestem grosseiramente de burel, entamancados os pés em trincheiras de páu e coiro; deitam pela cabeça sacos pardos de burel que os encapucham e descem aos joelhos; são as *capuchas* das serranias da Beira Alta. Nos cabeços olham pela paz e

sossêgo de todo êste arcaísmo bendito, que é um museu de etnografia, as mais benévolas Senhoras do Monte Alto, da Serra, do Castelo, das Preces».

«Entrando por Castro-Daire e subindo a Viseu, ou alongando o Douro e descendo a Lamêgo, topa-se o segundo centro de grande densidade monumental da Beira, entre Lamêgo ao Norte e Viseu ao Sul. Se em Coimbra, pela sua situação geográfica e pela importância social, as artes arquitectónicas se desenvolveram e condensaram exuberante-

mente, aliando-se ao primitivo românico, sem o suplantar, o *manuelino* e o *Renascimento*, da era brilhante de Quinhentos, deve observar-se que em Lamêgo e sua região o *românico* dominou sem alianças. A cidade de *Lamêgo* conserva do seu castelo medieval a *Tôrre de Menagem*, dominante no alto da colina, e as muralhas com as tôrres e as sete portas guardadas por cubelos que as ladeiam. [...] A *Igreja de Almacave*, a que anda ligada a lenda de aí terem reünido as primeiras côrtes de Portugal, é do século XII; tem ao lado uma tôrre quadrada; o pórtico principal é formado por três arquivoltas de arco subido, com uma

faixa decorativa de enxadrezado. A *Sé Catedral*, notável de arquitectura, é ampla e majestosa, mas afinal manta de retalhos arquitectónicos: tem românico, tem gótico, tem manuelino e Renascimento, restauros e ampliações dos séculos XVII e XVIII. [...] *O Paço Episcopal*, junto da Sé, é obra do Bispo D. Manuel de Noronha, que no govêrno da diocese (1555-1569) fez obras na Sé e deu origem ao templo de *Nossa Senhora dos Remédios*. Esta igreja, que recorda e traslada o Bom-Jesus do Monte, de Braga, é formosa e bem adaptada à topografia e à paìsagem; tem belos pórticos e uma curiosíssima capela exagonal. A *romaria da Senhora dos Remédios* é das mais freqüentadas e ricas do Norte do País; da esplanada avistam-se outras seis capelas dedicadas à Virgem, formando assim o que o povo chama as «sete-irmãs». À volta de Lamêgo sucedem-se os monumentos medievais, que fazem desta zona um curso prático de arte românica e pré-românica».

(Excerptos da monografia A BEIRA, por Luiz Chaves. Da colecção *Portugal. — Exposição Portuguesa em Sevilha*. Ed. 1929).

Desenho de Maria Keil

A casa de Camilo, em São Miguel de Seide — Foto António Mendes

A acácia do Jorge

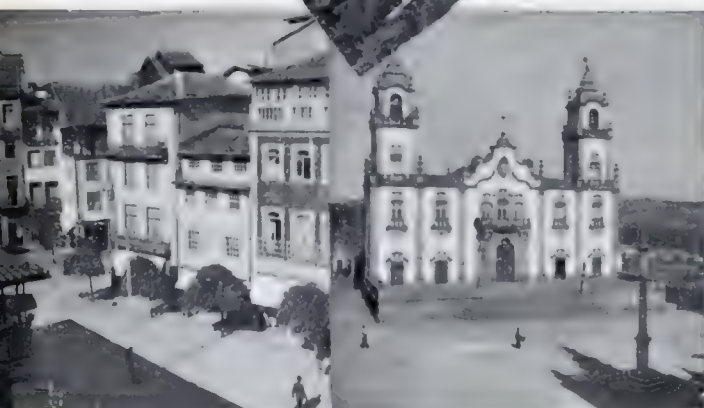
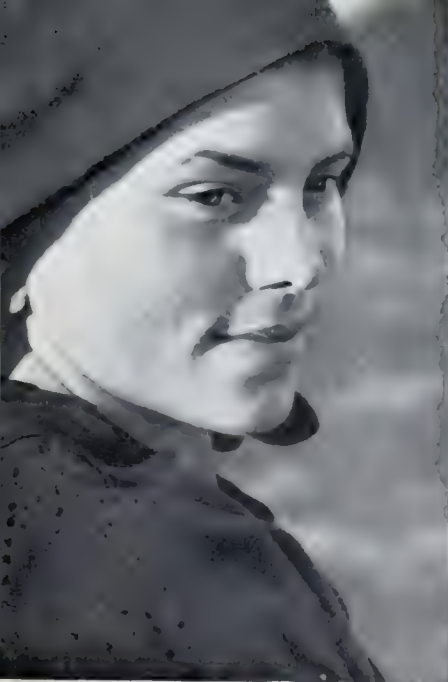
por Raúl Brandão

«SEIDE, um largo triste com alguns carvalhos decepados, uma cruz e duas casas, uma em frente da outra. A casa amarela de Camilo cai aos pedaços: as janelas em cima têm os vidros todos partidos; as grades em baixo parecem grades de prisão. Mostram-me de fora a sala de bilhar onde êle se matou e o cano do fogão onde êle se aquecia. Um buraco-casa para uma tragédia ou para um crime.

Ao pé os carvalhos mutilados e reduzidos a torresmos têm atitudes de humano desespêro. Não gritam porque não podem gritar. Entro a mêdo no quintal: o terreiro, a acácia do Jorge...

... Na sua obra não há uma árvore — nota Junqueiro. Há. Há na sua vida aquela árvore que teimava em lhe bater devagarinho na vidraça, aquela acácia que é um dos grandes actores desta tragédia, a-pesar-de lhe caber um papel tão modesto que não pronuncia palavra. Noite cada vez mais negra, silêncio cada vez maior... E ela aí tornaria a tocar muito baixinho nos vidros. Debalde. Êle não a podia ouvir».

(Do *In Memoriam a Camilo)*

A acácia do Jorge, numa gravura da época

Dois sorrisos dominam, propositadamente, estas páginas.— É que a paisagem do Norte é assim: variada e pitoresca, mas, sobretudo, risonha.

O povo, serrano ou da beira-mar, é franco, simpático, acolhedor. Os costumes são curiosos e fortemente arraigados à tradição. As casas, os jardins, os arruamentos e os trajos possuem

Fotos de Alvão, António Mendes, Beleza, Carlos Ribeiro, A. Barreiros, Oliveira Alves e Tom

características inconfundíveis. A arte monumental é riquíssima: — todos os estilos, em inúmeros exemplares de arquitectura religiosa e civil; fontes, pelourinhos, cruzeiros, moinhos...

E tudo isto, banhado por uma luz intensa, tem a fotogenia que estas imagens nos revelam.

VILA NOVA DE GAIA E AS SUAS PRAIAS

VILA Nova de Gaia, situada na margem esquerda do Douro, mesmo fronteira ao Pôrto, é uma povoação de cêrca de 17.000 habitantes. Entreposto dos famosos vinhos da região, são célebres as suas numerosas caves, cujas imensas galerias chegam a comportar mais de 300.000 hectolitros de vinho.

Logo ao primeiro contacto com a vila o visitante reconhece os traços mais característicos da paisagem urbana do Norte e da índole dos seus naturais. A actividade tem o ritmo intenso, por vezes quási febril das grandes cidades industriais.

No entanto, Gaia possui outros atractivos. Os amadores de arte não encontram nela apenas armazéns e casas de comércio.

Só o Mosteiro da Serra do Pilar é pretexto para uma visita especial e demorada; à memória da sua construção estão ligados os nomes dos artistas do século XVI: Filipe Térsio, João de Ruão e Diogo de Castilho; a igreja e o claustro circulares são dos mais elegantes espécimes do Renascimento: (o claustro, começado em 1590, só foi acabado de construir em 1690).

O Mosteiro de Grijó — também dos Crúzios — inicialmente românico, foi terminado, no século XVII, no estilo da época; o claustro e a sacristia (esta forrada de azulejos) são admiráveis. Outro Mosteiro, o de Pedroso, de velho românico já quási perdido sob uma grande reforma manuelina e outras posteriores, é, a-pesar disso, digno de aprêço e de estudo.

O Parque da Gândara, em Miramar

Fotos Alvão

Na igreja matriz de Santa Marinha vêem-se quatro bons quadros de assuntos religiosos, paramentos e uma preciosa banqueta em madeira dourada, com esculturas. Na ermida de N.ª S.ª de Fontes existe uma Imagem da Virgem, de João de Ruão.

Gaia perpetuou a memória do genial escultor Soares dos Reis com uma estátua cinzelada por Teixeira Lopes, cujo *atelier*, transformado agora em museu (património do Município) também representa forte motivo de atracção. Na galeria de escultura, onde avultam trabalhos do mestre, encontram-se também obras notáveis de Soares dos Reis, Augusto Santo, Duquesa de Palmela, Benliure, etc.; noutras salas, excelentes quadros de Salgado, de D. Carlos, de Acácio Lino e de outros artistas contemporâneos; tapetes de Arraiolos, Gobelins, valioso mobiliário nacional e estrangeiro, louças, rendas, leques, jóias, figuras populares de barro — de Teixeira Lopes pai — e interessantes autógrafos.

Gaia é ainda, no ponto de vista turístico, excepcionalmente privilegiada, por ser ponto de partida para a *Costa Verde*, formada por uma série de sete das mais pitorescas e animadas praias nortenhas: Lavadores, Madalena, Valadares, Francelos, Miramar, Aguda e Granja.

Esta última — orgulhosa de ser a praia de Eça de Queiroz — é preferida por grande parte das melhores famílias do País; tem um hotel magnífico, uma ampla piscina, *courts* de *tennis* e a Assembléia, onde se reúne, diàriamente e em festas freqüentes, a sociedade aristocrática.

Aguda, movimentado centro piscatório, possui, como elemento de valorização, um excelente campo de jogos.

Miramar é, sem dúvida, quanto à fisionomia urbana, uma das mais curiosas e aprazíveis povoações do nosso litoral. Além do seu já famoso Parque da Gândara, possui um óptimo campo de «golf».

Finalmente, merece referência especial a praia de Francelos, cuja importância turística se acentua de ano para ano, sendo de prever que dentro em breve — graças aos seus constantes melhoramentos — poderá enfileirar junto das melhores.

O claustro do Mosteiro da Serra do Pilar — Uma sala do Museu Teixeira Lopes. — Em baixo *A magnífica piscina da Granja.*

Pormenor da porta da Igreja de Cedofeita

O PÔRTO MONUMENTAL

(DOS SÉCULOS DOZE AO DEZANOVE)

por Aarão de Lacerda

Da risonha vila de Gaia, como vasto miradouro, se vê o Pôrto em grandioso panorama, a massa enorme e compacta do seu casario a ascender desde as margens do Douro pelas colinas, espraiando-se nos planaltos desafrontados. Esta é a verdadeira *cidade de granito*, conservando ainda a sua fisionomia própria, aquele ar castiço que as velhas gravuras fixaram numa fiel interpretação do seu espírito, do seu tom peculiar. Mirada assim de longe, parecerá um tanto estranha ao viandante, oriundo de terras do Sul, habituado a outra luminosidade, às côres e aos brancos mais puros e mais vivos; mas logo sentirá, no primeiro relance, uma impressão de dominante severidade e fôrça, a olhá-la como que esculpida na própria rocha, resistente à acção erosiva do tempo.

Não podia ter outro semblante a terra onde o rio, que não é de «saüdosas águas», como o Mondego, corre entre fragas e vem juntar-se ao Atlântico, por vezes num encontro violento quando se avoluma e ruge caudaloso nas cheias invernais: é o têrmo esperado dessa corrente que abre e entalha com violência o seu leito, vinda lá de muito longe dos xistos câmbricos em ruïniformes aspectos, de paisagens ásperas, alcantiladas, cenários para um profeta ou para um bandido, como o escreveu Junqueiro.

A história do Pôrto é desde sua nascença um encadeamento de sucessos heróicos e singulares, eruptivo tantas vezes como a rocha onde os homens o engastaram, culminando em energia e em actos de humaníssima bondade, recordados nas páginas de velhas crónicas por descritivos de edificante beleza moral. Tais feitos e acontecimentos deviam perdurar em bem comunicativos testemunhos dêsse glorioso passado e teve-os, de-certo, mas perdeu-os também em grande parte. A sua catedral, quási íntegra na estrutura românica, é o prémio dêsses testemunhos a proclamar a grandeza da sua fé. Após o restauro, as suas naves recompostas na medieval austeridade, ficaram com o ambiente propício ao recolhido entôo do cantochão e às preces. Felizmente restam seu gótico claustro — onde, de quando em quando, em certos dias festivos, as procissões desfilam com seu prelado e cabido, e pomposamente adornado de azulejos históricos com bíblicas alegorias sublinhadas por versículos do «Cântico dos Cânticos» — e a sacristia, quási profana se entramos nela com os olhos habituados à sombra do templo granítico. A Sé domina o vasto «terreiro de D. Afonso Henriques», lançando a sua bênção sôbre a cidade. Distante da catedral, tão desafogada agora, há outros venerandos silhares: os da Igreja de Cedofeita — mais humilde, mas com sua nave abobadada, prova de certa abastança nesta época em que os monumentos sacros da sua condição se apresentam, no geral, cobertos de telhado sôbre frágil armação de madeira — e os da igreja conventual de Leça do Balio, já no alfaz do Pôrto, de um gótico muito simples, quási arcaico mas elegante. A seguir, em cronologia, a igreja de S. Francisco, medieval ainda, do tempo de D. Fer-

O Palácio do Freixo (séc. XVIII)

nando (?), na sua construção de um ogival simples como a anterior e também, como ela, elegante no alçado da ousia e dos absidíolos, mas notàvelmente enriquecida pela talha que cobre as suas paredes e tetos de uma aurifulgente vestimenta. Junto dela, a igreja dos Terceiros de S. Francisco, bem mais moderna, tem seu ar clássico na fachada e no interior, moderado na decoração, tão ostentosa na vizinha e ainda em outros dois templos: de Santa Clara, de fundação quatrocentista, e de S. Pedro de Miragaia, muito alterado no século XVII, ambos com seus sumptuosos revestimentos dourados, em que belos motivos pendentes à maneira de estalactites, lembram a tradicional escola do alfarji.

O período compreendido entre o final do século XVII e a segunda metade do século XVIII, foi no Pôrto de grande actividade arquitectónica: é o tempo do barroco. Datam desta fase as vastas igrejas dos Grilos — de frontaria tão semelhante

O interior sumptuoso da Igreja de São Francisco, notável pela profusão de talha de madeira dourada. — O portal da Igreja de Santa Clara (de fundação quatrocentista)

à da *Sé Nova* de Coimbra — de S. Bento da Vitória — com seu belo côro e órgão de imponentes tribunas — de São João Novo e dos Congregados; e de um barroquismo diferente, por mais expressivo, a igreja de Santo Ildefonso, de portal bem curioso e interessante no jôgo dos sólidos geométricos que em bem calculada disposição coroam as duas tôrres.

Mais expressivo e mais movimentado é o barroco da igreja dos Clérigos, delineada por Nicolau Nasoni, com a sua tôrre bem talhada, e tão típica para o Pôrto que constitui um dos elementos mais inconfundíveis da sua fisionomia.

A êste período pertence o templo do Carmo, que tanto contrasta, pela sua frontaria *rocaille*, com a igreja anterior ou com a da Misericórdia, de decoração pesada e túmida, da autoria de Nasoni, também.

O Pôrto deixou perder os seus mais antigos monumentos civis: dêles subsistem apenas uma humilde casa gótica escondida no sombrio Bêco dos Redemoínhos, atraz da catedral, as ruínas da Casa dos Vinte e Quatro e um ou outro pormenor de muito incerta atribuïção.

Precisamos de atingir a época citada para termos uma fase de grande actividade na arquitectura civil, com a construção do Hospital da Misericórdia, Relação e de algumas das mais marcantes habitações senhoriais, como o Paço Episcopal, certas casas armoriadas e o Palácio do Freixo, debuxado, certamente, pela fantasia de Nicolau Nasoni, exaltada e caprichosa, como o não fôra na igreja dos Clérigos, a procurar contrastes vivos, a deleitar-se no arabesco e na agitação das linhas mais próprias de decorador do que de arquitecto.

No século XIX foram construídos o Palácio da Associação Comercial e, entre outros templos, o da Trindade, de bem equilibrada frontaria, avultando ainda, por sua beleza, a Capela do Divino Coração de Jesus ou Capela dos Pestanas, verdadeira miniatura da *Santa Capela*, de Paris, debuxada pelo estatuário do *Desterrado*, Soares dos Reis.

Nesta breve menção do Pôrto Monumental não devem esquecer-se as duas pontes de *estilo Eiffel*, notáveis exemplares de arquitectura metálica que bem se harmonizam com a paisagem, elegantes e ousadas a recortar-se no horizonte, como filigranas.

Clichés e gravuras de Marques de Abreu

As primeiras igrejas e mosteiros portugueses foram erigidos no Norte, «berço comum da arte e da nacionalidade». (Reinaldo dos Santos). Aqui se reproduzem dois importantes espécimes da arquitectura nortenha — românica e gótica: S. Martinho de Cedofeita e Leça do Bailio

Foto Marques Abreu

GÁS E ELECTRICIDADE - ÁGUAS E SANEAMENTO

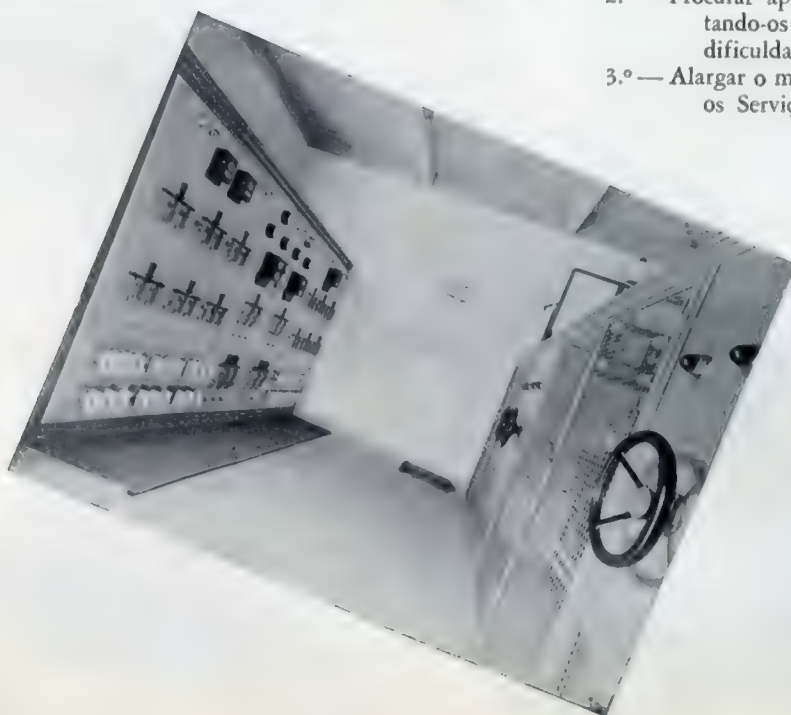
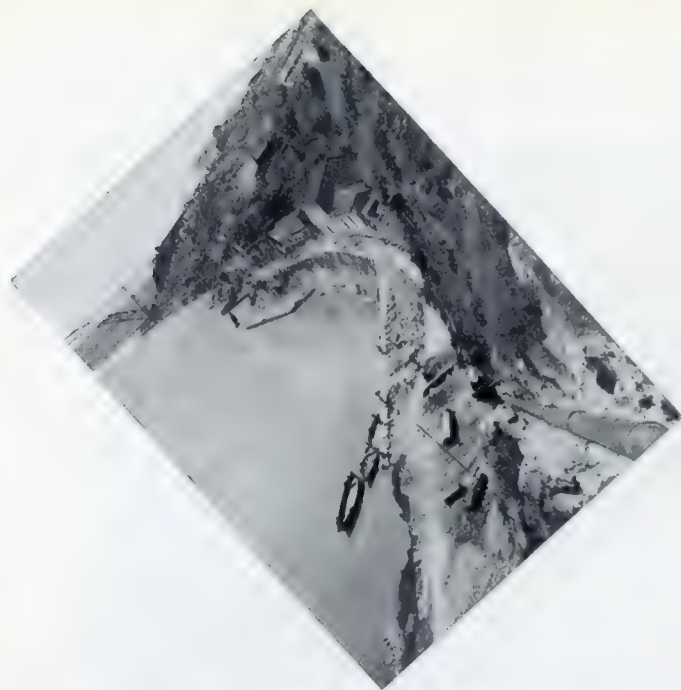
JÁ pusemos em foco uma grandiosa e importantíssima obra de utilidade pública, realizada no Norte do país pelo Govêrno do Estado Novo: o Pôrto de Leixões. Não nos parece demasiado relevar a existência doutras, não só por ser êste um dos objectivos fundamentais que nos propusemos atingir com a criação da nossa revista, como, ainda, pelo facto de se tratar de um número dedicado àquelas províncias em que sempre foram notòriamente progressivas, neste domínio, as actividades desenvolvidas.

Quem visita a cidade do Pôrto e, embora por breves instantes, toma contacto com os serviços do seu Município, de-certo se apercebe de que êles são o nítido reflexo de uma organização excelente, superiormente dirigida por quem possui, antes e além do mais, perfeita consciência da árdua e complexa missão de que foi investido.

Sucede, porém, com a maior parte das grandes emprêsas e, sobretudo, com os organismos de acção directa mais intensa, que apenas são visíveis e palpáveis os frutos — mais ou menos perfeitos, mais ou menos sazonados — de uma laboração difícil e contínua, mas, também, extraordinàriamente interessante.

É o caso dos bastidores de teatro — comparação que sempre, em circunstâncias semelhantes, ocorre: o público aplaude ou pateia o que vê, ouve, sente e compreende, e raras vezes pensa que tudo quanto se passa deante dêle é conseqüência de mil e um factores, fôrças e valores conjugados, e peças de engrenagem que, lá atrás, se desenrolam...

Exemplifiquemos, em relação aos Serviços de Gás e Electricidade do Pôrto: Muita gente ignora, de-certo, que durante a maior parte do ano as águas de três rios (o Lima, o Ave e o Varosa) iluminam a cidade do Pôrto e alimentam os motores que dão trabalho a muitas famílias de operários.

A tôrre-reservatório (500m³) para abastecimento da parte alta da cidade

A distribuïção de energia eléctrica em baixa tensão dentro da área da capital do Norte é feita pelos respectivos Serviços Municipalizados, sendo o Pôrto a cidade portuguesa onde as tarifas de venda de electricidade para usos domésticos atingem os valores mais baixos.

A-pesar do grande aumento de encargos que a guerra acarretou e das dificuldades que existem na obtenção de certos materiais, tem-se ampliado a aplicação da tarifa doméstica especial para consumidores pobres, que se destina a permitir o uso da electricidade às classes mais desprotegidas da fortuna, procurando, ao mesmo tempo, abrir o maior número de trabalhos novos que possam trazer melhoria para o serviço e ocupação de mão de obra nacional.

Foi já no ano corrente que se inaugurou a Sub-Estação de Camões, onde é recebida tôda a energia que os Serviços Municipalizados distribuem e onde, pelo simples manejo de um botão, essa energia pode ser cortada à cidade.

Esta Sub-Estação é, no seu género, a instalação mais completa e mais moderna do País, tendo sido levada a cabo em condições particularmente desfavoráveis, porque a quási totalidade da aparelhagem eléctrica é de fabrico estrangeiro e, portanto, de difícil obtenção durante o estado de guerra na Europa.

Da Sub-Estação de Camões partem duas rêdes de alta tensão dos Serviços: uma a 5.000 volts e outra a 15.000, a última das quais se destina a alimentar os postos de transformação da periferia da cidade..

Em 1940 o Município comprou 20.424.886 kWh assim distribuídos:

Para os S. M. Gás e Electricidade...	17.089.253 kWh.
Para os S. M. Águas e Saneamento...	2.841.792 »
Para os Serviços do Matadouro e Frigorífico	493.841 »

Quando ùltimamente foi celebrado novo contrato com os fornecedores de energia houve a preocupação de transferir para a população da cidade tôdas as vantagens que adviessem da sua entrada em vigor.

Pode bem dizer-se que, relativamente ao fornecimento de energia ao Pôrto, as directrizes superiormente marcadas englobam os três seguintes pontos fundamentais:

1.º — Transferir para o consumidor os benefícios que possam obter-se no preço do custo do kWh.;
2.º — Procurar aperfeiçoar os serviços cada vez mais, dotando-os de novas instalações, a-pesar das sérias dificuldades do momento presente;
3.º — Alargar o mais possível a acção de carácter social que os Serviços possam, de qualquer modo, exercer.

Os trabalhos de colocação da conduta para abastecimento de água a Vila Nova de Gaia. Entrada principal e um trecho do interior de um pôsto de transformação

Quem lança um rápido olhar sôbre estas imagens, logo se apercebe da grandeza e da importância dos *SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DO PÔRTO.* — A primeira mostra-nos a imensa *galeria de manobras do reservatório de Nova Sintra* (20.000m3); a segunda documenta *uma fase da construção da Central de Zebreiros*

Fotos Alvão

A cantina, para serviço do pessoal. — O barramento de 5.000 volts da Sub-Estação de Camões. — Exterior de um dos postos de transformação (Gondarem)

Fotos José Mesquita

Vejamos, agora, o que se passa na capital do Norte quanto aos Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento.

Nesta última década a Câmara Municipal, pelos referidos serviços a seu cargo tem realizado grandes obras, não só para abastecer abundantemente de água potável a cidade e concelhos limítrofes, mas, ainda, para completar o saneamento dos prédios nos grandes aglomerados.

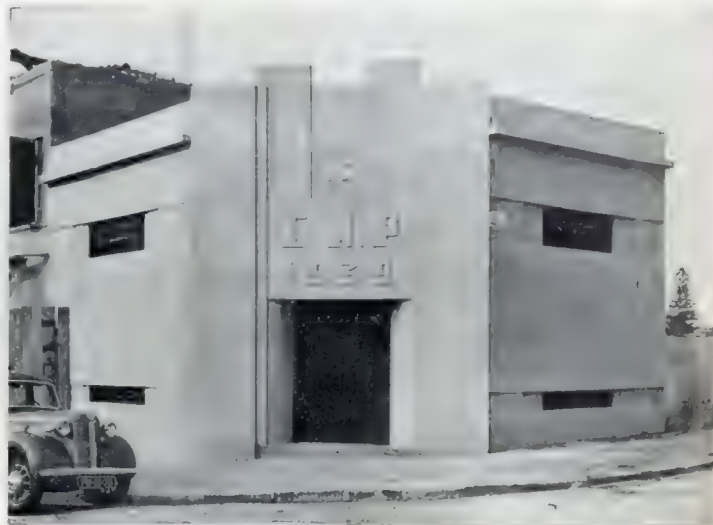
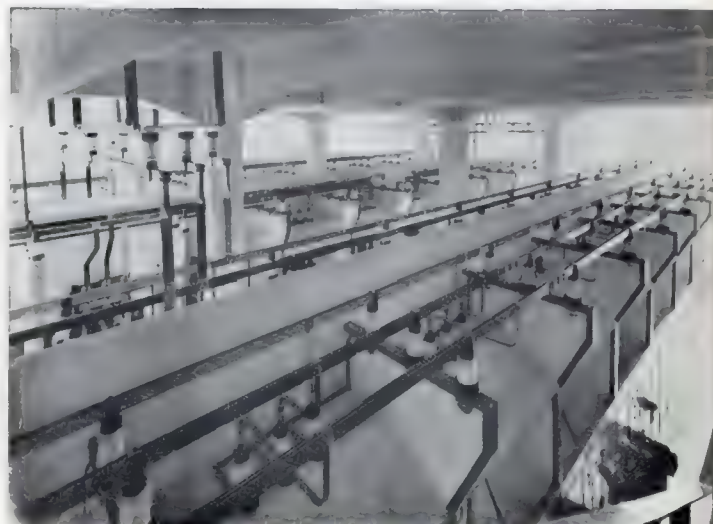
Graças a disposições governativas e a empréstimos, resgatou-se, em 1927, a concessão dada à Companhia das Águas, e realizaram-se importantes melhoramentos para satisfazer ao desenvolvimento da cidade e às necessidades crescentes da população, conseguindo-se captar, por meio de poços abertos no areal de Zebreiros, à margem do Rio Douro, tôda a água para o abastecimento ser completo, quando os rios Sousa e Ferreira não tenham caudal suficiente.

E essas obras atingiram tal desenvolvimento que, com a adjudicação agora feita da conduta adutora *Jovim* — Nova Sintra — Santo Isidro, em tubos de 750 m/m e com a aprovação do projecto de um reservatório no Bonfim e conclusão das extensões da rêde na parte baixa e média de Vila Nova de Gaia, onde já se acham construídos os respectivos reservatórios, ficarão executadas as obras da primeira e segunda fases do plano estabelecido por lei.

São de grande relêvo, como se pode ver pelas fotografias que publicamos, as obras concluídas:

Galeria de manobras do reservatório de Nova Sintra (20.000^{m3}); Tôrre-reservatório (500^{m3}) para abastecimento da parte alta da cidade; Colocação da conduta para abastecimento de água a Vila Nova de Gaia; Uma fase da construção da Central de Zebreiros; Trabalhos de desatêrro para a construção do reservatório de Jovim (32.000^{m3}).

Com a publicação de importantes decretos, tornando obrigatório o saneamento das habitações da cidade, foram aproveitadas as obras realizadas pela casa *Hugs & Lencaster*, que tinham ficado por completar, estando ligadas à rêde em 1917 apenas 793 prédios dos 25.000 em que está computado o número de prédios na área abrangida pela rêde do saneamento.

Actualmente, estão ligados 23.500 prédios e estão em elaboração os projectos de saneamento da Foz e Nevogilde, parte das freguesias de Paranhos e Campanhã.

Por todo o País se encontram tipos admiráveis de beleza popular, como esta rapariga da Abrunhosa, que Mário Novaes fotografou

. . . o povo põe a descoberto a sua psicologia, em atitudes, expressões e palavras que também traduzem, claramente, a índole, os costumes e a paisagem provincial.

Imagens colhidas no Norte, por António Mendes

Quando os noivos tiram o retrato . . . quando os lavradores contam o dinheiro . . . quando os feirantes expõem ou avaliam as mercadorias . . . quando os vendedores ambulantes apregoam elixires infalíveis . . .

Jardim Português às Portas do Oriente

LOURENÇO MARQUES

por António de Navarro

Os negros, ágeis, trepam pelos coqueiros elegantes...

Foto José Augusto

África é a pátria da natureza — a mãe de tôdas as árvores, de todos os arbustos, de tôdas as flores. Os homens, êsses, são elementos secundários. São negros, talvez porque o sol, dourando-os, nêles se desfez. São metálicos, dum metal maleável, são quási fantasmas.

Por isso, talvez, certas *capolanas* brancas em que as negras se enrolam parece que as humanizam, embelezando-as nêsse claro escuro.

África, a pátria da natureza, Lourenço Marques, a pátria dos jardins. São êles que dão a beleza e o aroma àquela cidade que orla a baía azulada, de mãos dadas com a floresta do *Oásis*. É um jardim disperso cujo perfume está sobretudo na côr, porque as flores de África ganham em tonalidade o que perdem em aroma. Desde o Cais, onde os guindastes, flores mecânicas que cantam um hino eléctrico, dinâmico, as acácias começam a abrir o seu pálio arroxeado e vermelho, que se estende da *Carreira de Tiro* à *Polana* e *Ponta Vermelha*, do *Alto Maé* a *Chipamanine*, o bairro indígena, com o seu mercado característico, aonde os negros vão buscar os seus adornos e manjares.

E, em volta de cada casa, as mesmas flores falam a tôdas as saüdades uma linguagem universal onde todos os sutaques e dialectos da Metrópole se encontram e embalam.

O jardim, êsse, já cresceu. A cidade está ainda a nascer, a erguer-se, dentro dum admirável desenho linear e geométrico. O homem já tem feito muito para auxiliar a natureza — é, em todo o caso, difícil hombrear com ela. É mesmo perigoso não ir prejudicá-la, ofendê-la, numa tentativa inútil de a ofuscar. Até agora o homem tem feito muito...

Em todo o caso a cidade é um elemento que não tenta sobrepôr-se. Vive aninhada, como uma revoada de pétalas que caíssem entre o mistério da selva, do interior, e o sonambulismo azulado da baía.

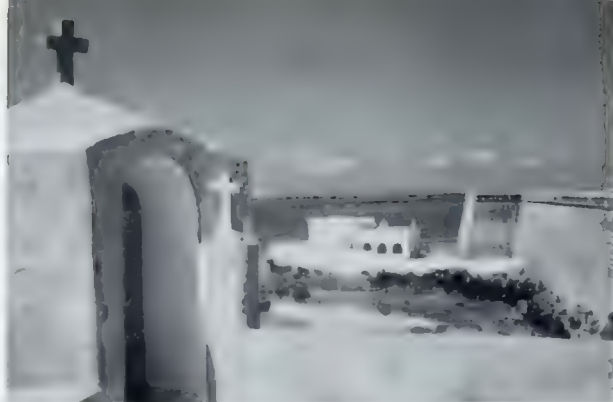
E esta é qualquer cousa de maravilha — pinta um quadro onde cada côr tem uma expressão viva. A estrada marginal, que sai da parte baixa da cidade, vai terminar na *Costa do Sol*, dentro da floresta do *Oásis* e à espera que a prolonguem até Marracuene. Aqui um parêntesis, como aquêles dísticos que sinalizam as estradas — *Marracuene*, *Macontene*... Lembram-se? Palavras tão cheias de beleza plástica e sonora, que dir-se-ia a estrêla de Mousinho, o herói-poeta, tê-las escolhido de propósito para o poema da sua vida.

E, na *Ponta do Mar,* uma das suas ètapas, em que Peters, comerciante oportuno, abriu um pequeno restaurante rústico, o mar enfia uma agulha de prata e pesponta tatuagens na epiderme ondeante das águas da baía. Ir aí, numa noite, dessas noites de África que parecem ter fumado não sei que estranho ópio, alguns pares dansando... Quadro impressionista e vivo, como êsse, eu nunca mais verei! As figuras pareciam diluir-se no luar que as envolvia, eterizar-se...

E assim, pois, se em cada cousa existe o desenho da sua fisionomia, nas cidades, com muito mais razão, embora o recortem elementos muito mais complexos. Se quizermos encontrar o perfil a esta cidade, dominada pelo mar, pela sua praia, e pelo mistério que, sem dúvida, existe no continente negro, teremos que arrancá-lo muito mais dêsses elementos abstractos do que ao desenho das suas construções, e à vida europeia das suas gentes, que a luta contra a natureza uniformiza, esmagando-lhe os contornos próprios e definidores. Foi todavia êsse homem branco que fêz o milagre de construir uma cidade em cima dum pântano, ou entre pântanos, para aproveitar a concha propícia que o mar lhe oferecia. E à medida que êles desapareciam a cidade tomava fórma entre jardins e flores. É justo dizer que foi o seu pôrto magnífico que as tornou possíveis. É ainda êle que ali junta, numa romaria bizarra, o traficante monhé, com suas maneiras aliciantes e o seu fato europeizado, como bom judeu, embora do oriente, o baniane, magro e místico (um misticismo religioso e exterior), o turco, o maometano, o chinês, comerciante e agricultor, silencioso e pertinaz, na roda viva da mercância, entre *esterlinas,* lenços de côres garridas e bugigangas do oriente — lacas, cânforas, faianças... São êles que dão a côr exótica e se destacam, subtis e coleantes, na paìsagem verde-negra...

A floresta vive, sim, mas absorve a terra e o sol — o negro é apenas uma sombra que passa, uma escultura tôsca em que vivem sentimentos mal definidos, amalgamados num fundo de brancura e virgindade que tanto pode corromper-se como ganhar formas admiráveis e extraordinàriamente humanas. Êles que têm sido os sacrificados àquela natureza, é bom e legítimo que se lhes marque o seu lugar dentro do quadro da dominação branca. E assim tem procurado fazer-se. A nossa política indígena, humana, não quebrou o fio que Afonso de Albuquerque tão hàbilmente iniciou.

... Lá longe, às portas do Oriente, entre a Beira e Durban, grande cidade da África inglêsa, fica a nossa característica (e eu acho que ela nasceu para ser assim mesmo) e bem portuguesa cidade de Lourenço Marques, com manjericos nos jardins, de perfume igual aos nossos. Se outros não houvera, bem lusíadas, êsse perfume que se guarda na palma da mão e se leva até à alma, poderia, em síntese, dar um perfil sentimental desta cidade que trabalha, e, nas horas vagas, um pouco à inglêsa, procura o desafôgo natural numa vida higiénica.

A vida dos homens faz-se depressa e breve se apaga; a das cidades, das civilizações, leva mais tempo a crescer e, por isso,

Fortaleza de S. Sebastião, símbolo da Fé e do Império (Ilha de Moçambique). — O batuque principia... — Vista aérea de Lourenço Marques. — O negro trabalha no campo até ao pôr do sol. Fotos José Augusto.

À esquerda: *O cais do pôrto de Lourenço Marques*

deve durar mais, precisamente porque é feita do somatório de muitas vidas.

Por isso mesmo, esta cidade está ainda em regime de crescimento, — está a fazer-se. E assim, como é natural, faltam-lhe ainda alguns elementos que o tempo há-de trazer. O homem branco que ali chegou, e aí lançou os alicerces da sua vida, não teve ainda tempo de pensar no aspecto cultural, que é francamente pobre. E se o ouro, ou o trabalho bruto, podem fazer civilizações, é a cultura que lhes dá forma e as radica.

Nêsse aspecto, em todo o caso, alguma cousa se pensa. E é justo lembrar a António Caetano Montês, o sabedor e paciente intérprete da história da colónia, e que tem amparado a biblioteca anexa à Estatística, que o capitão António Figueiredo, inteligente e culto, orienta e dirige. Não esquecerei o Núcleo de Arte (é êste o seu nome verdadeiro?) que lançou uma iniciativa cheia de interêsse, certo de que será a cultura que, aperfeiçoando o espírito humano, e criando-lhe necessidades de ordem cultural, cimentará o seu movimento civilizador. O Rádio Clube é outra iniciativa merecedora de ser olhada com interêsse.

*
* *

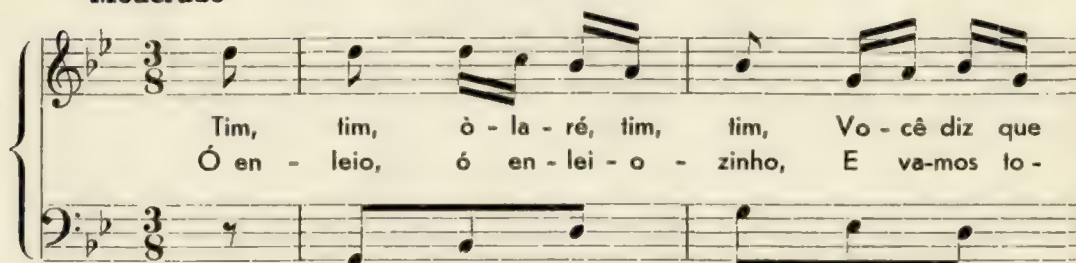
Lá longe, não o esqueçamos — existe uma cidade portuguesa, que tem casas dentro de jardins, e há-de ser um dia, não só uma grande cidade, mas uma das mais típicas cidades do mundo. E embora ganhe em espaço o que perde em altura (e eu sei que êsse facto cria uma mais difícil urbanização) não devem os serviços respectivos importar-se com isso, e não deixarem de impôr a cada moradia o seu jardim, fiscalizado e orientado, como a pintura e limpeza exterior de cada edifício. Para os serviços de urbanismo a casa deve estar não só nas suas linhas arquitectónicas, mas também no desenho e côr do seu jardim.

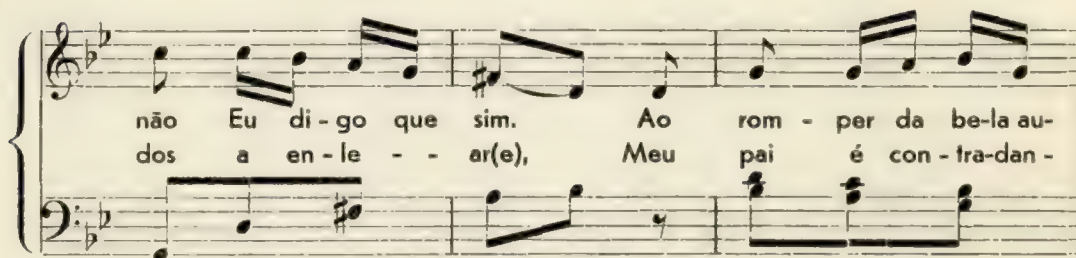
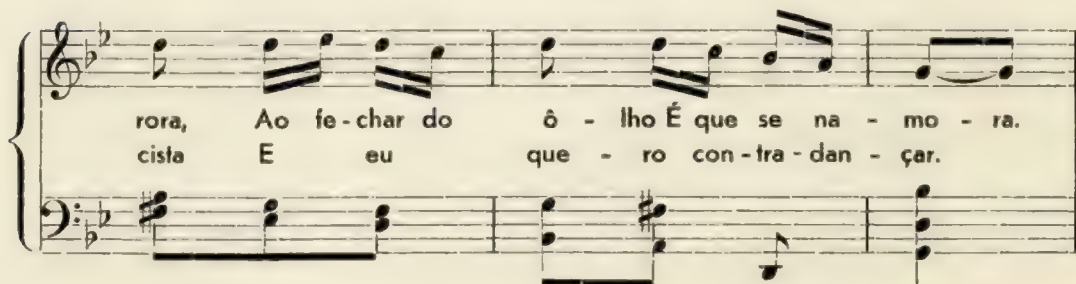
*
* *

Tanto, tanto mais haveria a dizer! Restava pedi-lo ao sonho que me levou e com que passei por Lourenço Marques.

Por lá ficou muito da minha vida — prêsa a cada instante, que deve ser hoje uma nova flor, e uma, e outra, tôdas as ondas que vêm quebrar-se, para logo se renovar no areal da Praia da Polana. Ide, ide, portugueses, ver essa terra que é linda — mas levai um sonho que vos embale, que vos proteja, que vos dê fôrça. A vida, sem êle, em qualquer clima, é estreita, e tem horizontes limitados. E aí, êles ainda podem ser grandes, justificar o nosso destino de criadores. Sem dúvida que a gente, ali, sente o destino como uma estrada que se abre e é preciso humanizar, dar um sentido pelos passos que verdadeiramente a abram. Ide a Lourenço Marques — vereis beleza e flores e caminhos ainda para rasgar. A aridez de carácter deve ser, dali, sobretudo, escorraçada. Contraria a natureza leal e fecunda, espontânea e sincera — através da qual se abrem os caminhos que levam ao coração de África.

A capital de Moçambique é uma cidade moderna, civilizada e hospitaleira. — À direita: *A grande estação ferroviária.*

Fotos do arquivo da Agência Geral das Colónias

DESENHO DE TOM

MODA DE RODA

EMIGRADORA

Moderado

Há modas regionais e outras que vão de bôca em bôca, de terra em terra. Esta moda de roda, vagamente melancólica, cantava-se no Médio-Tâmega com a letra:

Tim, tim, òlaré, tim, tim

Anos depois ouvimo-la, às jornaleiras dos arrabaldes da Sertã ribeirinha, com o estribilho:

Ó enleio, ó enleiozinho

Como as aves, também as melodias emigram.

ARMANDO LEÇA

COMPOSIÇÃO MANUAL E IMPRESSÃO DA TIPOGRAFIA COSTA CARREGAL — PÔRTO

TURISMO

BOLETIM MENSAL DE TURISMO

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

ACENDEU-SE uma bela fogueira. À portuguesa, com achas e ramos de pinheiro bravo, dôcemente cheirosos a caruma e a rezina: — o ressurgimento do NATAL PORTUGUÊS.

A campanha foi lançada, há anos. por Matos Sequeira, num diário da capital. Mas o vento sáfaro da indiferença não consentiu que o fôgo pegasse. Ainda as fronteiras do Mundo eram tão fáceis de se transpôr, que os povos — e o nosso em particular — andavam esquecidos de si próprios.

Ora, as guerras com as calamidades que desencadeiam, trazem também consigo esta coisa imprevista e muito importante: um espelho. Um espelho para tôdas as Nações se verem nêle. E tudo se reflecte, nêsse cristal de magia, com uma nitidez que não pode deixar dúvidas. A alma dos povos, é então, o pormenor (o imenso pormenor) que fica mais à vista. Com ela, as tradições. — ¿ Estão vivas, ainda? Se estiverem, é porque a Nação não morrerá. Esta certeza já vem desde o principio do Mundo.

Nós temos êsse espelho de-fronte de nós. Foi nêle que se reflectiu, entre muitas outras, esta coisa esquecida: há um NATAL PORTUGUÊS. Um Natal que se festejava à nossa maneira, ao jeito da nossa alma e da nossa psicologia, com a representação plástica da única razão de ser do Natal: o Nascimento de Jesus.

Apura-se o ouvido e verifica-se que «Pai Natal» e «Àrvore do Natal» não sôam a coisas nossas; são expressões frias, que vieram lá do Norte com o seu frio significado, cobertas de barbas brancas e de neve . . .

O que sôa a nosso, é isto: — MENINO JESUS e PRESÉPIO.

Têm outro calor, outra ternura, outra graça.

PANORAMA, com o artigo assinado, nêste número, por Diogo de Macedo, lança também uma mão-cheia de caruma na fogueira. É preciso que o fôgo não se apague. O Presépio tem de regressar aos nossos lares, materializado de qualquer modo, em barro ou em madeira

Não importa que as figurinhas nêle representadas pareçam imperfeitas ou menos bonitas aos olhos de certos adultos.

As crianças e o povo compreendê-las-ão; os seus olhos, mais instintivos, mais puros, farão delas inestimaveis obras de arte, com um grande Mistério — o maior de todos — lá dentro. E isso basta

O QUE HÁ NO PÔRTO DE MAIS IMPORTANTE

IGREJAS E MOSTEIROS

Capela Carlos Alberto.
Capela da Pestana.
Igreja dos Carmelitas.
Igreja do Carmo.
Igreja dos Clérigos.
Igreja do Colégio Novo ou dos Grilos.
Igreja dos Congregados.
Igreja da Lapa.
Igreja da Misericórdia.
Igreja de S. Francisco.
Igreja de N.ª S.ª da Esperança (Órfãs).
Igreja de St.ª Clara.
Igreja de S. Bento da Vitória.
Igreja de S. João Novo.
Igreja da Trindade.
Igreja de Cedofeita.
Igreja da Sé.
Igreja dos Terreiros de S. Francisco.
Igreja de Santo Ildefonso.
Igreja de Miragaia (interior).
Mosteiro da Serra do Pilar.

PALÁCIOS, CASTELOS E MONUMENTOS

Castelo de S. João da Foz e do Queijo (séc. XVI e XVII).
Edifício da Universidade.
Feitoria Inglêsa.
Hospital Geral de Santo António.
Palacete dos Fidalgos da Fábrica.
Palacete dos Pachecos Pereiras em Belmonte.
Palacete de S. João Novo.
Palacete da Bandeirinha.
Palácio da Bôlsa.
Palácio das Carrancas.
Palácio do Freixo.
Paço Episcopal (actual C. M. Pôrto).
Tôrres e cortinas das muralhas Fernandinas de St.ª Clara.
Tôrre de Pedro Sem (medieval).
Tôrres das Igrejas dos Clérigos, da Lapa e da Trindade.

MUSEUS E BIBLIOTECAS

Museu Municipal.

★

Museu Nacional de Soares dos Reis (Palácio das Carrancas).

★

Museu Teixeira Lopes (Gaia).

★

Biblioteca Nacional.

★

DIVERSOS

Largo da Sé.
Casa do Infante D. Henrique.
Casa gótica de Ré de Moinhos.
Casas típicas populares na Ribeira e na Vitória.
Chafariz da Rua Escura.
Chafariz da Rua de S. Domingos.
Chafariz da Rua de S. João.
Chafariz da Rua das Taipas.
Chafariz da Colher (em Miragaia).

Quadro «Fons Vitae» na Igreja da Misericórdia.
Tríptico na Igreja de Miragaia e Talha da mesma igreja.
Mausoleu que encerra o coração de D. Pedro IV, na capela-mor da Igreja da Lapa.

Pontes de D. Luiz e de D. Maria Pia.

CONHEÇA A SUA TERRA / CONHEÇA A SUA TERRA

UM CIRCUITO NO NORTE EM AUTOMÓVEL

DISTANCIAS QUILOMÉTRICAS

PÔRTO	kms.
Vila do Conde	27
Póvoa de Varzim	4
Viana do Castelo	39
Caminha	25
Valença	27
Monção	18
Melgaço	24
Monção	18
Ponte da Barca	40
Braga (Bom Jesus a 10 kms.)	35
Chaves	112
Bragança	86
Miranda do Douro	85
Mogadouro	47
Tôrre de Moncorvo	84
Vila Nova da Foscôa	18
S. João da Pesqueira	42
Lamêgo	53
Régua	13
Vila Real	28
Pousada do S. P. N.	25
Amarante	28
Felgueiras	18
Guimarãis	16
Santo Tirso	22
Pôrto	28
	962

ALGUMAS SUGESTÕES DE INTERÊSSE TURÍSTICO EM

VILA DO CONDE	Convento de Santa Clara, fundado por D. Afonso Sanches, filho bastardo de D. Deniz, em 1318; Fonte Monumental do antigo cláustro do Mosteiro de Santa Clara (séc. XVIII); Igreja Matriz (manuelina). — Várias igrejas e capelas de interêsse; Pelourinho do séc. XVI; Castelo de S. João Baptista (séc. XVII).
VIANA DO CASTELO	Câmara Municipal; Misericórdia; Igreja de S. Domingos; Igreja Matriz; Casa de Gonçalo Velho; Chafariz; Palácio do Visconde da Carreira; — vários Palácios — ; Casas quinhentistas; Asilo da Caridade (interior); Estância de Santa Luzía.
CAMINHA	Igreja Matriz; Tôrre do relógio; Chafariz; Casas dos séculos XVI e XVII.
BRAGANÇA	Domus Municipalis; Pelourinho; Fortaleza e Tôrre de Menagem; Museu Regional Abade de Baçal; Tecto da Igreja de S. Bento; etc.
MIRANDA DO DOURO	Sé.
TÔRRE DE MONCORVO	Igreja Matriz.
LAMEGO	Sé; Igreja de Santa Maria de Almacave; Santuário dos Remédios.
VILA REAL	Igreja de S. Domingos; Casa de Mateus.
AMARANTE	Convento de S. Gonçalo; Ponte sôbre o Tâmega.
GUIMARÃIS	Antigos Paços dos Conselho (séc. XVI-XVII); Igreja da Senhora da Oliveira; Paço dos Duques de Bragança; Castelo; Igreja de S. Miguel do Castelo; Tôrre das Infantas; Igreja de S. Francisco; Museu Martins Sarmento; Museu Alberto Sampaio; Arquivo Municipal.
SANTO TIRSO	Convento de S. Bento; Chafariz.

O QUE TEMOS NO PÔRTO DE MAIS CARACTERÍSTICO

PONTOS DE VISTA, PARQUES, JARDINS E PASSEIOS

★

Passeio da Foz do Douro.

★

Passeio à Praia de Lavadores.

★

Panorama do Pôrto, visto da Serra do Pilar.

★

Jardim do Palácio de Cristal.

★

CULINÁRIA E DOÇARIA

Arroz de Fôrno, com açafrão.

Bacalhau assado à Túnel.

Grêlos à provinciana.

Iscas de bacalhau.

Pão de Avintes.

Regueifas.

Sarrabulhada.

Tripas à moda do Pôrto.

etc.

Arroz dôce com desenhos em filigrana, de canela.

Biscoitos de Valongo.

Pão pôdre.

Torta dôce.

etc.

FOLCLORE E INDÚSTRIAS ARTÍSTICAS TRADICIONAIS

Bonecos de Gaia.

Indústria das Filigranas.

Os jogos dos carros de bois.

O barco rabêlo.

Na Ribeira Douro, barcos com tôlda, remados por mulheres.

Trajos de Avintes.

Trajos da Maia.

em geral os trajos tradicionais dos arredores do Pôrto.

Grandes festas de S. João, no Pôrto, da Senhora de Matozinhos, em Matozinhos e do Senhor da Pedra, em Miramar.

HOTEIS E RESTAURANTES

GRANDE HOTEL DO PÔRTO:
Diárias de 50$00 a 180$00.

GRANDE HOTEL DA BATALHA:
Diárias de 31$00 a 80$00.

GRANDE HOTEL DE PARIS:
Diárias de 30$00 a 55$00.

HOTEL SUL-AMERICANO:
Diárias de 38$00 a 80$00.

PENINSULAR HOTEL:
Diárias de 35$00 a 100$00.

HOTEL ALIANÇA:
Diárias de 27$50 a 50$00.

HOTEL INTERNACIONAL:
Diárias de 25$00 a 40$00.

PENSÃO DOS ALIADOS:
Diárias de 16$00 a 25$00.

PENSÃO AVIZ:
Diárias de 15$00 a 30$00.
e outras pensões.

RESTAURANTS:
Escondidinho.
Comercial.
Palácio.
Camanho.

PÔRTO, CENTRO DE IRRADIAÇÃO TURÍSTICA

Distâncias por estrada do Pôrto a algumas localidades de interêsse

ÓPTIMA RÊDE DE ESTRADAS ~ CONFÔRTO ~ BELEZA POR TÔDA A PARTE

MELGAÇO 164 Km
MONÇÃO 140 Km
CAMINHA 95 Km
VIANA DO CASTELO 70 Km
GERÊZ 97 Km
CHAVES 158 Km
BRAGANÇA 273 Km
VIDAGO 12 Km
PEDRAS SALGADAS 151 Km
BRAGA 50 Km
BARCELOS 66 Km
GUIMARÃIS 50 Km
PÓVOA DE VARZIM 4 Km
STO TIRSO 28 Km
VILA REAL 25 Km
MIRANDA 196 Km
VILA DO CONDE 27 Km
AMARANTE 64 Km
28 K POUSADA DO S. P. N.
PÔRTO
RÉGUA 145 Km
GRANJA 14 Km
ESPINHO 6 Km
PARA AVEIRO 72
LAMÊGO 157 Km
PARA VISEU 127 Km
29 Km VILA DA FEIRA

O QUE HÁ EM BRAGA DE MAIS IMPORTANTE

IGREJAS E MOSTEIROS	PALÁCIOS, CASTELOS E MONUMENTOS	MUSEUS E BIBLIOTECAS	DIVERSOS
Sé. Igreja de Santa Cruz. Igreja do Hospital de S. Marcos. Igreja da Misericórdia. Igreja do Populo. Igreja dos Congregados. Igreja de Bom Jesus (em Bom Jesus do Monte). Santuário do Sameiro. Mosteiro de Tibães.	Edifício da Câmara Municipal. Edifício do Govêrno Civil (Palácio dos Falcões). Paço Episcopal. Palacete Cunha Reis. Palacete do Barão de São Lázaro. Paço dos Biscaínhos. Casa quinhentista do Largo de S. Paulo. Tôrre de Menagem do antigo castelo.	Museu D. Diogo de Sousa. ★ Museu do Tesouro da Sé. Biblioteca Pública.	Várias casas e solares dos séculos XVI e XVII espalhadas na cidade. Arco da Porta Nova. Casa das Rótulas (Rua de S. Marcos). Chafariz monumental do Largo do Paço. Casa dos Macieis (atraz da Sé). Interior da Sé.

QUINTA JORNADA

A cidade do Pôrto dá o nome a um dos vinhos mais célebres no Mundo — há muita gente, lá fora, que nunca o bebeu, mas não há ninguém que lhe ignore o nome. «Pôrto», é sempre sinal dum grande vinho... mesmo que seja reles a zurrapa fraudulenta apresentada sob a designação respeitável.

Êste vinho, generoso de fama, é produzido na região duriense, mais pròpriamente na zona do Alto-Douro, nas encostas das montanhas de Riba-Corgo; mas mantém o nome de baptismo da barra por onde sai, fronteira normal da sua exportação, assim como o da cidade onde se arrecadam as suas preciosas reservas.

Cabeça duma importante região geográfica, Entre-Douro e Minho, representa como tal o prestígio doutros vinhos de classe: verdes ou maduros. É mesmo curioso lembrar que foram os vinhos verdes de Monção os primeiros que se exportaram, aí pelo século XV, para a «Frandes, Engraterra e Lômardia», como rezam documentos coevos.

Um dos aspectos que impressiona logo o viajeiro que tem a fortuna de arribar ao Pôrto, além da fisionomia verdadeiramente imponente da grande urbe, é a vizinhança próxima, tão chegada à periferia da cidade que julgamos entrar nela, da parte rústica circundante.

Por isso, quási poderia dizer-se que a cidade do Pôrto também produz o seu vinho — típico «verdasco», pasto com nervo e taninoso, digno companheiro do prato tentador de «bacalhau à moda do Pôrto», principescamente cozido em azeite fino, ou das «Tripas» de fama.

Velho, velhíssimo aglomerado urbano sem custo de erudição, nas ruas, nas casas ou monumentos, mostra-nos traços indeléveis das épocas passadas da sua vida, ìntimamente ligada à história pátria.

Aqui se topa com a Igreja de S. Martinho de Cedofeita — que a tradição dá como a igreja cristã mais antiga da Península, do tempo do rei suevo Teodomiro (556); ali se depara com a Sé, construção românica do século XII; e seguindo-se mais, é a

Igreja de S. Francisco, fundada por D. Sancho II em 1233 e o local onde nasceu o Infante D. Henrique, hoje nos restos do antigo Paço da Ribeira. Os Clérigos, tôrre de seis andares, em granito (1748). O Palácio das Carrancas, residência dos Reis D. Pedro IV e D. Pedro V e pousada temporária dos generais Soult e Wellington, que lembra o período agitado dos princípios do século passado. A Tôrre da Marca, de recorte gótico, evocadora de Pedro Sem, que viveu na glória e morreu a esmolar. A igreja de S. Pedro de Miragaia, no bairro do mesmo nome, à beira do rio, cheio de cunho com as suas ruas de arcos e velhas casas de pescadores ribeirinhos.

Isto tudo se percorre, rápida ou demoradamente, consoante o tempo disponível ou o interêsse que as coisas passadas, testemunhos da longa certidão de idade do velho burgo, despertam no viandante.

Todavia, não se terá a verdadeira impressão do Pôrto, não poderá dizer-se que se «viu» a Cidade Invicta, sem uma visita aos armazéns e adegas de envelhecimento e guarda do precioso vinho, que em Santa Marta de Penaguião, teve o seu berço e desde 1756, outorgado pelo Marquês de Pombal, goza de estatuto próprio.

Nelas se deve entrar como num templo. Em luz coada, álgida no seu claro-escuro, desenham-se as coisas por massas de contornos esbatidos; sob as abóbadas enegrecidas pelo tempo, onde a claridade entra tímida, alinham-se as pipas e os cascos, os barris, numa quietude recolhida; sôbre os bôjos rotundos, dir-se-ia corcovados ao pêso dos anos, desce suave a luz mortiça da clarabóia. Há um ar de mistério, frio, que nos penetra: é que alguma coisa se está passando no seio daquêle vetusto vasilhame — nas suas entranhas de carvalho, uma vida se encerra em constante trabalho de aperfeiçoamento...

O vinho vive; lentamente envelhece e, como os homens que souberam levar uma existência sã, quanto mais velho melhor se torna. «Vinho e amigo, do mais antigo»...

Êstes templos báquicos, os mais antigos, encontram-se à beira do rio, mas, a maioria, já em boas construções modernas, está instalada na margem fronteira, em Gaia — não é tempo perdido lá ir, tanto mais que dali se admira uma esplêndida vista de conjunto sôbre a cidade.

Estas adegas e armazéns recebem os carregamentos de vinho das «Quintas», partidos da Régua, nos curiosos barcos rabelos, o «magna scapha» dos romanos, que descem o Douro, mansamente, levados pelas velas rectangulares inchadas de bonança — e que, com os carros de bois, de grossas rodas, características cangas e molhelhas, relembram a cada passo a importância que o «Pôrto» tem na vida da região. Aliás, a tôdas as manifestações políticas e sociais da Nação êle está ligado, nas alegrias e nas tristezas que enlutaram a nossa história.

No Palácio das Carrancas, Wellington regava as suas refeições com o vinho que nunca mais abandonou e que, na manhã fatal de Waterloo, lhe aqueceu o ânimo e no fim da batalha serviu para acompanhar os «hurrahs» da vitória. Naquêle mesmo palácio, o seu adversário, não menos ilustre, o marechal Soult, que entrara à frente das hostes napoleónicas, também travou conhecimento com o «Pôrto» — e, talvez por sua influência, Napoleão, em Malmaison, nunca deixou de o ter.

Mas não foram só êstes os estrangeiros de nomeada que apreciaram o nosso grande vinho — rei dos vinhos, visitou as côrtes da Europa e chegou, mesmo, aos lábios da misteriosa Catarina da Rússia. E, no tratado de Methwen, em 1703, tomou tão importante lugar que originou mudanças profundas na estrutura da nossa economia industrial.

Ainda nos nossos dias, naquela impressionante «Conferência dos Quatro», que para Munique fêz volver anciosos os olhos do Mundo, o nosso «Pôrto» marcou a sua presença.

É êste grande vinho que na cidade nortenha se deve beber com unção e ritual especial. Engula quem puder e beba quem

souber... mas todos os portugueses devem saber beber o seu mais categorizado vinho!

Comece-se, pois, por distinguir os diferentes tipos, independentemente da sua idade, que, reconhecida apenas pelos apreciadores, planifica todos num grau superior de grande classe. Assim, com referência à cor, existem os «amarelo-topázio», os «rubi-topázio» e os «rubi», e, no tocante à doçura, classificam-se em «secos», «meio-secos» e «doces». Há ainda o «Vintage», envelhecido em garrafa para onde foi com dois anos de idade, rico, encorpado, licoroso e forte de cor, que no rótulo traz sempre o ano da colheita.

Agora, pense-se no copo que nos conduzirá ao encanto da sua apreciação, e convençamo-nos de que há só uma forma admissível: é a da tulipa, de cristal liso ou com lapidado largo, em lascas ou gomos, para que se ponham em evidência todos os cambiantes da sua verdadeira cor. Êste copo, o verdadeiro copo de vinho do Pôrto, é maior do que os que figuram nos serviços de vidro, de fabrico estrangeiro, mas só êle corresponde às exigências da arte de saber beber o vinho nascido no Douro.

Isto pôsto, beba-se... com a bôca, com o nariz e os olhos! Vinho de aromas delicados, não só será grato ao paladar como, além de tudo, proporciona um verdadeiro prazer espiritual. O Vinho do Pôrto não pode beber-se no meio de discussão: exige recolhimento, concentração dos sentidos. O copo não se enche, devendo ficar livre de líquido metade, onde possam desenvolver-se, devidamente concentrados, os éteres que se evolam do vinho, depois de ser agitado num movimento circular.

Com a condição de observar estas regras mínimas, beba-se o vinho do Pôrto como aperitivo, de manhã, à tarde, à noite — mas convém não esquecer que êle é, essencialmente, um vinho de sobremesa, e, como tal, deve ocupar o seu lugar na lista dos vinhos que se servem.

Quem, na capital nortenha, depois de ter entrado num templo báquico, onde pressentiu o mistério da excelência do grande vinho do Douro, e, depois, o apreciou seguindo o ritual do apreciador convicto, nunca mais se esquecerá das sensações colhidas na sua passagem por essa terra que deu o nome ao velho rincão português.

ANTÓNIO BATALHA REIS.

(Desenhos de Bernardo Marques)

NOTA — A publicação dêste número especial dedicado ao Norte levou-nos a alterar a ordem que encetáramos com estas «jornadas», o que, aliás, em nada prejudicará o «Roteiro» no seu conjunto.

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Pôrto de Lisboa

Ainda fazendo parte do programa de realizações das Comemorações Centenárias, continua com a maior actividade a obra de construção da grandiosa *gare marítima de Alcântara*, que, pode dizer-se, está na sua última fase — e, portanto, já dentro de pouco tempo contribuïrá, de modo decisivo, para o incremento do turismo nacional.

Tôdas as dependências da nova gare oferecem um conjunto harmónico de que ressaltam o gôsto, a elegância arquitectónica, e sentido prático e moderno que correspondem, completamente, ao fim a que foram destinadas.

Pousadas de Turismo

Foram oficialmente publicadas as bases para a Concessão da Exploração das Pousadas de Turismo do Secretariado da Propaganda Nacional, a inaugurar no princípio do próximo ano, e que são em número de sete: — A do Marão, entre Vila Real de Trás-os-Montes e Amarante; a da Serra da Estrêla, nas Penhas Douradas; a do Vale do Vouga, em Serém; a de São Martinho do Pôrto, em Alfeizerão; a de Elvas, a de Santiago do Cacém e a de S. Braz de Alportel, estando tôdas elas situadas em locais de belíssimos pontos de vista.

A Pesca em Portugal

A Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas tem trabalhado activamente no repovoamento dos nossos rios com espécies que estavam faltando aos cultores do desporto da pesca. Lançaram-se nas águas da maior parte das vias fluviais milhares de peixes e foram criados centros de procriação que permitem a existência de reservas para enfrentar as necessidades do povoamento fluvial.

A Obra Cultural da Junta de Província da Beira Baixa

Sob a proficiente e dedicada orientação do seu presidente, Dr. José Ribeiro Cardoso, está realizando a Junta Provincial da Beira Baixa uma obra magnífica de investigação e documentação, de que os «Subsídios para a História Regional da Beira Baixa» deram já à publicidade valiosos artigos assinados por especialistas de reconhecida competência.

Encarregado por êste organismo de estudar alguns aspectos artísticos da Beira Baixa, o historiador de arte Luiz Reis Santos percorreu, recentemente, alguns concelhos daquela província.

«Portugal — Climat de Poésie»

Numa edição primorosa, foi agora dada a público a conferência que, sob o título enunciado, a consagrada escritora francesa Claude Silve proferiu, há meses, no *Círculo Eça de Queiroz*. Dela extraímos os seguintes passos, que são uma síntese do tema desenvolvido e do límpido e poético estilo da autora:

— «... Si votre lumière et vos paysages vous enveloppent de beauté, votre histoire aussi en est fait. Elle a, toute entière, l'attrait d'un poème [...]. La nature et les hommes ont combiné dans ce pays des cellules pour un certain silence qui parle mieux que toute voix. Iles, pavillons, miradors, terrasses d'*azulejos* à l'ombre rose de vos *quintas* et ces grottes pour la contemplation marine, dont chacune envie la grotte inspiratrice de Patane...». (Edição S. P. N.).

«Conheça a sua Terra»

Ao vasto plano de visitas culturais promovidas por «Conheça a sua terra», há a acrescentar as seguintes, efectuadas nas últimas semanas: — ao *Instituto Superior Técnico*, à *Estatística* e ao novo edifício do *Diário de Notícias*, guiadas pelo arquitecto Pardal Monteiro; ao *Palácio da Restauração*, tendo proferido algumas palavras o Comissário Adjunto da «Mocidade Portuguesa», Dr. Soares Franco; e ao *Mosteiro dos Jerónimos*, guiada pelo professor Armando de Lucena.

«Conheça a sua terra» secundou a *campanha do Presépio* (animada, sobretudo, pelo semanário *Acção* e pela revista *Ocidente)*, promovendo três conferências na sala nobre do *Automóvel Clube de Portugal*, pelos senhores: Matos Sequeira — *O Presépio na Família;* Dr. Pereira dos Reis — *O Presépio na Igreja*, e Augusto Pinto — *Os Velhos Autos da Figueira e de Tavarede.*

«Guia Turística de Lisboa»

Pela Secção de Propaganda e Turismo da Câmara Municipal foi, há pouco, publicada, em volume portátil e elegante, a *Guia Turística de Lisboa*. Monumentos, Igrejas e Bairros típicos; Miradouros e Jardins; Museus, Bibliotecas e Arquivos, tudo o que é digno de ser admirado na capital, ali vem acompanhado de elucidativa descrição. Inclui, ainda, numerosas informações de utilidade, no que respeita a hotéis, pensões, restaurantes, cafés, serviços de transportes, bancos, etc. Colaboraram, entre outros, os seguintes escritores: A. Vieira da Silva, Mário Tavares Chicó, Durval Pires de Lima, Álvaro Maia, Norberto de Araújo e Nogueira de Brito.

«O Passeio Ideal»

Para o concurso que — sob êste título — *Panorama* lançou no segundo número, foram-nos enviados dezanove trabalhos literários, versando os seguintes assuntos: *Passeio ideal no Minho; Uma semana no Algarve; Os Hermínios; Uma volta por terras da Beira Alta; Um passeio à Caparica; Impressões da Serra da Estrêla; O Algarve; Beira Baixa — radiosa província; Um passeio por terras do Minho; Baixo-Alentejo; Lisboa-Portimão-Praia da Rocha; Trás-os-Montes; A Ria de Aveiro; E assim o Ribatejo; Toiros no Ribatejo; O Alentejo; Beira-Litoral; Costa da Caparica e Azeitão*, e *Uma volta pelo Minho.*

O júri para a apreciação dêstes trabalhos será nomeado e reünir-se-á em breve, devendo publicar-se no próximo número o primeiro texto premiado.

Várias Notícias

★ O S. P. N. editou: — *Portugal-1940*, luxuoso album, profusamente ilustrado e artìsticamente dirigido por Leitão de Barros, e *Buçaco*, interessante mapa de Roberto de Araújo.

★ No concurso anual que se seguiu à *Exposição de Arte Moderna* do S. P. N., obtiveram, respectivamente, os prémios «Columbano» e «Amadeu de Sousa Cardoso», os artistas Eduardo Viana e Maria Keil.

★ Patrocinada pelo *Instituto Francês em Portugal* — de que é actual director o poeta, crítico e inteligente lusófilo Pierre Hourcade — realizou-se no Museu Nacional de Arte Contemporânea uma *Exposição de Gravura Francesa.*

★ Luiz Reis Santos descobriu, na sacristia da igreja matriz de uma aldeia da Beira Alta, um precioso tríptico do pintor quinhentista Frei Carlos, esquecido, quási arruinado e por identificar.

★ A *Comissão Provincial de Etnografia e História* da Junta de Província do Douro-Litoral publicou — com um sumário de grande interêsse — o 3.º número do seu excelente *Boletim.*

Editorial Ática, Lda. — Capa e reprodução policromada de uma gravura de Guimarãis: Litografia Nacional, Pôrto. — Composição e impressão: Anuário-Oficinas Gráficas. — Gravuras: Bertrand, Irmãos; Marques de Abreu, Pôrto. — Rotogravuras: Neogravura, Lda.

FORNECEDORA DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA
VINHOS DO PORTO · VINHOS QUINADOS * VERMOUTH · ETC.
ESPUMANTES NATURAIS
VINHOS DE MESA · AGUARDENTES
Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal
SEDE · V. NOVA DE GAIA · FILIAL · R. DO ALECRIM, 117 A 121 TELEF. 22556

VENANCIO DO NASCIMENTO

ALGUNS TRABALHOS

RESTAURANTE NEGRESCO
PALÁCIOS HOTEIS DA PÓVOA E ESPINHO
CASINOS DA POVOA E ESPINHO
TURISMO DA COVILHÃ

PORTO

EM FRENTE AO TEATRO RIVOLI. TEL. 1293

LISBOA

ANGULO DE BARATA SALGUEIRO
E RODRIGUES SAMPAIO. TEL. 5 1695

BAYER BAYER BAYER BAYER BAYER BAYER BAYER BAYER

Hora após hora

trabalha intensamente a empregada de escritório.
O seu delicado organismo poderá resistir a êste esfôrço desde que elimine as dores de cabeça e ouvidos e recupere o equilíbrio fisiológico perdido, tomando prontamente 2 comprimidos de

Cafiaspirina

BAYER BAYER BAYER BAYER BAYER BAYER BAYER BAYER

Caldas de Monfortinho

CONSAGRADAS POR 3 SÉCULOS DE CURAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS CASOS DE ARTRITISMO, DE AFECÇÕES DA PELE E MUCOSAS GASTRO-INTESTINAIS

BALNEÁRIO COM SALAS DE TRATAMENTOS, INALAÇÕES, ETC.

B E I R A B A I X A

UMA INTERESSANTE ORGANIZAÇÃO PORTUENSE

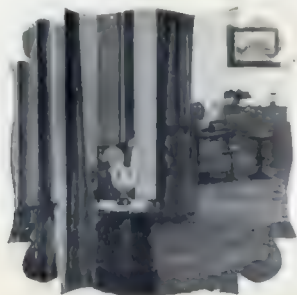
Damaneto

O confôrto e a simpatia do interior duma casa dependem de mil factores. Não basta que os móveis sejam bonitos e que tudo esteja bem arrumado. Tem de haver uma harmonia completa, não só quanto ao *estilo* do mobiliário — relacionado com o *género* da casa — mas, também, entre os móveis e os elementos decorativos que os acompanham: quadros, «bibelots», candeeiros, cortinas, tapetes, etc.

Por tudo isto se impôs a criação de emprêsas especializadas, às quais possam recorrer as pessoas de bom gôsto e... de bom senso.

Eis o caso da organização do Pôrto DAMANETO. Superiormente dirigida por Nascimento Neto, tem esta firma ao seu serviço os mais competentes artistas e artífices portuenses, desde os que elaboram, com a máxima probidade, os projectos das decorações, até aos que constroem — pelos mais modernos processos técnicos — as peças do mobiliário.

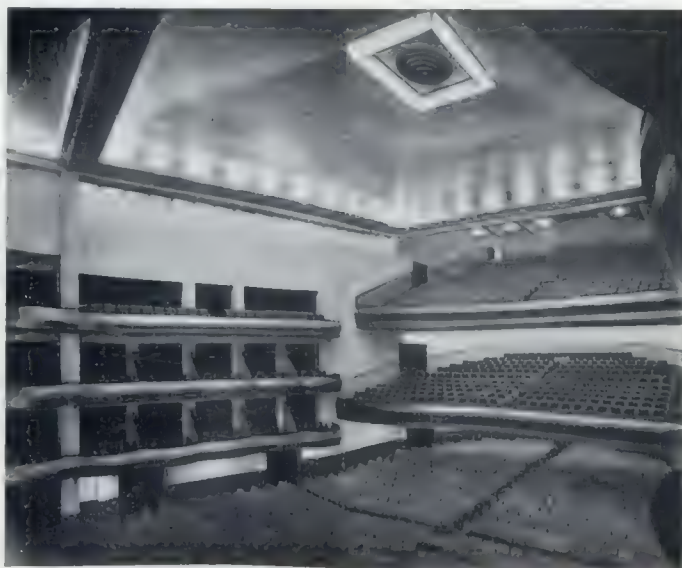
Nas suas oficinas e «ateliers», no LARGO DA LAPA, 27, podem os visitantes apreciar a maneira como se executam as obras que lhe são encomendadas — cujo bom gôsto se documenta nos pormenores reproduzidos nesta página.

Além de várias decorações de casas particulares, honram a firma DAMANETO as que foram realizadas na «Meia Imperial» e casa «Sousa Lemos» (estabelecimentos comerciais), no «Escondidinho» (secção Quartos), no Grémio dos Importadores de Algodão, na Associação de Foot-Ball, e vários trabalhos no moderno Coliseu do Pôrto.

Quem pode comprar brindes de boas-festas tem, com certeza, médico assistente. Mas que oferecer a um médico? Os «estojos de pequena cirurgia e novidades para uso sanitário» do Instituto Pasteur de Lisboa resolvem o problema. — Também não se esqueça da vantagem de ter em sua casa um FLEX-RAY, abaixa-línguas luminoso, sanitário, inquebrável e esterelizável.

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

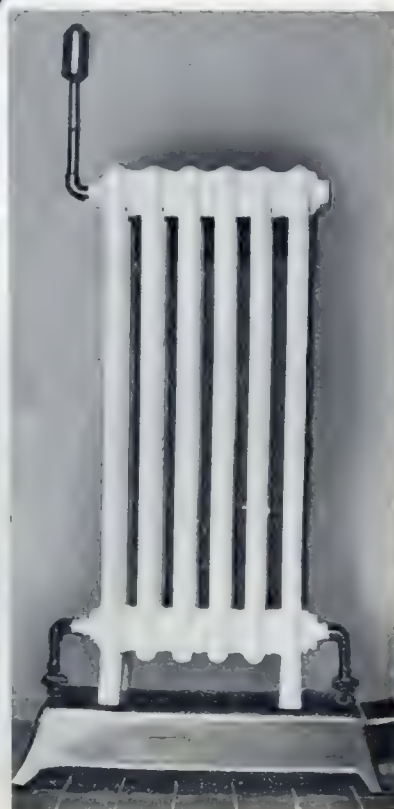
RIVOLI

é um teatro do Pôrto de que os seus habitantes se orgulham. De linhas arquitectónicas modernas, esta casa de espectáculos enquadra-se admiràvelmente na païsagem urbana da capital do Norte, caracterizada pela solidez das suas construções. — Hoje, quem visita o Pôrto, vai ao RIVOLI e gosta.

De vasta capacidade, o TEATRO RIVOLI foi construído de maneira a proporcionar aos espectadores o maior confôrto. A iluminação é suave, obedecendo aos preceitos da técnica moderna. E, sobretudo, a disposição dos vários sectores — onde todos os lugares são cómodos — permite uma visibilidade total, sem prejuízo das condições acústicas.

A ELECTRICIDADE AO ALCANCE DE TODOS

Os aparelhos da EXPLORAÇÃO-MATERIAL-ELÉCTRICO, da Agência OREY, ANTUNES (PÔRTO) são, como se vê por estes modelos, elegantes e de perfeita construção. Mas têm outras virtudes importantíssimas: *Confôrto, Asseio* e a extraordinária *Economia* do seu consumo. — O prêço da energia eléctrica no Pôrto (0$22 o kw hora) contribui para tornar estes aparelhos mais acessíveis.

Fogões, Irradiadores, Chaleiras, Ferros de brunir, Aquecedores para os pés... são objectos utilíssimos — maravilhas da civilização — que se encontram, agora, ao alcance de tôdas as classes e das bôlsas mais modestas.

CONSULTE OS PREÇOS E EXPERIMENTE AS VANTAGENS INCOMPARÁVEIS DOS APARELHOS DA AGÊNCIA OREY, ANTUNES (PÔRTO)

costumes e tipos do Douro litoral

por

Ruy Tello

A paisagem humana do Norte, dêste povo que se formou e individualizou à volta das águas durienses, é um maravilhoso caleidoscópio que nos dá, além da documentação do seu perfil rácico, o fino timbre de uma alma cheia de tradições, de um coração bem português.

Os tipos humanos que topamos a cada passo — e tantos êles são! — ao mesmo tempo que nos revelam seus hábitos de vida e usos de trabalho, fazem-nos pensar, igualmente, *nas muitas e desvairadas gentes* que também por cá andaram, muitos séculos passados. Quer seja no litoral, na veiga ou no vale, no planalto ou na montanha, a impressão é sempre a mesma: mil facetas de um fundo étnico, verdadeira amálgama da qual saíu, senão um povo já antropològicamente completo e característico, ao menos uma inconfundível personalidade moral que tem sido o nosso melhor valor.

Assim, nas mil e uma maneiras como o povo do norte trabalha, não admira que tenha encantos vários e bizarrias diversas. A sua maneira de sentir dá ambiente próprio ao seu trabalho... e até ao seu descanso!

Estas impressões, quem quer pode comprovar. É passar pelas nossas praias de pescado, onde a alegria das gentes tem marés como o mar, consoante há pão ou as rêdes se não molharam porque a tempestade não deixa sair para o alto; olhar o formigueiro ao redor das fábricas; observar o lavrador que segura a rabiça do arado, a romper a terra fértil ao impulso criador das juntas de bois, engalanados com seus jugos famosos de lavrados e pinturas, ora de olhar resignado perante a tirania da gleba, ora pleno de confiança na fôrça da vida que dela brota; ir ver o exemplo das velhas, nalgumas aldeias, que vão transmitindo às filhas e netas o segrêdo encantado da música dos fusos, dançando sempre em rodopiar vertiginoso mas ligados à mãi roca, de cabelos já branquinhos; topar, ao cair das Trindades, com os namorados nas voltas dos caminhos e no regresso das fontes; encontrar, apascentando rebanhos, pastoras que bordam maravilhas em linho da terra, mais parecendo moiras encantadas do que serraninhas ingénuas e boçais; encontrar, à beira das estradas, mulheres fazendo tranças de palha para chapéus rústicos, indispensáveis nas fainas da lavoura ou, então, para outros lados, bordando em enormes bastidores, desenhos em rêde nó, que são maravilhas de paciência e intuição artística, parecendo, depois de prontos, enormes teias de aranha a brilhar ao sol; ouvir, nalgumas ruelas antigas, o bater do cobre, sonido que nos transporta aos medievais caldeireiros; rezar, de alma rendida, certos cantares que às vezes se perdem pelas quebradas dos

(Continua)

montes, espelho emocional onde também se podem vislumbrar outras épocas e outras gentes; descer o Douro, entre as tábuas de um *rabelo*, qual sonâmbulo que se tenha esquecido do tempo, absorvido apenas em sair safo das águas perigosas; libertar o coração no meio da alegria sincera que se encontra nos arraiais, onde o povo aprecia de vez e como nunca, o capitoso espumejar do vinho verde que se bebe, tradicionalmente, em malgas de barro vermelho; na ingénua crença e profunda fé com que se levantam alminhas pelos caminhos; no chocante respeito pelo próximo, que se nota nas constantes saüdações que mùtuamente se dirigem, ao cruzarem no trabalho, no caminho, em qualquer parte; a séria preocupação da vida e da economia local, que se regista ao passarmos pelas feiras; acusar a passagem, pela estrada próxima, dos almocreves, que ainda à antiga portuguesa fazem a recovagem da gente da serra, seguidos por longa récua de alimárias, guisalhando sempre, para aviso e distração; o silêncio inquieto dos moínhos, de velas pandas ao vento, ou sussurrando em surdina a tragédia da água e do grão; o alarido do puxar das rêdes cheias de prata-viva; o delírio do fôgo de artifício, desde os efeitos luminosos, ao movimento dos bonecos e ao estoiro das bombas; é o bater dos teares, coração da casa de trabalho das regiões onde o linho tem seu tormento; a sóbria compostura do traje regional, nas suas variantes; o riso geórgico da faina das vindimas, quer elas sejam do plebeu *enforcado*, quer se trate do aristocrático *vinho fino;* e mais, muito mais, num interminável desafiar de lembranças, verdadeiros instantâneos que a nossa emoção vai registando.

E na cidade? Sim, porque temos estado a fixar mais a nossa observação na contemplação da vida popular, nos seus costumes, do que na cidade, com seus tipos. O Pôrto, a-pesar-dos seus internacionalismos de cidade aberta, tem, ainda arraigados, certos tipos que lhe dão carácter, fisionomia própria. Quereis vê-los?

Primeiramente, deve atender-se à música dos pregões, sempre diferente. E atrás dêsses pregões surgirão os *tipos* populares da cidade. No bairro da Sé, pelos mercados do Anjo e do Bolhão, pelas ruas confinantes à velha Praça da Liberdade, nas estações, esta gente que grita, gesticula, se meche, empurra, assalta quem passa, reclamando as suas mercadorias, ensurdece-nos, mas deixa em nossos olhos uma imagem de vibração invulgar, reveladora de febril actividade.

São vendedores ambulantes de miudezas de toucadores baratos, de brinquedos humildes mas cheios de observação e engenho, de dôces com aspecto suspeito mas de formatos que têm valor tradicional; as tendas quadradas e grandes guarda-sóis, brancos e redondos, onde, pela Páscoa e Natal, se vende o pão de ló de Felgueiras e Margaride; as mulheres da carqueja, arfando ao pêso de volumes enormes; as leiteiras de Gaia e da Maia, com os canados de folha; as castanheiras; o azeiteiro; a tremoceira... um sem número de tipos, enfim, que dão vida, carácter e alegria à cidade.

AMARANTE

"CORAÇÃO DE DOURO E MINHO"

Coração de Douro e Minho é como chama, enternecidamente, ao seu berço natal — e meu também — o grande poeta Teixeira de Pascaes. Na verdade esta vila, situada numa das regiões mais portuguesas de Portugal, ponto de itinerário forçoso para as terras alpestres de Trás-os-Montes e para as *águas* de Pedras Salgadas e Vidago, é um coração que pulsa dentro do coração dos seus filhos.

Por isso gostaria que o seu nome, honrado por um passado histórico, glorioso e legendário; o encanto das bucólicas margens do Tâmega serpenteando entre salgueirais e arvoredos; o conjunto da sua ponte, de arquitectura elegante, de linha airosa; do seu convento dominicano, de ar severo e monacal; as vistas admiráveis olhadas das ameias do Castelo da Casa da Calçada, sôbre o casario da vila... fôssem mais admirados e conhecidos de todos os portugueses.

E são tantos os seus recantos aprazíveis, quer os do Parque da Florestal, na outra margem do Tâmega (namorando a vila abençoada pelas miraculosas graças de S. Gonçalo), quer os da Insua (mancha verde-esmeralda de arvoredos frondosos, afagada por êste rio inspirador de poetas e de rouxinóis)...

Amarante, terra de turismo por excelência, não é sòmente um cartaz colorido, cheio de cambiantes que enternecem os poetas e encantam os olhos dos pintores. (Quantas vezes tenho escutado a exclamação admirativa de muitos que por aqui passam e se extasiam perante o desenrolar mágico dos panoramas, como, por exemplo, o que se desdobra das alturas da Serra do Marão, na curva do Lacete, onde, em boa hora, o Secretariado da Propaganda Nacional construíu uma das suas belas pousadas regionais!). Amarante é também uma terra farta de produtos, como êsse *vinho verde* tão apreciado e único no género, de fama quási universal; os seus frutos — nomeadamente os pêcegos — não menos célebres e saborosos; os seus excelentes dôces regionais (as *lérias, papos de anjo, bôlos de S. Gonçalo, brisas do Tâmega)* e os seus pastéis conventuais, maravilha da difícil arte da doçaria, originários das receitas do antigo convento das freiras de Santa Clara!

Amarante é, ainda, uma terra onde os excursionistas podem instalar-se còmodamente e ser bem servidos em qualquer dos seus hotéis ou restaurantes.

Tudo isto concorre para que esta vila, servida por estradas magníficas e pouco distanciada do Pôrto, seja já hoje (a-pesar-de não ter ainda a propaganda que merece) muito procurada e visitada.

FERNANDO DOS REIS.

o Norte industrial de relance

O Pôrto, decantada metrópole do trabalho, é centro fabril importante e operoso, onde se localizaram antigas e acreditadas firmas, que, desenvolvendo-se e prosperando, se difundiram por todo o norte e até à região do Mondego, numa apoteose magnífica à acção e ao esfôrço da gente portuguesa.

A capital do norte e arredores, Matozinhos, Vila Nova de Gaia, Espinho, Gondomar, Riba d'Ave, Pevidém, Santo Tirso, Famalicão, Vila do Conde, Póvoa do Varzim, Braga, Guimarãis, S. João da Madeira, Macieira e Vale de Cambra, Oliveira de Azeméis, Aveiro, Coimbra e outras regiões são colmeias de intensa vida industrial, que concorrem, com o seu trabalho dignificador, para a prosperidade da economia nacional e aumento da riqueza pública.

Dentre a mais importante conta-se, pelo número elevado de unidades fabris e dos milhares de operários que emprega, a indústria algodoeira que produz os mais variados tecidos para consumo metropolitano e colonial, em crú, branqueado, tinto estampado, mercerizado e kakis, além de fios para teias e tramas especiais, destinados a outras indústrias, como malhas, lanifícios, passamanarias, rêdes de pesca, gazes e ligaduras.

A metalurgia, bastante desenvolvida, constrói máquinas para tôdas as indústrias e material muito variado de fundição e outros, utilizando as ligas metálicas e os aços, o latão, o cobre, o alumínio e o ferro.

Nas sêdas, produzem-se os mais finos tecidos adamascados e de tafetás, setins, sarjas, e fitas de óptima qualidade.

A indústria de curtumes especializou-se no fabrico das pelarias e solarias para calçado, e também de peles de luxo.

As conservas trabalham com excelente rendimento, dispondo de maquinismos aperfeiçoados e estabelecimentos fabris superiormente apetrechados. Assim, acham-se sobejamente acreditadas as conservas de peixe, de legumes e de frutas, que representam valor apreciável no comércio de exportação.

São evidentes os progressos da indústria de cerâmica que produz as mais finas porcelanas e faianças, além de variados produtos para a construção civil.

Está também bastante adiantada a indústria de malhas, a qual produz tecidos e obras de sêda e algodão mercerizado e estambres, que rivalizam com os estrangeiros de melhor procedência. O mesmo é lícito afirmar-se das indústrias de tecelagem do linho e de juta, cujos artigos se impõem pela sua variedade e excelente qualidade.

Indústria de honrosas tradições e de acentuado carácter regional no norte do País é a tapeçaria, que utilizando a lã, o algodão, a sêda, a juta e o cânhamo, ocupa lugar de relêvo pela originalidade dos desenhos e pela vivacidade das côres.

A indústria dos sabões, a que se junta também o fabrico de perfumarias largamente acreditadas, tem-se aperfeiçoado, de modo a obter a melhor aceitação no mercado nacional.

A marcenaria, com o mobiliário artístico, conquistou lugar honroso entre as indústrias nacionais, a que podemos acrescentar, entre outras, também importantes na produção fabril e manual portuguesa, a panificação, a tipografia e litografia; a refinação de açúcar que utiliza, com bom aproveitamento, as ramas das nossas colónias; a serração de madeiras, a de acessórios para a indústria têxtil e a das resinas, que produz óptimas qualidades de aguarrás e pêz, e tantas outras modalidades fabris que dignificam altamente o trabalho nacional.

Breve síntese da nossa produção, ficaria ela incompleta se deixassemos sem merecida referência outras indústrias, igualmente dignas de atenção, tais como as de vidros e cristais, ourivesaria e cinzelagem, galvanoplastia, de pneus e bicicletas, de descasque de arroz, de gêlo, dos produtos químicos, dos fósforos, do papel e extracção e tratamento de minérios, da cerveja, da cartonagem e encadernação, das escôvas, pentes, lapidagem e biselagem de cristais, além das indústrias caseiras e das indústrias manuais, tão curiosas e de valia, como as filigranas, as rendas, a olaria, os tapetes, os tecidos, as colchas e mantas de perfeito acabamento e denotando as qualidades inatas do povo português para as manifestações artísticas.

PARA ATENDER OS INÚMEROS PEDIDOS DE COLECCIONADORES DE

PANORAMA

QUE, A-PESAR DA SUA GRANDE TIRAGEM, SE TEM ESGOTADO RAPIDAMENTE, É QUÁSI CERTO FAZEREM-SE REEDIÇÕES DOS NÚMEROS **2, 3 e 4.**

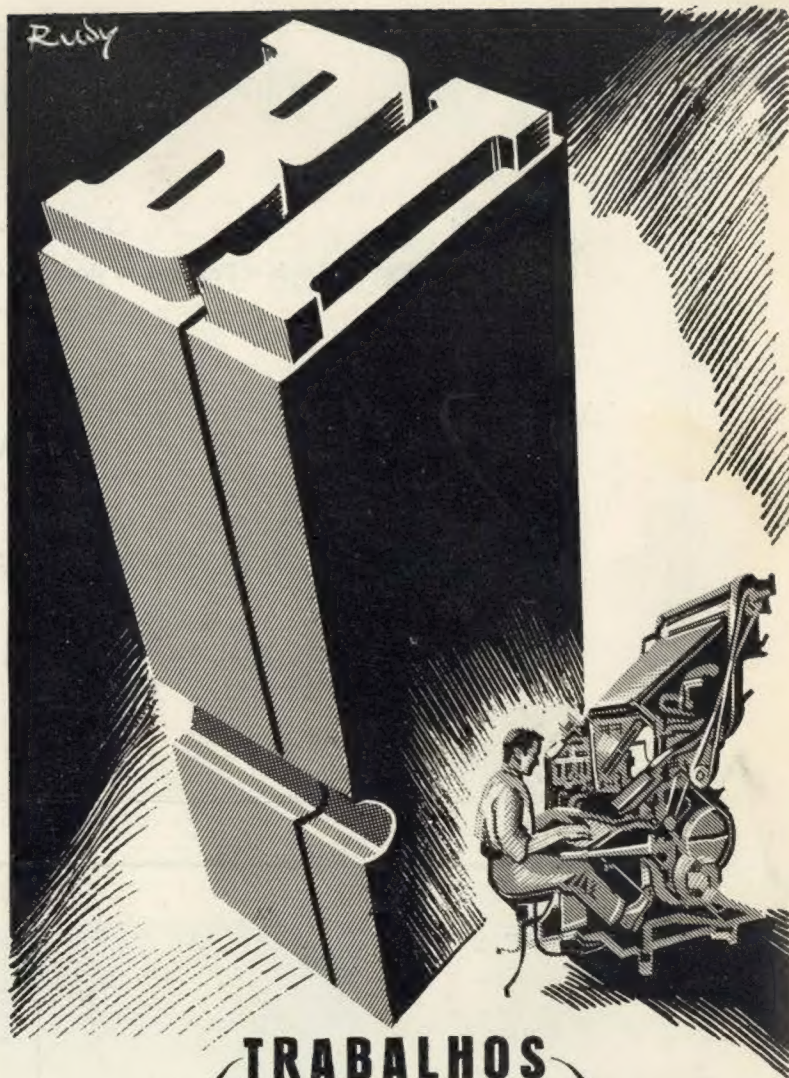
COMO, PORÉM, ESSAS REEDIÇÕES SAEM DISPENDIOSAS, O CUSTO DE CADA EXEMPLAR TERÁ DE SER AUMENTADO.

PARA SE PODER CALCULAR O NÚMERO DAS TIRAGENS E O PREÇO, DEVEM OS INTERESSADOS DIRIGIR, COM BREVIDADE, OS SEUS PEDIDOS A ADMINISTRAÇÃO DE

PANORAMA

GARGOYLE
Mobiloil
SOCONY-VACUUM
MAIS CARO POR QUILO
MAIS BARATO POR QUILOMETRO

Rudy

HAVAS
Um Brinde que deslumbra.
Por ser o melhor brandy.
Por ser o mais antigo.
Brandy
CONSTANTINO

Um

TRABALHO
ASSINADO

LITOGRAFIA NACIONAL

HONRA A
INDÚSTRIA
NACIONAL